

CENTRO CULTURAL QUILOMBOLA

ARQUITETURA PARTICIPATIVA NA COMUNIDADE CAIANA DOS CRIoulos

Cibele Medeiros de Medeiros



Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Centro de Tecnologia e Recursos Naturais - CTRN

Unidade Acadêmica de Engenharia Civil - UAEC

Curso de Arquitetura e Urbanismo - CAU

CENTRO CULTURAL QUILOMBOLA

Arquitetura participativa na comunidade Caiana dos Crioulos

Cibele Medeiros de Medeiros

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Fúlvio Teixeira de Barros Pereira

Campina Grande, Paraíba.

2022



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CNPJ nº 05.055.128/0001-76
COORDENACAO DE GRADUACAO EM ARQUITETURA E URBANISMO
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900
Telefone: (83) 2101-1400
Site: <http://ctrn.ufcg.edu.br> - E-mail: ctrn@ufcg.edu.br

DECLARAÇÃO

Processo nº 23096.050551/2022-11

O Trabalho de Conclusão de Curso "CENTRO CULTURAL QUILOMBOLA: ARQUITETURA PARTICIPATIVA NA COMUNIDADE CAIANA DOS CRIOULOS", foi apresentado por **CIBELE MEDEIROS DE MEDEIROS**, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Unidade Acadêmica de Engenharia Civil, Curso de Arquitetura e Urbanismo.

APROVADO EM: 29 de AGOSTO de 2022

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. FÚLVIO TEIXEIRA DE BARROS PEREIRA
Orientador – Presidente

Prof. Dr. MARCUS VINICIUS DANTAS DE QUEIROZ
Examinador Interno

M488c Medeiros, Cibele Medeiros de.
Centro Cultural Quilombola: arquitetura participativa na comunidade Caiana dos Crioulos / Cibele Medeiros de Medeiros. – Campina Grande, 2022.
14 f. : il. color.
Monografia (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, 2022.
"Orientação: Prof. Dr. Fúlvio Teixeira de Barros Pereira".
Referências.
1. Arquitetura. 2. Projeto de Arquitetura. 3. Arquitetura Participativa. 4. Equipamento Cultural. 5. Comunidade Quilombola. 6. Arquitetura Vernacular. I. Pereira, Fúlvio Teixeira de Barros. II. Título.

CDU 72(043)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA SEVERINA SUELI DA SILVA OLIVEIRA CRB-15/225

Profa. Dra. GERMANA COSTA ROCHA
Examinadora Externa



Documento assinado eletronicamente por **MARCUS VINICIUS DANTAS DE QUEIROZ, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/08/2022, às 15:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **FULVIO TEIXEIRA DE BARROS PEREIRA, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/08/2022, às 15:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **2666595** e o código CRC **75EB853C**.

Referência: Processo nº 23096.050551/2022-11

SEI nº 2666595

“Reconhecer identidades em um ambiente plural é fundamental nas sociedades contemporâneas e (...) é preciso que se assumam também as feridas, os sofrimentos e as injustiças históricas dos quais grupos minoritários e minorizados foram vítimas em dado contexto.”

(BRANDÃO, 2020, p.4)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos moradores de Caiana dos Crioulos, em especial Nalva, Cida, Luciene e Elza, pela hospitalidade e pelos aprendizados que pude adquirir durante todas as visitas e conversas. Sem a participação da comunidade, esse trabalho e projeto não existiriam. Também agradeço a Fúlvio, meu orientador, por toda a atenção, sugestões e conhecimentos fornecidos, possibilitando a elaboração do trabalho.

Agradeço também à minha família, principalmente minha mãe e meus irmãos, por todo o suporte e amor. À minhas amigas de longa data, Zilli, Lilian e Dos Anjos, obrigada por nunca desistirem de mim, mesmo sumida por conta do TCC. Também sou grata pelas amizades que o curso de Arquitetura e Urbanismo me proporcionou, em especial, Dora, Aninha, Josete e Samara. Agradeço a Neto, por me acompanhar em todas as jornadas à Caiana e a Ariel, que está ao meu lado desde o início do curso, sempre me apoiando e tornando os dias mais leves.

Também gostaria de agradecer a todos os professores que contribuíram para minha formação e à Larissa Brito, arquiteta e amiga que me acompanhou durante meu estágio, por todas as oportunidades e ensinamentos.

RESUMO

Os quilombos, formados majoritariamente por cativos africanos fugitivos, de culturas e origens diversas, tornaram-se símbolo de luta e resistência negra contra as opressões e abusos do regime escravocrata. E, devido à importância histórica e cultural, seus documentos, sítios e reminiscências históricas tornaram-se patrimônio cultural brasileiro, a partir da Constituição Federal de 1988. Diante disso, essa pesquisa tem como tema a qualificação do ambiente construído dos quilombos, com base em estudo de caso da comunidade quilombola Caiana dos Crioulos. Seu objetivo é desenvolver anteprojeto arquitetônico de centro cultural para a comunidade quilombola Caiana dos Crioulos. De forma mais específica, tem por fim: (1) adequar programa de necessidades às demandas socioculturais e coletivas da comunidade (função); (2) propor solução arquitetônica integrada à identidade do ambiente construído local, seja natural ou construído (forma) e (3) explorar soluções construtivas adequadas às condições socioeconômicas locais e às práticas construtivas da comunidade (técnica). Para isso, o desenvolvimento do projeto de arquitetura se apoia em Avaliação Pós-Ocupação (APO) do ambiente construído existente, além de estudo histórico do local e estudo de projetos correlatos. Como resultado, constata que a participação da comunidade no processo de projeto foi imprescindível para a criação de uma proposta arquitetônica adequada ao contexto em que está inserida, podendo atender aos desejos e necessidades da comunidade.

Palavras-chave: *Participação; Equipamento Cultural; Projeto de Arquitetura; Comunidade Quilombola; Arquitetura Vernacular.*

ABSTRACT

Formed mostly by escaped African captives, of diverse cultures and origins, the *quilombos* became a symbol of black resistance and battle against the oppressions and abuses of the slave regime. Due to its historical and cultural importance, since the Federal Constitution of 1988, the *quilombola's* documents, sites, and historical reminiscences have become Brazilian cultural heritage. Therefore, this research has as its theme the qualification of the built environment of quilombos, based on the case study of the quilombola community Caiana dos Crioulos. Its objective is to develop an architectural draft project of a cultural center for the quilombola community Caiana dos Crioulos. More specifically, it aims to: (1) adapt the program needs to the sociocultural and collective demands of the community (function); (2) propose an architectural solution integrated to the identity of the local built environment, whether natural or built (form) and (3) explore constructive solutions suited to the local socioeconomic conditions and the community's constructive practices (technical). For this, the development of the architectural project is supported by a Post-Occupancy evaluation (POE) of the existing built environment, in addition to a historical study of the site and the study of related projects. As a result, it is verified that the participation of the community in the design process was essential for the creation of an architectural proposal suited to the context in which it is inserted, being able to meet the wishes and needs of the community.

Key-words: *Participation; Cultural Center; Architecture Design; Quilombola Community; Vernacular Architecture.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. A IDENTIDADE DOS QUILOMBOS	19
1.1. Quilombos no Brasil	20
1.2. Práticas culturais quilombolas	23
1.3. Arquitetura dos quilombos	25
2. CAIANA DOS CRIoulos	35
2.1. Caracterização da comunidade	36
2.2. O ambiente construído	42
2.3. As atividades culturais	52
3. DESEJOS DA COMUNIDADE	59
3.1. A participação na arquitetura	60
3.2. APO em Caiana dos Crioulos	61
3.3. Demandas para o Centro Cultural	67
4. PROJETOS CORRELATOS	72
4.1. Parque Memorial Quilombo dos Palmares	74
4.2. Palenque Cultural Tambillo	77
4.3. Pavilhão da Nuvem Flutuante	82
5. O CENTRO CULTURAL	87
5.1. Programa de necessidades e pré-dimensionamento	88
5.2. Definição e caracterização do terreno	91
5.3. Proposta	94
5.4. Aspectos construtivos e identidade	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	133
APÊNDICES	136

INTRODUÇÃO

Durante o período colonial, entre os séculos XVI e XIX, predominava nas Américas sociedades escravistas, que exploravam mão-de-obra indígena e principalmente africana. Segundo Gomes (2015, p.8), os cativos trazidos do continente africano, apesar de possuírem diferentes culturas, costumes, línguas e religiões entre si, foram transformados na visão europeia em um povo homogêneo, em uma tentativa de apagar suas individualidades e identidades, buscando amenizar e justificar as opressões e abusos do sistema escravista.

Símbolo de luta e resistência negra contra o regime escravocrata, os quilombos ou mocambos, como eram inicialmente denominados, compreendiam comunidades majoritariamente rurais de escravos fugitivos de culturas e origens diversas (em alguns casos, também se encontrava índios e desertores militares) em busca de sobrevivência e autonomia. Reflexo da diversidade de origens de seus membros, os quilombos tornaram-se verdadeiros berços culturais.

Atualmente, as comunidades remanescentes de quilombos estão espalhadas por todo o país e muitas vezes são ignoradas pelas políticas públicas, apesar de serem protegidas por legislação federal, como consta nos Artigos 68, 215 e 216 da Constituição Federal de 1988. As lideranças quilombolas se mantêm em constante luta por reconhecimento, cidadania, inclusão e principalmente contra o racismo e preconceito, consequências diretas da escravidão que até hoje fazem parte do dia a dia dos brasileiros.

Caiana dos Crioulos é uma comunidade remanescente de quilombos e está situada na Zona Rural entre os municípios de Matinhas e Alagoa Grande, na Paraíba. Atualmente, a comunidade se mantém através da agricultura de subsistência, de empregos na construção civil, da ajuda de programas governamentais e, nos últimos anos, vem buscando gerar renda através do turismo rural de base comunitária, por meio de programas como Vivenciando Caiana, Festa do Coco, luaus com contação de histórias e valorização da gastronomia quilombola.

A partir de uma demanda levantada por representantes da comunidade local, de valorização do potencial turístico de Caiana, compreendeu-se a necessidade de projetar espaço voltado para a realização de atividades culturais dentro do quilombo. Posterior-

mente, também foi observado que Caiana apresenta sérios problemas de perda de identidade e descaracterização de suas edificações, êxodo populacional e desunião.

O êxodo populacional preocupa os moradores, que temem a perda de suas tradições e da memória coletiva do seu povo. E, para a comunidade local, a valorização cultural e a geração de emprego e renda dentro do quilombo podem reverter essa situação. Nessa direção, a construção de centro cultural atende à demanda por espaço de convívio, memória e valorização do patrimônio histórico e cultural do quilombo de Caiana, além de contribuir para o desenvolvimento social e econômico da comunidade, gerando maior independência financeira para os moradores locais e, em consequência, evitando o êxodo de sua população.

Frente a isso, esta pesquisa tem como objetivo geral desenvolver anteprojeto arquitetônico de centro cultural para a comunidade quilombola Caiana dos Crioulos. E, de forma mais específica, tem por fim:

1. adequar programa de necessidades às demandas socioculturais e coletivas da comunidade (função);
2. propor solução arquitetônica integrada à identidade do ambiente construído local, seja natural ou construído (forma);
3. explorar soluções construtivas adequadas às condições socioeconômicas locais e às práticas construtivas da comunidade (técnica).

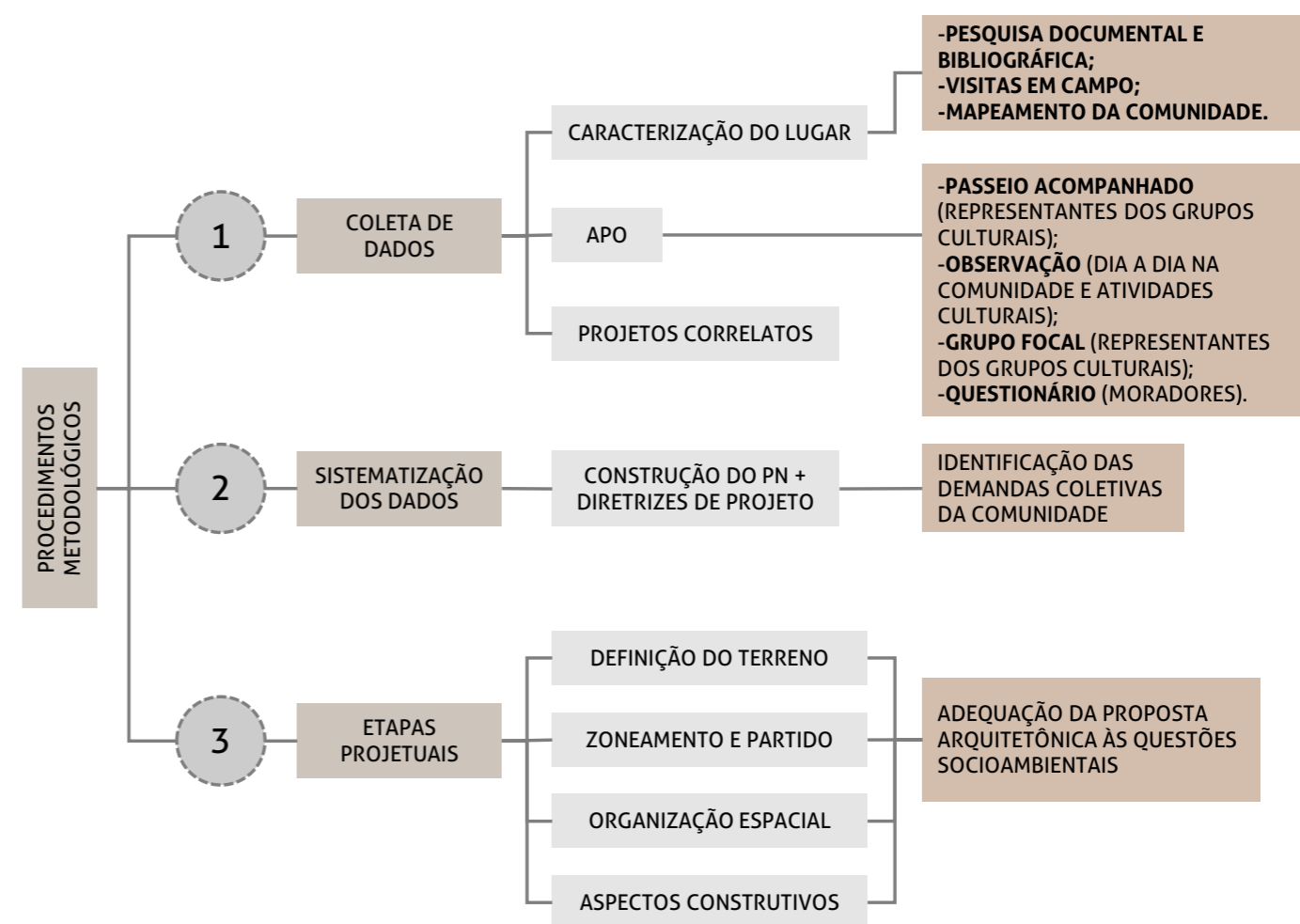
Para isso, a pesquisa se baseia na participação da comunidade no processo projetual, através da utilização da metodologia de Avaliação Pós-Ocupação (APO), permitindo a compreensão das necessidades e desejos da comunidade. Foram utilizadas as seguintes técnicas de APO: (1) passeio acompanhado ou walkthrough com representantes de grupos culturais da comunidade, (2) observação não-participante do dia a dia dos moradores em Caiana e suas atividades culturais, (3) entrevista semiestruturada com grupo focal formado por seis pessoas chave da comunidade local e (4) questionário aplicado com os moradores do quilombo.

E, por envolver a participação de seres humanos, essa pesquisa foi submetida e aprovada (em 22 de novembro de 2021) pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 51334721.1.0000.5182).

Também foram realizados estudo histórico do local e estudo de projetos correlatos, a fim de caracterizar a área em estudo ao longo do tempo e de identificar estratégias de projeto em arquiteturas similares.

Essas atividades foram organizadas na seguinte sequência (conforme a Figura 1): primeiro, coleta de dados, para caracterização do lugar em estudo, identificação das percepções e desejos da comunidade, através de aplicação de APO, e estudo de projeto correlatos; segundo, sistematização dos dados, através da construção de programa de necessidades do Centro Cultural; terceiro, desenvolvimento do projeto de arquitetura.

Figura 1 - Diagrama de procedimentos metodológicos.



Fonte: AUTORA, 2021.

1

CAPÍTULOUM

**A IDENTIDADE
DOS QUILOMBOS**

1.1. Quilombos no Brasil

No decorrer de quase três séculos, a partir da “conquista” do Novo Mundo, os povos do continente africano foram vítimas da escravidão, sendo roubados de suas famílias, suas terras, desprovidos de qualquer liberdade e proibidos de expressar suas individualidades. Mesmo possuindo entre si diversas origens, religiões, conhecimentos e culturas riquíssimas e distintas, foram tratados como meras mercadorias e passaram a ser encarados na visão eurocêntrica como uma unidade só, os escravos africanos (GOMES, 2015, p.8).

Gomes (2019, p. 255-260) aponta que o Brasil recebeu cerca de 47% do total de cativos traficados em todo o continente americano. E esses tiveram distribuição variada no país. Dos cativos desembarcados no Brasil, um terço deles (cerca de 2,3 milhões de pessoas) tiveram como destino a região Sudeste, especialmente o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. O segundo destino mais recorrente foi a Bahia, que importou cerca de 1,5 milhão de cativos, seguida por Pernambuco com 854 mil. Já a Amazônia importou 142 mil escravos e foi o último grande destino das viagens negreiras no país.

Quanto à origem, dos cativos desembarcados na região Sudeste, quase a totalidade deles veio de Angola. Metade dos cativos traficados para a Bahia tinham como origem Nigéria, Benin e Togo e a outra metade era de origem angolana. Dos escravos desembarcados em Pernambuco, 90% saíram de Angola e do Congo. E a maioria dos que foram destinados ao Maranhão e Pará vinham da chamada Senegâmbia (atualmente Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau e Guiné-Conacri), conforme Gomes (2019, p. 260).

Durante todo o criminoso regime escravista, várias foram as formas de protesto dos escravizados contra os abusos e intolerâncias, como: insurreições, rebeliões e principalmente fugas, que originaram o que hoje conhecemos como quilombos. Quilombos ou mocambos, como eram inicialmente denominados, compreendiam agrupamentos formados por fugitivos da escravidão, como forma de manterem sua identidade, independência e garantirem sua liberdade. Essas comunidades, formadas majoritariamente por cativos africanos, foram a principal forma de resistência e luta contra a escravidão no país.

As fugas, muitas vezes coletivas, eram originadas de situações propícias, como conflitos coloniais, revoltas e motins, enfraquecendo as tropas e permitindo o escape. Em boa parte das vezes, também contavam com a ajuda de outros cativos. Gomes (2015, p.19) relata que, ao contrário do que inicialmente pode-se inferir, a mobilidade das comunidades quilombolas e a presença de conexões com comerciantes, trabalhadores livres e principalmente os cativos da região, que os informavam sobre possíveis planos de ataques, foram fundamentais para a permanência e sobrevivência dos quilombos.

A sobrevivência dos mocambos também se deu a partir da dificuldade de acesso de seus sítios, que era possibilitada tanto por meio de fatores geográficos, como topografia íngreme, quanto pela instalação de sistemas de defesas e fortificações com estacas, muralhas e falsos caminhos com armadilhas, como destaca Gomes (2015, p.34-37). E os fatores geográficos e culturais tinham também grande influência no tipo de economia de cada quilombo, além da articulação informal com o sistema econômico da região onde se estabeleciam.

Os quilombos surgiram em todo o país e em diversos contextos geográficos. De maioria rural, podiam estar localizados em densas florestas de difícil acesso, planaltos, montanhas, pântanos; podiam ser comunidades móveis e até mesmo suburbanas, assumindo formas de organização toleradas pelo regime vigente, como destacam Gomes (2015, p.16) e Nascimento (2019, p.281).

Os quilombos continuaram se reproduzindo e se expandindo no país, mesmo após a abolição da prática escravista no território brasileiro. Gomes (2015, p.120) destaca que no século XX, os quilombos tornaram-se invisíveis e estigmatizados pela falta de políticas públicas, que ignoraram sua existência. O estigma gerado fez com que os próprios moradores dos quilombos recusassem a denominação de quilombolas ou ex-escravos.

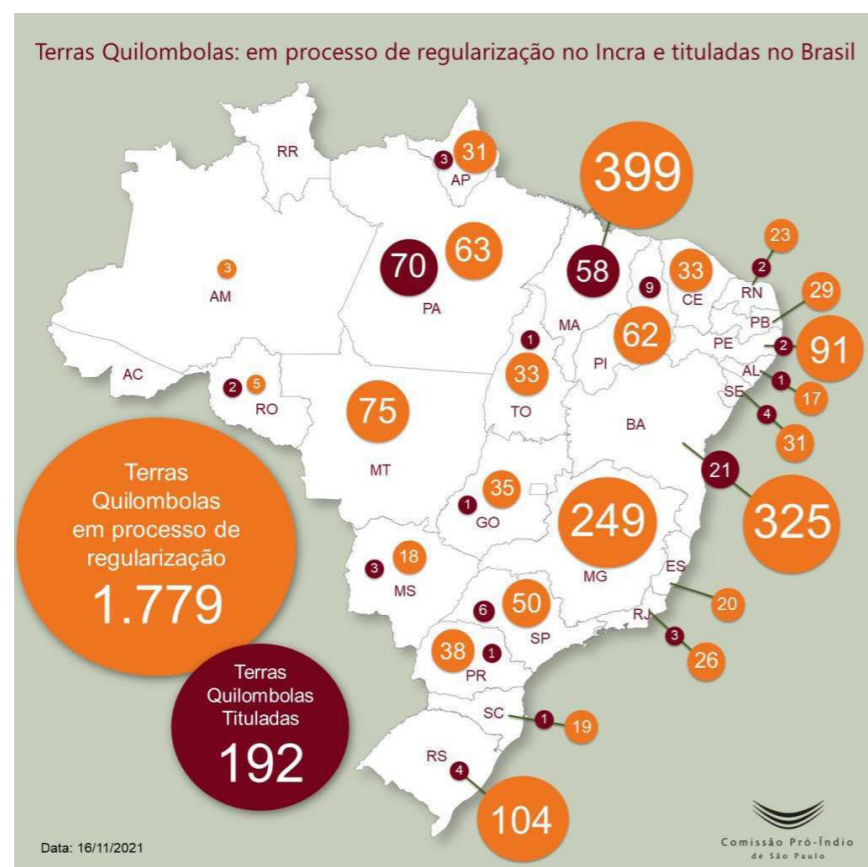
Cunha Junior (2012, p.164) destaca que os movimentos de consciência negra que surgiram a partir de 1970 acarretaram a tomada de consciência sobre os aspectos territoriais e as possibilidades sociais do povo afro-brasileiro, levando a uma nova forma de lutarem por seus direitos, como a posse legal de suas terras. As lutas de reconheci-

mento e consciência negra transformaram as comunidades quilombolas em sinônimos de luta e resistência contra o regime escravista e a discriminação racial.

A partir de toda a luta do movimento negro e devido à importância histórica e cultural dos quilombos, as comunidades remanescentes quilombolas passaram a ser reconhecidas na Constituição de 1988 como patrimônio cultural da nação, quando também foram reconhecidos seus direitos sobre a posse de suas terras e sua cidadania.

Até o ano de 2021, a Fundação Cultural Palmares certificou cerca de 3.475 comunidades remanescentes de quilombos no Brasil (dessas, 46 estão localizadas no estado da Paraíba). Dos territórios das comunidades que foram reconhecidas, apenas 192 foram titulados no Brasil e 1.779 encontram-se em processo de regularização no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Incra (Figura 2). Portanto menos de 6% das terras pertencentes a comunidades remanescentes de quilombos foram regularizadas no país.

Figura 2 - Terras quilombolas em processo de regularização no Incra e tituladas no Brasil.



Fonte: Comissão Pró-Índio de São Paulo, 2021.

1.2. Práticas culturais quilombolas

Ao chegarem ao continente americano, os cativos africanos, de diferentes tribos, rivais ou não, depararam-se com um obstáculo ainda maior, o colonizador. E precisaram esquecer os conflitos tribais do seu continente, criando uma identidade africana como forma de sobrevivência. Nos quilombos, os fugitivos da escravidão puderam desenvolver um modo de vida bem mais próximo ao que vivenciavam nos seus locais de origem, com organização social própria e utilizando os materiais locais.

Nesse contexto, originavam-se culturas inteiramente novas com fortes matrizes africanas, mas desenvolvidas de maneira singular, englobando práticas culturais de diversos povos adaptadas a um novo cenário (GOMES, 2021, p.255).

Na grande maioria dos quilombos do país, utilizava-se a agricultura como forma de subsistência e comercializava-se os excedentes. Também era comum a produção e comercialização de utensílios, saques a fazendas e povoados, atividades de mineração e o extrativismo. Segundo Nascimento (2019, p.74), a organização econômica e social em muitos quilombos no Brasil se espelhava na tradição africana do comunitarismo agrícola, onde a terra e o que se produzia nela era compartilhado com todos da comunidade.

Weimer (2014, p. 170) classifica os quilombos em dois tipos, os dependentes, que mantinham relações comerciais, roubos e assaltos como forma de sobrevivência e eram comunidades nômades, e os quilombos autossuficientes, que sobreviviam da agricultura e possuíam edificações permanentes. Os dados sobre a organização espacial e a materialidade empregada originalmente nos quilombos brasileiros são muito escassos. Weimer (2014) e Gomes (2015) analisam a espacialidade dos mocambos por meio de mapas produzidos em 1769 pelos comandantes de uma expedição contra os quilombos, disponíveis na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Estima-se que as comunidades representadas nos documentos possuíam populações que variavam de 350 a 1100 habitantes. Todos os mocambos identificados nos mapas se dedicavam à agricultura, possuíam organização político-administrativa bem estruturada, similar ao que se observa nas culturas banta e sudanesa, e as fortificações estavam sempre presentes, sendo comumente cercados de estacas, muralhas e falsos

caminhos com armadilhas. Gomes (2015, p. 27) também destaca a complexidade das organizações econômicas dos mocambos, que mantinham lavouras, fabricavam farinha, produziam roupas e fabricavam utensílios e ferramentas, além da manufatura do couro.

As comunidades quilombolas dão grande valor às tradições e práticas culturais de seus antepassados, que fazem parte do dia a dia de seus moradores. Era através da cultura, das músicas, danças e rituais, que os povos escravizados encontravam forças para continuar lutando e resistindo. Com plena consciência desse fato, a sociedade escravista buscava, em contrapartida, formas de impedir as manifestações culturais e religiosas de matrizes africanas. Tais repressões não cessaram após a abolição da escravidão como instituição legal e, até os dias de hoje, as religiões de origem africana são vítimas de preconceito, restrições, ofensas e perseguições (NASCIMENTO, 2019, p.35 e 115).

Nascimento (2019, p.109) ressalta que a arte afro-brasileira está intrinsecamente relacionada ao culto e às religiões de matrizes africanas, assim como destaca Gomes (2021, p.271), que afirma que “as práticas religiosas estão entre as contribuições mais fundamentais dos africanos escravizados à cultura brasileira”. Portanto, apesar de todas as tentativas de repressões e perseguições, a cultura brasileira funda-se em influências africanas originadas de seus cânticos rituais.

Assim como foram forçados a abandonar suas religiões africanas, também foi imposto aos povos escravizados que eles abandonassem suas línguas de origem e adotassem a língua portuguesa. Para os povos vindos da África, a oralidade era a base da herança cultural e, com tal agressão linguística, ia se perdendo também partes do patrimônio cultural de diversos povos (NASCIMENTO, 2019, p.129 e 131).

É possível encontrar comunidades remanescentes de quilombos distribuídas em todo o território nacional, compreendendo uma população total de cerca de 1,2 milhão de moradores. Segundo Gomes (2021, p.381), 75% dessas pessoas vivem atualmente em estado de pobreza extrema. Tais comunidades são de maioria rural, mas também podem estar localizadas no meio urbano, e enfrentam até os dias atuais dificuldades relacionadas ao direito de suas terras, acesso à educação e infraestrutura básica, como: rede de

esgoto, rede de abastecimento de água, coleta de lixo, estradas pavimentadas e transporte público (FURTADO et al., 2014, p.112).

Atualmente, boa parte das comunidades quilombolas ainda têm a agricultura como forma de subsistência. Além disso, muitos quilombos, cientes de sua grande riqueza cultural, passaram a contar com o turismo como forma de geração de emprego e renda, a exemplo das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, SP; do Quilombo do Campinho da Independência, em Paraty, RJ; Quilombo Kalunga, em Cavalcante, GO; entre tantos outros. E não é rara a comunicação entre moradores de diferentes comunidades remanescentes de quilombos, que passam a compartilhar suas vivências, conhecimentos e expressões culturais, como uma forma de cooperação.

Atualmente, essas comunidades ainda enfrentam lutas a favor da igualdade social, liberdade de expressão cultural e religiosa, cidadania, reconhecimento de suas terras e necessidade de políticas públicas de cultura, saúde e educação que as contemplem. Ao mesmo tempo, desempenham importante papel de representação e memória da cultura afro-brasileira.

1.3. Arquitetura dos quilombos

São poucas as informações sobre a forma e materialidade das edificações quilombolas. Nesse sentido, o estudo comparativo de Weimer (2020) entre a arquitetura encontrada no continente africano e a arquitetura popular brasileira é uma fonte de informações relevante. Também é oportuno, como faz esse autor, reconhecer inicialmente as particularidades das construções africanas.

Dentre os oito grandes grupos étnicos que compõem a África (nilotas, hamitas, nilota-hamitas, sudaneses, bacas, bantos, sans e koikois), os que tiveram maior influência na formação do povo brasileiro foram os sudaneses e os bantos (Figura 3).

Figura 3 - Grupos étnicos pré-coloniais do continente africano.

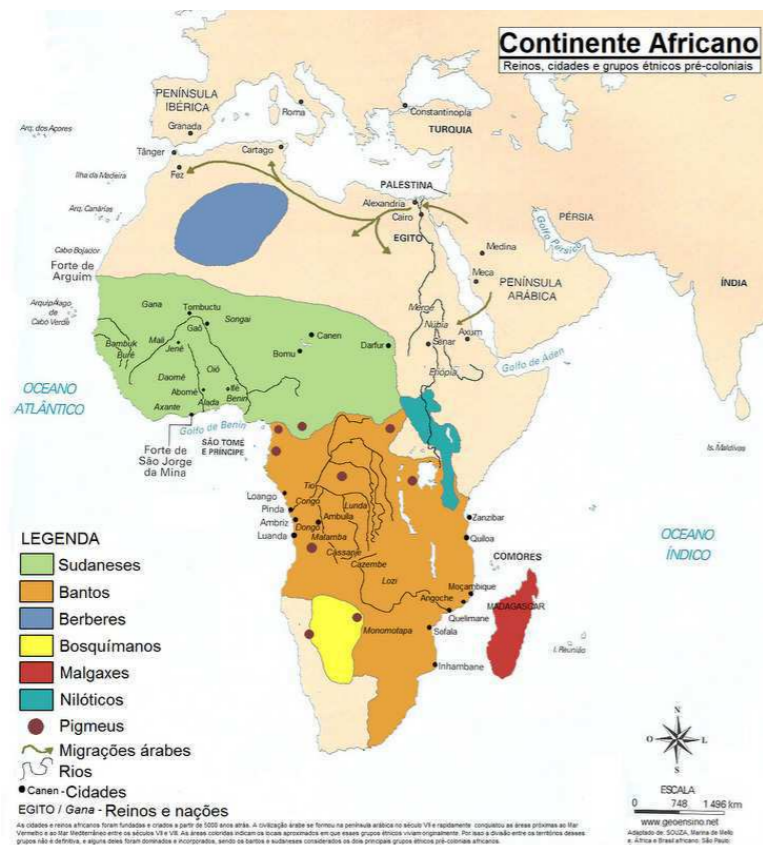
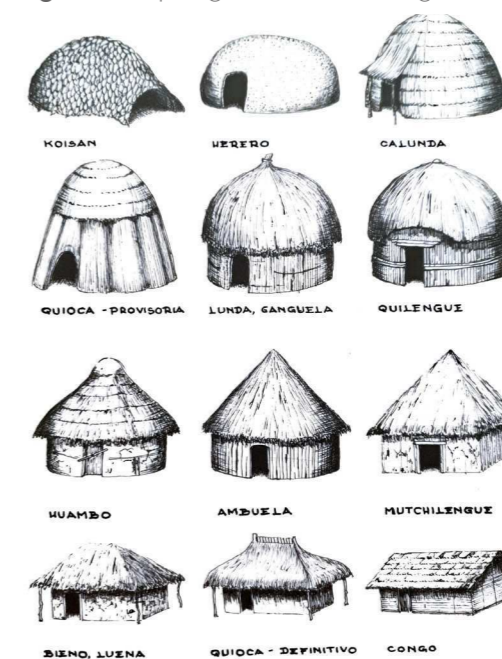


Figura 4 - Tipologias de cubatas angolanas.



Fonte: Weimer, 2014, p.113.

Os bantos foram o primeiro grupo africano trazido ao Brasil e eram provenientes, sobretudo, de Moçambique e Angola. Consequentemente, muitas das características da arquitetura popular brasileira tiveram influência desse grupo. A arquitetura banta se caracteriza pela presença de edificações (cubatas) monofuncionais pertencentes a uma mesma família, que juntas formam uma residência (Kraal). Cada Kraal é delimitado por uma cerca, que pode ser composta por vegetação, palha ou galhos, assim como observase no nordeste brasileiro.

As formas mais simples e antigas de cubatas são as que possuem planta circular e podem ter uma grande variedade de coberturas. As plantas circulares foram evoluindo para a planta oval ou quadrada e posteriormente foi dando lugar à retangular (Figura 4). Inicialmente, as cubatas não possuíam divisórias internas, mas foi se tornando cada vez mais comum a utilização de tabiques e, posteriormente, de paredes no seu interior. As edificações geralmente são térreas, com pé direito baixo e área reduzida (as cúpulas dificilmente possuem diâmetro maior que 2,5m).

Como a região ocupada por esse grupo é caracterizada por uma variedade de fauna e limitada variedade de vegetação, isso não favoreceu o desenvolvimento da carpintaria. Para a construção das vedações utilizava-se a taipa e o adobe, utilizando a matéria-prima da região e as edificações geralmente não possuíam janelas. Nas fachadas, utiliza-se a ornamentação externa como símbolo de poder e valoriza-se a utilização de cores quentes e vivas. Os bantos possuem uma variedade de técnicas de escultura das paredes e é frequente a utilização do recurso visual do claro e escuro.

Nas coberturas, utiliza-se estrutura de madeira coberta com gramíneas e palhas e, para evitar incêndios, reveste-se de argila. As cobertas, em geral, possuem largos beirais e é comum a presença de varandas. E o processo de construção assume uma forma de confraternização, ao envolver geralmente toda a família ou mesmo os vizinhos, num processo de mutirão.

As edificações são construídas de forma a possibilitar deslocamentos. Por isso, nelas são utilizados materiais que podem ser facilmente encontrados, como a terra, ou que podem ser desmontados e reutilizados em outras localidades, como a madeira. Em contrapartida, evita-se a utilização de materiais como a pedra.

Por sua vez, os sudaneses se caracterizam por possuir urbanização em índices mais elevados e pelo maior desenvolvimento da agricultura em detrimento da pecuária. Suas edificações são monofuncionais, assim como as dos bantos, e a junção dessas edificações formam uma morança (similar a uma casa). O conjunto de moranças forma uma tabanca (aldeia). Geograficamente, ficam localizados na área tropical, abrangendo três áreas distintas entre o deserto e o oceano: áreas superúmidas, savanas e pré-deserto.

Segundo Weimer (2020, p. 299), a arquitetura das áreas de pré-deserto e de savanas influenciaram muito pouco a arquitetura brasileira. São observadas no Brasil muitas das características arquitetônicas das áreas superúmidas, caracterizadas pela presença de mangues e lagos, florestas densas e clima úmido. Nessas localidades, são frequentes as aldeias e cidades construídas sobre palafitas a fim de obter melhor conforto térmico. No Brasil, essa solução construtiva se tornou corriqueira ao Brasil, sobretudo em localidades ribeirinhas ou em áreas de mangue.

A arquitetura sudanesa caracteriza-se principalmente pelo extenso uso da taipa e do adobe, adotando uma grande variedade de técnicas, como raspagem e esculpimento das paredes de taipa e tratamento cromático através da aplicação de barro em diferentes tonalidades. Evitavam a utilização da pedra (seu uso se limitava às fundações) e as coberturas eram compostas por estrutura de madeira coberta com fibras vegetais, como a palha, possuindo largos beirais ou varandas para proteger as vedações. A madeira era utilizada principalmente nas coberturas, construções sobre palafitas e cercados e a presença de janelas era pouco usual (Figura 5).

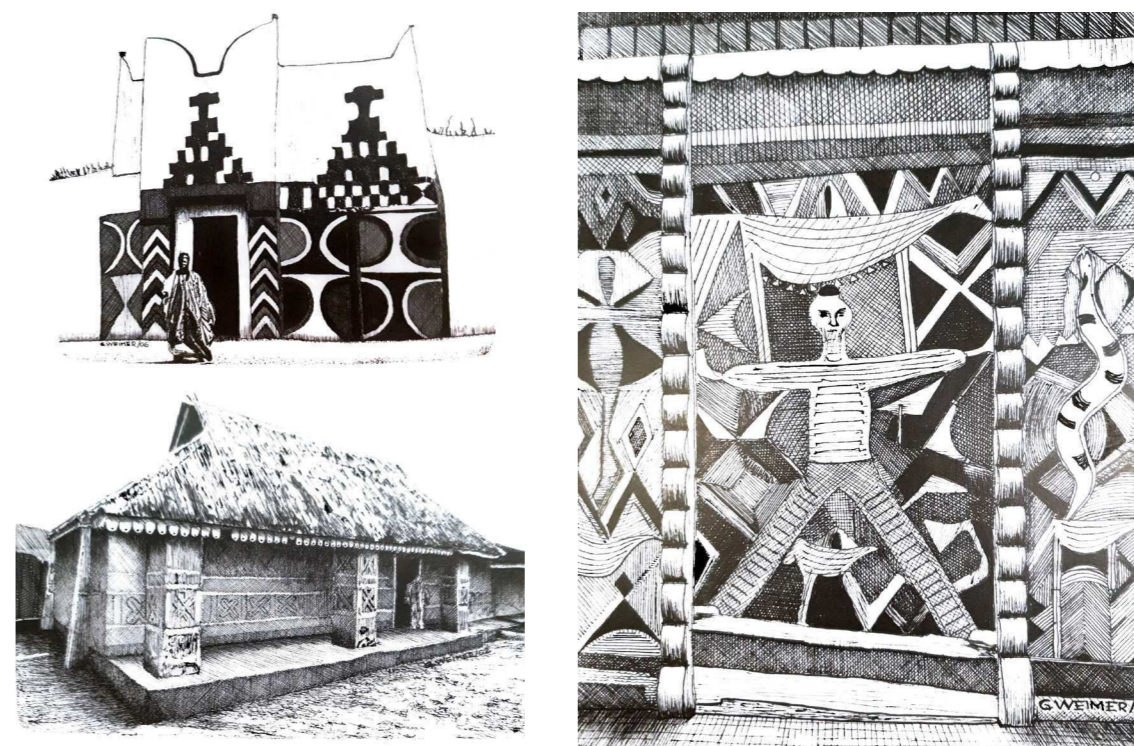
Figura 5 - Esquema de uma casa de taipa de sopapo sudanesa da cultura Euê na região de Adzope, na



Fonte: Weimer, 2014, p.41.

Devido à variedade de culturas presentes na região, também se encontra uma variedade de tipologias de edificações. É possível observar casas retangulares de duas águas, casas quadradas de quatro águas, casas do tipo cone sobre cilindro, casas sobre palafitas, casas-pátios, entre outras infinitudes de organizações espaciais. Também é possível observar uma grande variedade de acabamentos e decorações na fachada das edificações, com destaque especial para os palácios (Figura 6).

Figura 6 - Variedades de decorações em edificações sudanesas.



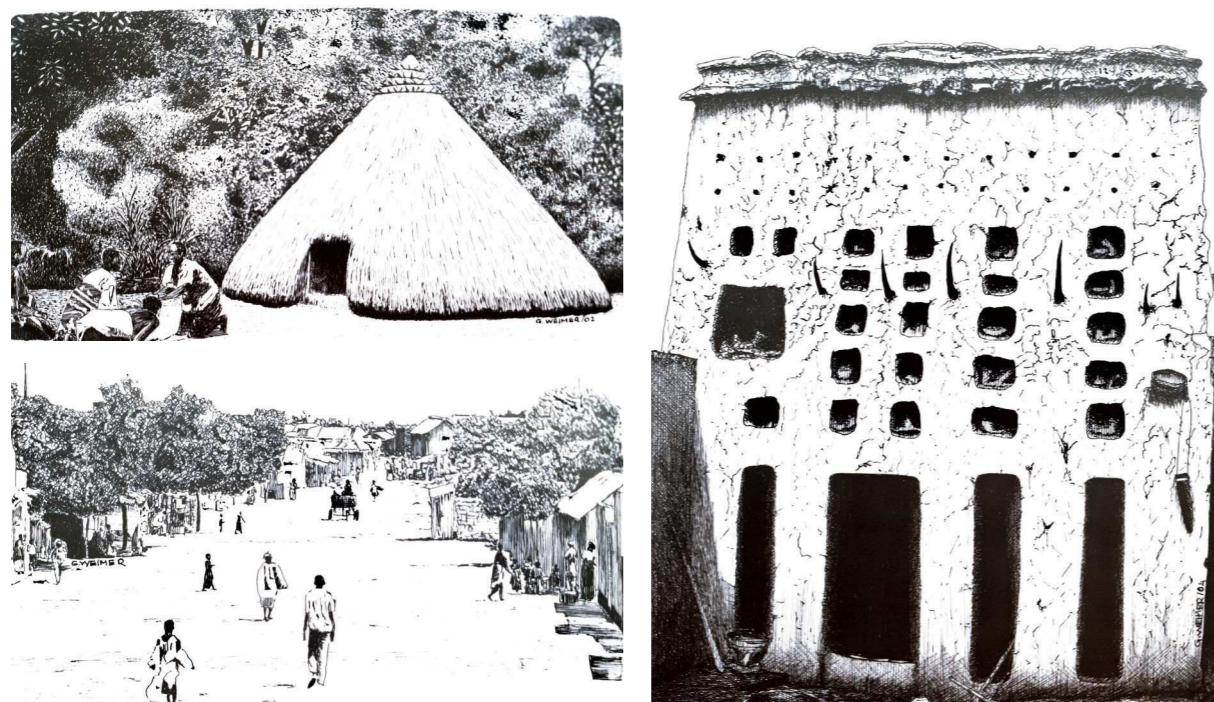
Fonte: Weimer, 2014, p.52, 54 e 77.

Os sudaneses se diferenciavam dos bantos pela forma em que realizavam suas práticas religiosas. Os bantos as realizavam individualmente, dentro das cubatas, já os sudaneses possuíam um local nas aldeias dedicado para tais práticas, os chamados “bosques sagrados”, que no Brasil vieram a ser denominados “terreiros”. Esse espaço consiste em um pátio descoberto para a prática de danças e rituais, circundado por árvores e edificações conhecidas no Brasil como “casas de santo”.

No centro de muitas aldeias também se encontrava praças e edificações de destaque como o palácio do chefe local, templos, casas dos anciãos e memoriais. A praça abrigava atividades comerciais, serviços comunitários e artesanais e, também funcionava como local de encontro. Já nas cidades maiores, o destaque era dado para as grandes avenidas que cruzavam a cidade, que além de serem utilizadas como vias de comunicação também adotavam o papel comercial e social das antigas praças.

O processo de salvaguarda da memória dos povos sudaneses se dava sobretudo de duas maneiras: pessoas que dedicavam suas vidas a memorizar a história do seu povo e a repassar todo esse conhecimento para seus sucessores e edificações com a função de memoriais. Os memoriais eram locais de exposição que consistiam em uma parede de taipa com vários nichos, cada um dedicado a um antepassado, no qual eram guardados objetos que remetesse à sua vida (Figura 7).

Figura 7 - Bosque sagrado, avenida e memorial sudanês.



Fonte: Weimer, 2014, p.99, 102 e 106.

Analisando a arquitetura dos bantos e sudaneses, percebe-se a riqueza da arquitetura tradicional africana, que é capaz de se adaptar a diversos tipos de climas, adotando técnicas para manter maior conforto térmico e garantir maior sustentabilidade do processo de construção, como: a utilização de varandas, palafitas e ventilação cruzada com efeito chaminé. O processo construtivo é executado de maneira coletiva e são utilizados os materiais disponíveis localmente.

De toda forma, não se pode confundir a arquitetura praticada nos quilombos brasileiros com diretas reproduções da arquitetura africana. A arquitetura dos quilombos culminou com a assimilação das técnicas construtivas dos povos vindos da África e muitas vezes também havia influências indígenas e das técnicas construtivas portuguesas. Também foi necessária a adequação dessa arquitetura aos diferentes materiais e ferramentas disponíveis no local, além de condicionantes como a topografia, vegetação, tipo de solo e o clima local. Dessa forma, a arquitetura quilombola possuía fortes raízes africanas, mas criou-se uma arquitetura própria brasileira (PRADO et al., 2021, p.08).

Com base em registros fotográficos (Figura 8), eram inicialmente comuns nos quilombos brasileiros as edificações com cobertura de palha e vedações em taipa e adobe, possíveis de serem executadas com materiais e mão-de-obra locais. Também são frequentes a utilização de estruturas de madeira roliça a fim sustentar a cobertura ou prolongar o telhado para formar varanda. Eram, diante do isolamento dessas comunidades, predominante a utilização de materiais naturais, como a terra e a madeira.

Figura 8 - Edificações quilombolas.



Fonte: Lunara, 1900, e André Cypriano, 2006.

Ao longo do tempo, materiais mais convencionais e duradouros foram adotados nessas construções, a exemplo das telhas e tijolos cerâmicos. Também se tornaram mais frequentes o uso de janelas para controle da ventilação e/ou iluminação dos ambientes.

Em geral, essas edificações se assemelham, quanto aos materiais e solução formal, às autoconstruções de populações vulneráveis no Brasil, embora nos quilombos, graças à grande disponibilidade de terras, prevaleça um maior espaçamento entre as edificações, que, em geral, são construções isoladas entre si, como comum às construções rurais. Essas são construções de pequeno porte, mesmo nos dias de hoje, já que o predominate trabalho local, agricultura, dá-se ao ar livre.

O exemplo mais famoso de quilombo brasileiro, o Quilombo dos Palmares, manteve sua existência e resistência durante um século (aproximadamente entre 1595 e 1695) e resistiu a cerca de 27 tentativas de destruição pelo regime vigente, até a morte de Zumbi, seu último líder, no dia 20 de novembro de 1695, data elegida no Brasil como dia nacional da consciência negra.

Palmares já chegou a atingir uma população de cerca de 30 mil pessoas, formada por africanos que resistiam à escravidão, indígenas e brancos foragidos. Consistia-se em uma confederação de cerca de 18 mocambos, que possuíam organização social e política à maneira tradicional africana. Tinham como base o comunitarismo agrícola, produção agrícola diversificada, eram qualificados na arte da guerra e realizavam a venda ou permuta dos excedentes com seus vizinhos.

A República dos Palmares se situava em florestas onde estão hoje os estados de Alagoas e Pernambuco e ocupava área territorial equivalente a 1/3 do tamanho de Portugal. A primeira ocupação dessas terras ocorreu por volta de 800 anos atrás por povos indígenas e, posteriormente, por fugitivos da escravidão no século XVII, dando origem ao que conhecemos hoje como Quilombo dos Palmares.

Os locais escolhidos eram íngremes, de difícil acesso e com armadilhas e fortificações para impedir ataques, seguindo estratégias militares desenvolvidas na África como: trincheiras cobertas com estrepes, valas defensivas, pântanos artificiais e falsos caminhos (GOMES, 2021, p. 387).



Figura 9 - Placa indicando a chegada à comunidade Caiana dos Crioulos.
Fonte: Tatiana Medeiros, 2015.

2

CAPÍTULO DOIS

CAIANA DOS CRIoulos

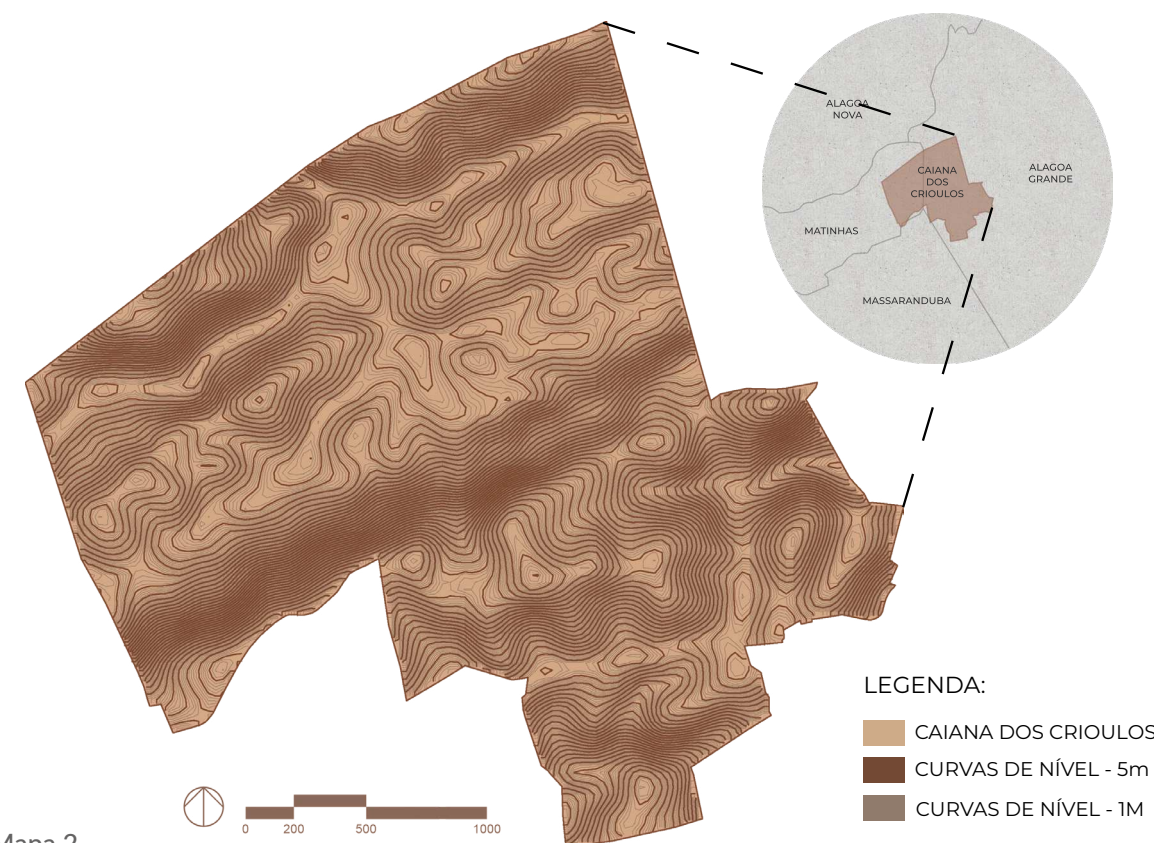
2.1. Caracterização da comunidade

Caiana dos Crioulos, na Paraíba, localiza-se na zona rural entre os municípios de Matinhas e Alagoa Grande. Desse último, localidade mais próxima, dista aproximadamente 12 quilômetros (Mapa 1).

A origem dessa comunidade quilombola é incerta. Há, segundo Lima (2015), quatro versões sobre seu surgimento. Uma versão sugere que os primeiros habitantes de Caiana foram oriundos de uma rebelião em Mamanguape, ocorrida durante desembarque do navio que aportou em Baía da Traição. Outra versão sugere que os primeiros quilombolas de Caiana vieram de Areia, após uma campanha abolicionista que gerou rebeliões e fugas de ex-escravizados. Há a versão que Caiana dos Crioulos pode ter surgido após a destruição do Quilombo de Palmares, quando alguns sobreviventes possivelmente migraram para o território onde hoje é Caiana. Também há a versão que o povoamento pode ter se formado em vários momentos distintos, característica muito recorrente aos quilombos, que acabavam acolhendo escravizados fugitivos de diferentes origens.

Quanto a seu território, após abolida a escravidão no país, os quilombolas de Caiana adquiriram, segundo Falconi (1949), a vasta porção de terra por eles ocupada e passaram a cultivá-la como propriedade coletiva da comunidade. Grande parte dessa área foi, no entanto, tomada por proprietários vizinhos. E, apenas em agosto de 2020, a comunidade obteve a imissão de posse do seu território. A demarcação territorial feita pelo INCRA compreende uma área de aproximadamente 646 hectares.

O terreno de Caiana é acidentado e de difícil acesso, como mostra o Mapa 2. Essas características exerceram papel importante para a permanência e sobrevivência do quilombo, mantendo-o encoberto e dificultando ataques. Nos pontos mais altos do terreno, a altitude é de aproximadamente 400m. Atualmente seu acesso se dá pela estrada com previsão de interligar Alagoa Grande e Campina Grande, passando por Caiana dos Crioulos. No entanto, o trecho até Campina Grande não foi construído, enquanto o outro está em processo de pavimentação.



Mapa 2-
Topografia - Caiana dos Crioulos.
Fonte: Topodata, adaptado pela autora, 2021.

Sua população é majoritariamente feminina, sendo formada por cerca de 650 moradores, organizados em 135 famílias, segundo dados coletados por agentes de saúde na comunidade no ano de 2021. Esse perfil da população é resultante da emigração dos homens de Caiana para outros estados, especialmente Rio de Janeiro. Gomes (2021, p.380 e 381) explica que em Pedra de Guaratiba, bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro, se concentram boa parte dos homens que saíram de Caiana em busca de emprego, criando um quilombo-filial carioca com o mesmo nome de sua comunidade original, Caiana dos

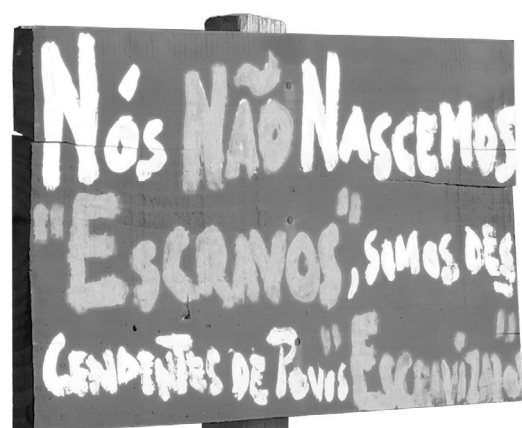
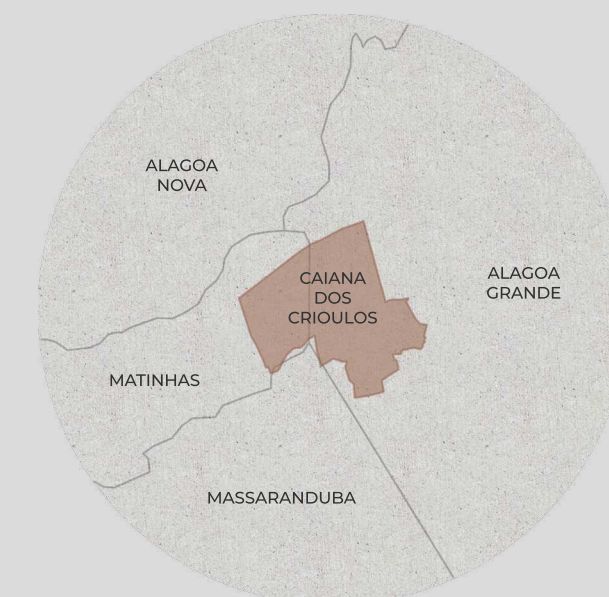
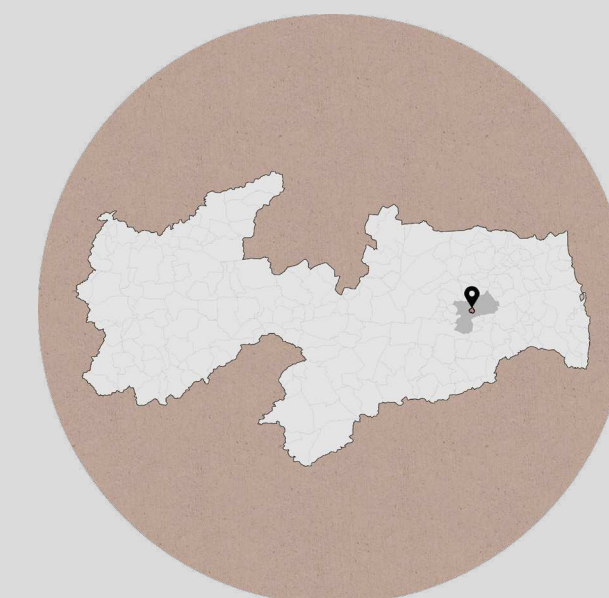


Figura 10 -
Placa com afirmação, feita pelos moradores de Caiana dos Crioulos.
Fonte: Acervo pessoal, 2021.

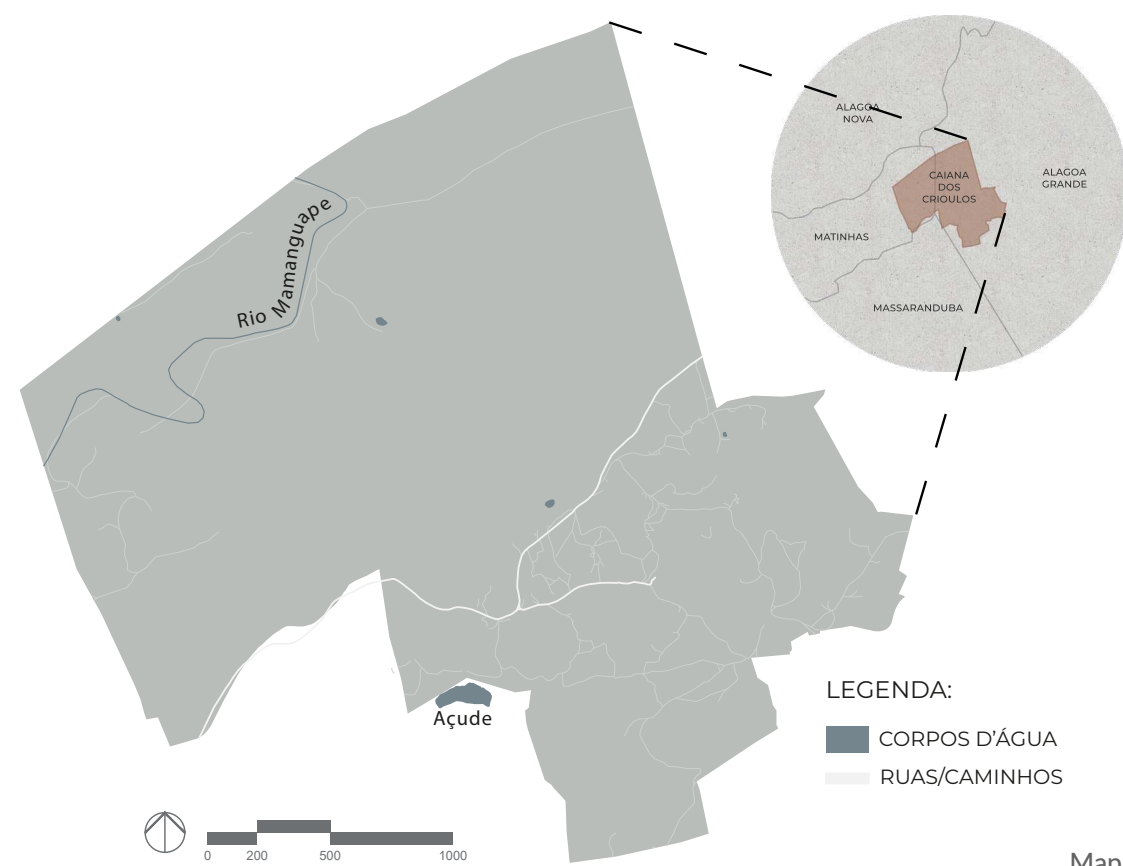


Mapa 1-
Localização de Caiana dos Crioulos.
Fonte: INCRA, adaptado pela autora, 2021.

Crioulos. Os jovens de Caiana também se dirigem para cidades vizinhas para dar continuidade a seus estudos ou em busca de melhores condições de vida.

O êxodo populacional em Caiana preocupa os moradores, que temem perder suas tradições e a memória coletiva de seu povo. Para reverter essa situação, a comunidade busca meios de valorizar a cultura local e incentivos de políticas públicas dirigidas à comunidade. Nessa direção, os representantes locais destacam que é preciso que os próprios moradores do quilombo reconheçam sua riqueza cultural e seu potencial econômico, a fim de se manterem na comunidade, gerando renda e melhorias na qualidade de vida local.

Outro problema da comunidade é a falta constante de água. Inicialmente, o abastecimento de água se dava principalmente por meio de poços e nascentes. Esse problema se intensificou, após a construção de açude na parte sudoeste da comunidade (Mapa 03), que desviou os rios e córregos da região. E, devido à falta de manutenção e da ausência de mata ciliar, o açude sofreu assoreamento e atualmente está desativado.



Mapa 3 -
Corpos d'água - Caiana dos Crioulos.
Fonte: AUTORA, 2021. Produzido a partir de imagens do Google Earth, 2018.

De acordo com os dados coletados pelo censo demográfico do IBGE em 2010, apenas 10,43% das residências possuíam abastecimento de água por rede geral. E, mesmo atualmente, o acesso à água se dá por meio de caminhões-pipa e por armazenamento da água da chuva em cisternas.

Também é precária a rede de esgotamento sanitário. Até os dias de hoje, em Caiana não há esgotamento sanitário via rede geral de esgoto. Em 2010, a maioria dos domicílios (89,32%) utilizava fossa rudimentar e uma pequena fração (3,88%) fazia uso de valas. Na mesma época, nenhum domicílio possuía lixo coletado, segundo o IBGE, e o problema persiste até os dias atuais. O descarte é realizado através de queimas na propriedade e lançamento do lixo em terrenos baldios (Figura 11).

Em contrapartida, segundo os dados do IBGE (2010), 100% das casas possuíam energia elétrica. O fornecimento de energia na comunidade deu-se através do Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso de Energia Elétrica - Luz para Todos (LPT).

Do ponto de vista econômico, a comunidade se mantém atualmente através da agricultura de subsistência, de trabalhos externos no setor da construção civil e da ajuda de programas governamentais.

Quanto à agricultura, são cultivadas frutíferas de sequeiro, como cajá, banana e manga, são cultivados grãos, como feijão, fava e milho, e predomina o cultivo de mandioca, da qual é realizada a farinhada (Figura 14). São cultivadas também plantas medicinais, a exemplo da moringa, que é uma árvore proveniente de Angola, bastante representativa da comunidade e cujas propriedades analgésicas e anti-inflamatórias (dentre outras) ainda estão em estudo pela comunidade científica. Essa tradição de utilizar plantas medicinais, no entanto, vem se perdendo. Também são criados animais por alguns agricultores, como: porcos, cabras, vacas, bezerros e galinhas, a fim de gerar uma espécie de “poupança viva” (Figura 12).

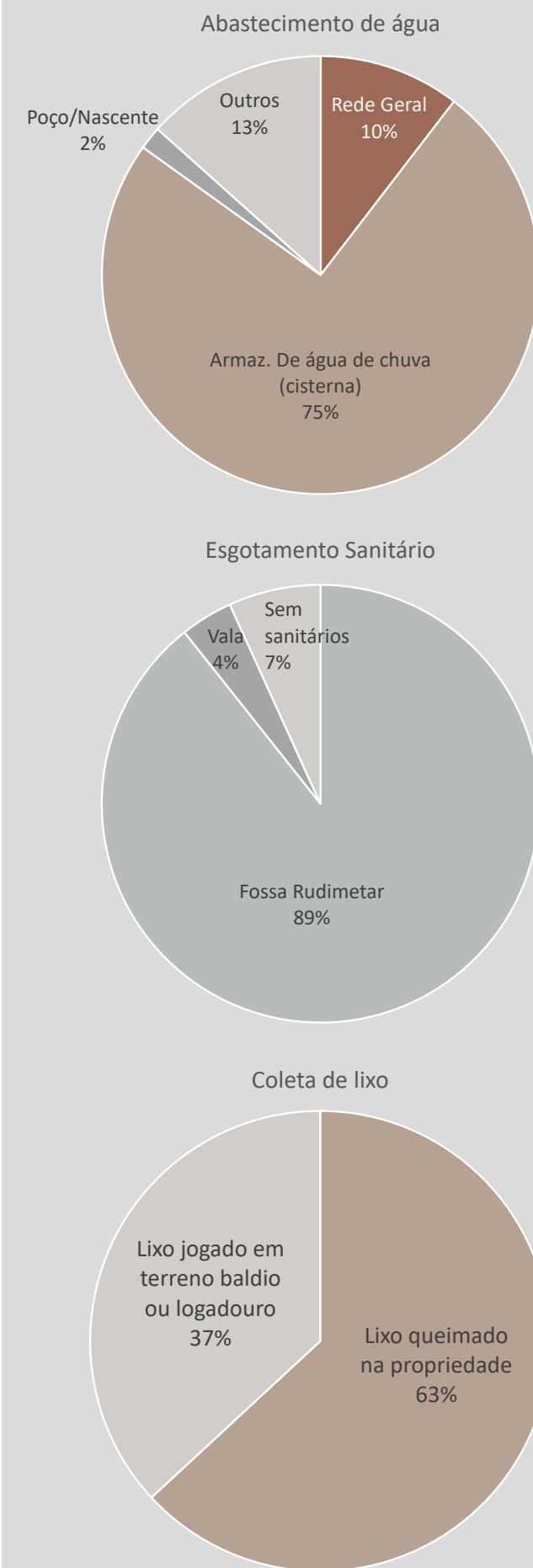


Figura 11-
Gráficos de Infraestrutura em Caiana dos Crioulos.
Fonte: Censo demográfico IBGE, 2010.

Figura 12 - Vegetação e criação de animais em Caiana dos Crioulos.



Fonte: <https://www.instagram.com/quilombocaiana/>

Nos últimos anos, a comunidade busca gerar renda através do turismo rural de base comunitária, por meio de programas como o Vivenciando Caiana (Figura 13), Festa do Coco, luaus com contação de histórias e valorização da gastronomia quilombola. Esses eventos são organizados pelos moradores e envolvem a comunidade e os turistas.

Figura 13 - Banner de divulgação do evento Vivenciando Caiana em 2019.



Fonte: <https://www.instagram.com/quilombocaiana/>

2.2. O ambiente construído

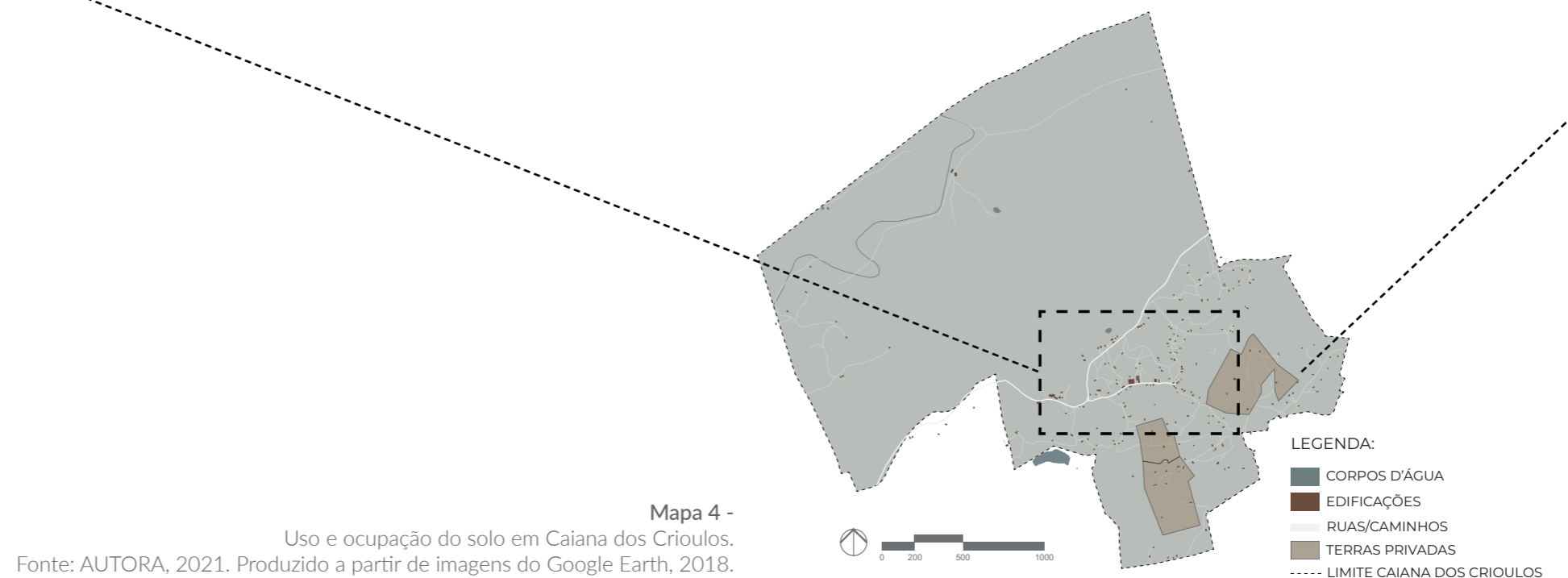
Como comum a comunidades rurais de base agrícola, as edificações de Caiana dos Crioulos são afastadas entre si para permitir que cada família tenha no entorno de sua moradia áreas próprias para cultivo das plantações.

Caiana possui uma grande rua central, que é cruzada pela estrada de acesso à comunidade. Ao longo dessa rua se concentram os equipamentos de uso comunitário, como escola, museu e posto de saúde, e comércios e serviços, como restaurante e alojamento (Mapa 04).

Ao mesmo tempo, verifica-se duas áreas com característica próprias. Na porção oeste, há uma concentração de equipamentos públicos próximos entre si e sob responsabilidade de instituições externas, da qual fazem parte Centro de Referência de Assistência Social, Capela de Santa Luzia (religião católica) e Museu Quilombola, além de comércios. Na porção leste, os equipamentos públicos têm implantação mais dispersa e maior diversidade de usos e de instituições ou pessoas responsáveis. Nessa porção, estão Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Firmo Santino da Silva, da qual faz parte ginásio coberto (construído em frente), Associação de Moradores, restaurantes, antiga Casa de Farinha e ruína de antiga casa quilombola, além de templo da Assembleia de Deus (religião evangélica).



LEGENDA: ■ USO RESIDENCIAL ■ USO COMERCIAL ■ USO INSTITUCIONAL ■ USO CULTURAL



Mapa 4 -

Uso e ocupação do solo em Caiana dos Crioulos.
Fonte: AUTORA, 2021. Produzido a partir de imagens do Google Earth, 2018.



01

O Museu Quilombola foi fundado em 2015 e é um local que gera discordâncias entre os moradores, por ter sido criado por pessoas de fora da comunidade e só ser aberto eventualmente. O prédio onde ele está inserido era o local onde ocorriam as reuniões da Associação de Moradores.

Figura 14 -
Museu Quilombola.
Fonte: Acervo pessoal, 2021.



02

Este trecho da rua possui algumas edificações comerciais, entre elas, a lanchonete Vó Maria.

Figura 15 -
Lanchonete Vó Maria.
Fonte: Acervo pessoal, 2021.



03

Ao lado da lanchonete também existem outras edificações comerciais, como loja de bijuterias, venda de gás, oficina e borracharia.

Figura 16 -
Edificações comerciais em Caiana.
Fonte: Acervo pessoal, 2021.



04

A comunidade possui um Centro de Referência de Assistência Social - CRAS, administrado pela prefeitura de Alagoa Grande - PB.

Figura 17 -
CRAS Unidade Quilombola.
Fonte: Acervo pessoal, 2021.



05

Ao lado do CRAS está localizada a UBSF Damião Nunes Pereira, também administrada pela prefeitura do município de Alagoa Grande.

Figura 18 -
UBSF Damião Nunes Pereira.
Fonte: Acervo pessoal, 2021.



06

A capela de Santa Luzia é uma igreja católica, fundada no ano de 1981 pelos próprios moradores. As imagens presentes nela são quadros de Jesus Cristo e discípulos negros.

Figura 19 -
Capela de Santa Luzia.
Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Em contradição à presença de dois equipamentos religiosos (Capela de Santa Luzia e a Assembleia de Deus), não há na comunidade nenhum ambiente ou espaço claramente definido para as religiões de matriz africana, como Candomblé e Jurema. Pois essas atividades religiosas costumavam ser praticadas na comunidade de maneira oprimida. Quem participava dos terreiros e celebrações religiosas o fazia de maneira encoberta. Devido à forma com que tais religiões eram vistas dentro da comunidade (por influências externas), as práticas do Candomblé e da Jurema foram sendo abafadas e hoje em dia não existem mais os terreiros. Atualmente, ainda existem alguns praticantes destas religiões em Caiana, mas a prática ocorre de maneira bem mais camuflada e sigilosa. É necessário que haja uma maior tolerância religiosa, conscientização e desconstrução dos preconceitos enraizados acerca das práticas religiosas afro-brasileiras, não só na comunidade estudada, como em todo o país.



Mapa 5 -
Localização dos equipamentos comunitários em Caiana dos Crioulos - Trecho 01
Fonte: AUTORA, 2021. Produzido a partir de imagens do Google Earth, 2018.



O palhoção foi inaugurado em outubro de 2021 e foi construído a partir de ações promovidas pela comunidade, a partir de arrecadações e realização de mutirão para sua construção.

Figura 20 -
Palhoção Mestre João Maria.
Fonte: Acervo pessoal, 2022.



Ao lado do Palhoção, foi construída uma hospedagem para visitantes, inaugurada no ano de 2022.

Figura 21 -
Hospedagem.
Fonte: Ednalva Rita do Nascimento, 2022.



O restaurante Rita de Chicó foi inaugurado em 2019 e vem trazendo maior visibilidade para o quilombo, com arquitetura e comidas locais.

Figura 22 -
Restaurante Rita de Chicó.
Fonte: Ednalva Rita do Nascimento, 2021.



Na mesma rua, também existe mais um restaurante, que encontra-se em processo de expansão e atualmente atende a população de Caiana.

Figura 23 -
Restaurante em construção para visitantes e moradores de Caiana.
Fonte: Acervo pessoal, 2021.



Ao lado do restaurante, existe mais uma casa para hospedagem de visitantes.

Figura 24 -
Hospedagem para visitantes.
Fonte: Acervo pessoal, 2021.



A Casa de Farinha comunitária foi fundada em 1988 e construída pelos moradores em um mutirão. Ela é utilizada até os dias de hoje e no interior da edificação existe um forno, prensa, peneira e motor, permitindo a realização da farinha.

Figura 25 -
Casa de Farinha.
Fonte: Acervo pessoal, 2021.



O ginásio foi uma conquista dos quilombolas, pois antes não havia um local adequado para a realização de atividades esportivas, mas muitos moradores não se identificam com a edificação por não haver elementos que gerem identidade.

Figura 26 -
Ginásio da escola.
Fonte: Acervo pessoal, 2021.



A Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva foi fundada em 2001 e atende crianças e adolescentes até o nono ano. A escola possui 6 salas e atende em média 197 alunos.

Figura 27 -
Escola Firmo Santino da Silva.
Fonte: Acervo pessoal, 2021.



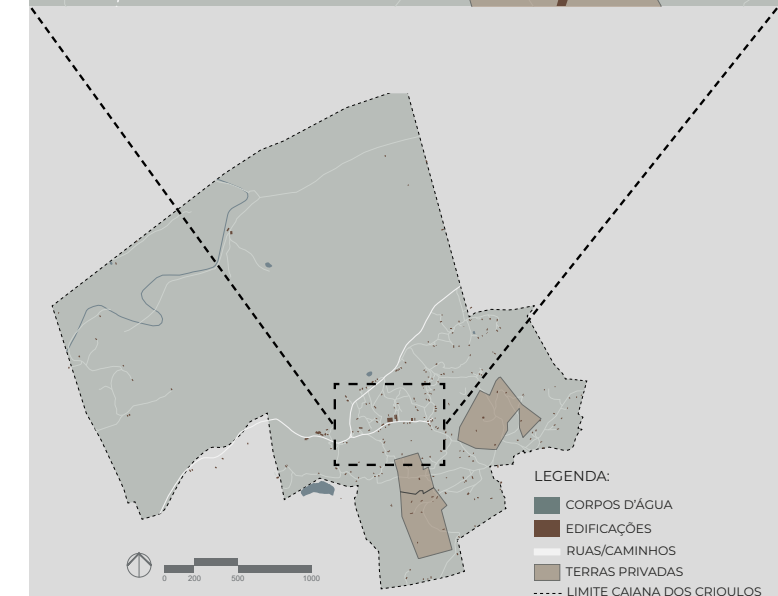
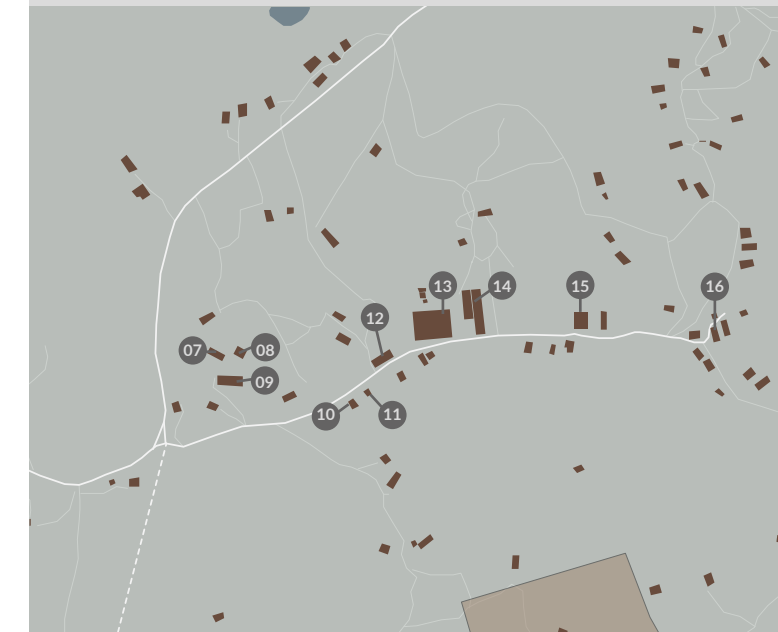
A associação de moradores foi fundada em Maio de 1989 pelo mestre João Maria, junto com outras lideranças do quilombo, para ouvir e atender as demandas da comunidade e tornar possível a reivindicação dos direitos dos quilombolas de Caiana.

Figura 28 -
Associação de Moradores de Caiana.
Fonte: Acervo pessoal, 2021.



Em Caiana, também existe uma Assembleia de Deus, fundada no ano de 2005.

Figura 29 -
Assembleia de Deus em Caiana.
Fonte: Gerlane Salvino, 2020.



Mapa 6 -
Localização dos equipamentos comunitários em Caiana dos Crioulos - Trecho 02
Fonte: AUTORA, 2021. Produzido a partir de imagens do Google Earth, 2018.

Por sua vez, as residências são dispersas no território, para permitir que cada família tenha no entorno de sua moradia áreas próprias para cultivo das plantações. O acesso a essas localidades se dá através de estreitos caminhos de terra batida acomodados à topografia local.

As construções locais são marcadas pela simplicidade construtiva, utilização de materiais locais e pela autoconstrução. Em registro antigo de Falconi (1949, p.8), tais características já eram percebidas, quando esse autor relatava que as habitações eram “feitas de barro e cobertas de palha. Com apenas uma porta na frente e outra no fundo, não são aglomeradas em forma de arruamento”.

Originalmente, esses edifícios tinham vedações em taipa, técnica, como já exposto, muito praticada pelos povos bantos e sudaneses no continente africano e muito comum em residências populares no Brasil. Ao longo do tempo, a taipa foi sendo substituída por tijolos de adobe produzidos pela própria comunidade, mas ainda utilizando a terra local como material básico para construção. As coberturas tinham estrutura de madeira e telhado de palha de coqueiro e palmeiras, de modo semelhante às práticas construtivas bantas e sudanesas e, até mesmo, às práticas dos indígenas do Brasil.

Tais edifícios eram executados pela própria comunidade, de modo que as técnicas utilizadas e as soluções formais buscadas refletiam suas vivências e experiências culturais assim como a limitada disponibilidade de recursos técnicos e econômicos, diante da necessidade de viverem, grande parte do tempo, em clandestinidade para se protegerem.

Atualmente, as construções continuam sendo executadas pela comunidade, pois vários moradores trabalham em construção civil, artesanato e carpintaria. A prática construtiva em Caiana é tida como uma maneira de confraternização e é realizada em regime de mutirão, por meio da ajuda de diversas famílias. Porém, passaram a ser utilizados materiais e técnicas construtivas convencionais, a exemplo da alvenaria de tijolos cerâmicos cozidos. Esses, produzidos e comprados em olarias próximas, podem agora ser transportados à comunidade, graças a facilidade de acesso das vias carroçáveis. Também começam a aparecer estruturas de concreto armado (Figura 30).

Figura 30 - Casa de taipa, casa com tijolos produzidos na comunidade e edificação recente.



Fonte: Ednalva Rita do Nascimento (2022) e Acervo pessoal (2021).

Em contrapartida, perde-se o domínio das técnicas construtivas tradicionais, sobretudo daquelas baseadas no uso da terra, e o aproveitamento de seu potencial econômico e sustentável. Isso é contraditório, pois o sítio de Caiana dos crioulos possui muita matéria-prima para construção civil, como o barro de qualidade, que pode ser utilizado para a confecção de tijolos e telhas, além de criação de tintas com as diversas tonalidades de barro (como vem sendo feito por moradores locais).

Essas mudanças construtivas também refletem a inserção dos moradores locais em atividades de construção civil externas à comunidade. Daí é natural que suas práticas cotidianas de construção sejam reproduzidas nas edificações locais.

Em construções efêmeras, como o palhoção (espaço coberto destinado à realização de danças e apresentações coletivas), seus telhados ainda utilizavam a palha. Porém, nos últimos anos, foi dando-se preferência pela cobertura com lonas e pela construção de novo palhoção, inaugurado em 2022, construído com telhas cerâmicas compradas em olaria.

De toda forma, ainda permanece o predomínio da simplicidade construtiva e a incorporação de habilidades individuais nas soluções formais das edificações. Na Figura 31, é possível observar os adornos nos pilares, produzido por artesão local e a utilização do bambu como eletroduto, para possibilitar o carregamento de celulares. Também são executados painéis e coberturas em palha de coqueiro. E são percebidos pilares de tijolos cerâmicos armados, a apontar a habilidade da comunidade local em potencializar o apro-

veitamento dos materiais construtivos e minimizar os custos de execução, ao, nesse caso, suprimir a necessidade de utilização de formas de madeira.

Figura 31 - Detalhes de autoconstrução no restaurante Rita de Chicó.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

A presença da cor é um aspecto recorrente à arquitetura local. As paredes dos edifícios em Caiana são geralmente revestidas de reboco e pintadas com as mais diversas cores, inclusive com tinta produzida localmente à base de barro e cola. Em edificações mais significativas, como a casa de farinha e a sede da associação de moradores, existem ilustrações representando diversos aspectos culturais da comunidade (figura 14). Cores também dão identidade a janelas e portas de madeira. Também o piso de cimento queimado, muito utilizado por seu baixo custo e facilidade de execução, também assume, por vezes, colorações diversas, como o piso vermelho do restaurante.

Figura 32 - Presença de cores nas fachadas e interiores.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

2.3. As atividades culturais

As atividades culturais fazem parte do dia a dia dos moradores de Caiana e as principais expressões culturais presentes na comunidade estão relacionadas à música. Os ritmos musicais mais significativos são o coco de roda, a ciranda, dança afro, maculelê e capoeira e a comunidade possui diversos grupos culturais com o objetivo de manter viva a cultura. Entre eles, estão: Grupo Desencosta da Parede (coco de roda e ciranda), grupo Edite do Coco (coco de roda), grupo Cor da Terra (dança afro), grupo de capoeira e maculelê e o Coletivo Cultural Caiana dos Crioulos (Figura 33).

Figura 33 - Grupo de dança afro Cor da Terra e Coletivo Cultural Caiana dos Crioulos.



Fonte: [instagram.com/quilombocaiana](https://www.instagram.com/quilombocaiana) e [instagram.com/ritadechico](https://www.instagram.com/ritadechico).

Segundo Nalva, representante do Coletivo Cultural, é comum a confecção dos instrumentos por artesãos locais. Um dos principais instrumentos é a zabumba, que sempre foi confeccionada na comunidade e era feito da madeira da macaíba e do jeni-papo (árvore histórica da comunidade). Outros instrumentos muito utilizados são o ganzá, o triângulo e o pífano. Além de instrumentos, os artesãos e carpinteiros em Caiana produzem os mais diversos produtos, como: Pannels de barro, louças, diversos tipos de artesanatos, cadeiras, camas, entre outros (Figura 34).

Figura 34 - Instrumentos típicos e venda de artesanatos em Caiana dos Crioulos.



Fonte: [instagram.com/ritadechico](https://www.instagram.com/ritadechico) e Marina Prado, 2021.

Na comunidade, também existem diversos rituais tradicionais, como a celebração do nascimento, denominada cachimbo, o casamento, que consiste em três dias de celebração e geralmente ocorrem nos meses de dezembro e janeiro e o festejo de São João, realizado entre as famílias da comunidade, quando se reza a novena de São João, tocam e dançam ciranda a noite inteira e joga-se, ao final, as cinzas das fogueiras ao redor das casas para desejar prosperidade e vida longa. Outro ritual presente até os dias de hoje é a reza da excelência nos falecimentos, em que se passa a noite inteira cantando e rezando.

Outra tradição presente em Caiana é a farinhada, que é o processo de fabricação da farinha feito em mutirão e que se torna uma forma de celebração coletiva, com pessoas tocando instrumentos, cantando e dançando. Com relação à culinária, também existem diversos pratos típicos da comunidade, como a farofa grolada (prato chefe do casamento), a galinha de capoeira com cabidela, o quarenta (farofa de cuscuz com alguns temperos), arroz doce, feijão verde na farofa de mandioca, molho de peixe com malassada de ovo, além de uma diversidade de cocadas (com ervas medicinais, frutas e legumes) e os temperos produzidos no quilombo (Figuras 35 e 36).

Figura 35 - Farinhada e comidas típicas.



Fonte: [instagram.com/ritadechico](https://www.instagram.com/ritadechico).

Figura 36 - Cocadas e temperos.



Fonte: [instagram.com/quilombocaiana](https://www.instagram.com/quilombocaiana).

Outras tradições da comunidade, no entanto, vêm se perdendo ao longo do tempo, como o cultivo de plantas medicinais e a presença de parteiras. As parteiras foram sendo impedidas de acompanhar as gestantes nos partos em hospitais e devido à dificuldade de transporte e de acesso à cidade de Alagoa Grande, muitas mulheres acabam tendo seus filhos na estrada, sem o suporte das parteiras locais nem da medicina convencional.

Atualmente, os moradores de Caiana ainda não conseguem garantir seu sustento por meio da cultura. Com o objetivo de reverter a situação, foi criado o projeto Vivenciando Caiana no ano de 2016, com o intuito de gerar emprego e renda para os moradores por meio de atividades culturais. Suas atividades foram em 2020 interrompidas, devido a pandemia do COVID-19, e foi retomada em 2022. O Vivenciando é um projeto de turismo rural de base comunitária desenvolvido pelos moradores do quilombo e consiste em apresentações culturais, degustação da culinária quilombola, trilhas com contação de histórias e venda de artesanatos e comidas típicas (Figura 37).

Figura 37 - Palhoção e barraquinhas no Vivenciando Caiana.



Fonte: Luciene Tavares, 2016.

Durante a trilha do Vivenciando, o visitante tem a chance de conhecer uma das mais significativas lendas da comunidade, a Pedra do Reino Encantado (Figura 38). A pedra fica localizada em um vale, em meio à vegetação, e possui inscrições em um alfabeto até hoje não identificado. Reza a lenda que quem conseguir decifrar o que está escrito na pedra, desencanta o Reino Encantado, que se transforma em uma cidade. Diversos moradores também relatam ter visto aparições no local, como vozes e cantos em outras línguas, botas de ouro, bonecos, uma coberta/colcha brilhante estendida sobre a pedra, entre outros relatos.

Figura 38 - Pedra do Reino Encantado.



Fonte: [instagram.com/quilombocaiana](https://www.instagram.com/quilombocaiana).

Acredita-se que a inscrição na pedra pode ter sido feita pelos primeiros quilombolas de Caiana em sua língua de origem ou pode ter sido cravada por índios que viviam na região antes da chegada dos colonizadores. As pessoas mais antigas da comunidade relatam que inicialmente era possível ver com clareza as inscrições na pedra, mas ao longo do tempo, pessoas de fora da comunidade foram levando pedaços da pedra, dificultando a identificação do que estava escrito.

O Vivenciando é o único projeto coletivo da comunidade que possui representantes de todas as lideranças, com o intuito de evitar conflitos e garantir a participação e envolvimento de todos. A comunidade é organizada por lideranças, que são os representantes dos grupos culturais, além da presidente da Associação de Moradores da Comunidade, eleita periodicamente por meio de votação.

As danças e a música são realizadas nos rituais e no dia a dia. Ocorrem nos terreiros/quintais das casas, de maneira espontânea, sempre em um local aberto e de preferência abrigado do sol e da chuva. O local considerado ideal pelos moradores é o que chamam de palhoção (grande coberta sem fechamentos laterais). O palhoção começou a ser montado pelos moradores como estrutura efêmera para a realização do evento Vivenciando Caiana. Inicialmente, possuía estrutura de madeira e cobertura de palha de coqueiro e posteriormente a palha foi sendo substituída por uma lona. Atualmente, foi construído um palhoção fixo com telhas cerâmicas inaugurado no ano de 2021. (Figura 39).

Figura 39 - Palhoção efêmero do Vivenciando Caiana e palhoção fixo.



Fonte: Luciene Tavares (2016) e Ednalva Rita do Nascimento (2021).

3

CAPÍTULO TRÊS

**DESEJOS DA
COMUNIDADE**

3.1. A participação na arquitetura

Assim como explica Sanoff (2000, p.01), a ideia de participação está normalmente associada à inclusão da população local nas tomadas de decisões contribuindo para o desenvolvimento social. Tal envolvimento pode compreender diversas áreas, como o planejamento urbano, políticas públicas, arquitetura e design.

A partir dos anos 1950, as vanguardas artísticas abriram caminho para uma arquitetura participativa em um contexto de tomada de consciência ambiental, surgimento de dúvidas com relação ao modelo capitalista e imperialista de desenvolvimento e mudança de mentalidade, em que se passou a valorizar as arquiteturas vernaculares e o saber da arquitetura popular. Buscou-se, então, um olhar mais atento, dentre outras situações, às práticas de autoconstrução de diversos países em desenvolvimento (MONTANER, 2001, p.128 e 129).

Os movimentos de participação na arquitetura se deram em meio aos esforços de crítica ou revisão da arquitetura moderna fundada no ideal do “homem-tipo”, que valorizava princípios universais em detrimento das subjetividades e diversidade de perfis dos usuários ou dos lugares onde essas arquiteturas eram implantadas (ARRUDA, 2017, p. 504). Com efeito contrário, a ideia de participação apoia-se na valorização do papel do usuário em prol de práticas mais democráticas de arquitetura, levando em conta suas especificidades e sua capacidade criativa (MONTANER, 2001, p. 130).

Os processos de participação do usuário na arquitetura podem se dar de diversas formas: participação na elaboração dos projetos e planos, participação nos processos construtivos por meio da autoconstrução ou realização de mutirões ou ainda pela arquitetura aberta, “inacabada”, que dá aos usuários a possibilidade de fazer suas próprias alterações e adições à obra construída.

A partir da adoção de processo participativo, pode-se ter maior aceitação popular dos projetos, garante-se um ambiente físico mais bem mantido, verifica-se maior satisfação dos usuários e cria-se um sentimento de união na comunidade (SANOFF, 2000, p. 8-9). A participação dos usuários também pode proporcionar espaços mais flexíveis,

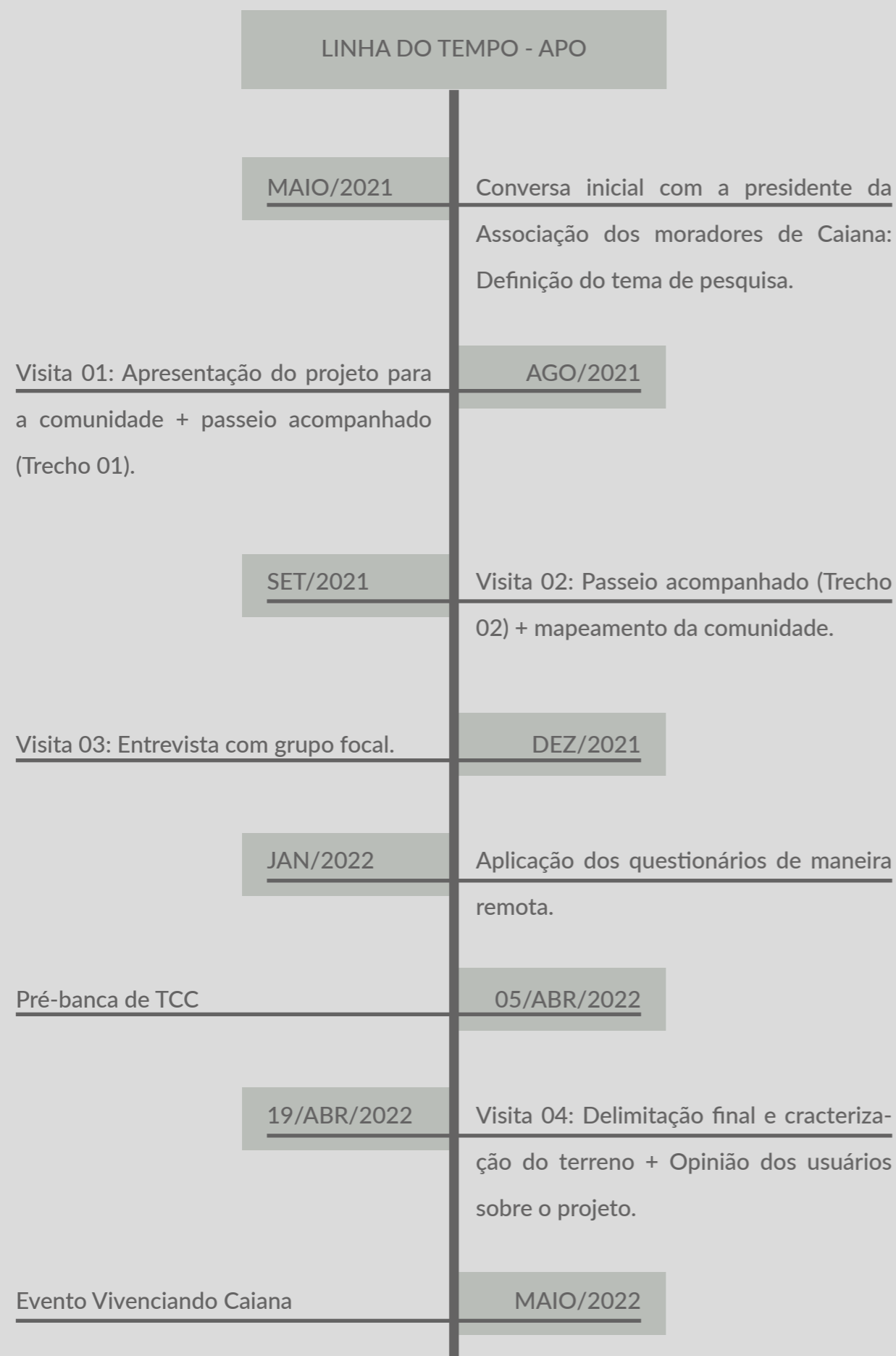
maior autonomia dos usuários, além de estimular o sentimento de pertencimento e identidade (ARRUDA, 2017, p. 501).

Os níveis de participação variam de acordo com o tipo, intensidade, extensão e frequência do processo participativo e diversidade de participantes. Sanoff (2000, p.08) divide os processos participativos em dois grupos: Pseudoparticipação e Participação genuína. O tipo de planejamento em que o controle projetual está inteiramente nas mãos dos administradores foi categorizado como pseudoparticipação, uma vez que a natureza democrática dessa atividade é limitada. Já a participação genuína ocorre quando a população tem poder de decisão sobre as ações que serão tomadas.

São diversos os métodos participativos em arquitetura, como aponta Sanoff (2000): workshops, planejamento estratégico, círculos de estudos, Avaliação Pós-ocupação – APO, entre outros. E, nesta pesquisa, adota-se o método de Avaliação Pós-Ocupação, por se basear no diagnóstico do espaço já vivenciado pela própria comunidade e por ter nível de complexidade (sobretudo tempo de execução) compatível com o requerido à pesquisa. De forma geral, a atividade de APO busca adquirir conhecimentos sobre o ambiente físico para compreender as necessidades humanas do local. Pode ser adotado em qualquer escala de ambiente construído e, no caso apresentado desta pesquisa, é aplicado numa comunidade, de forma a compreender os conflitos, potencialidades e necessidades arquitetônicas do local para assim realizar uma proposta arquitetônica adequada para seu contexto.

3.2. APO em Caiana dos Crioulos

A APO neste trabalho foi desenvolvida ao longo de seis meses, de novembro de 2021 até maio de 2022 e foram utilizadas as seguintes técnicas: (1) passeio acompanhado ou walkthrough com representantes de grupos culturais da comunidade, (2) observação não-participante do dia a dia dos moradores em Caiana, sobretudo de suas atividades culturais, (3) entrevista semiestruturada com representantes dos grupos culturais da comunidade local e (4) questionário com os moradores do quilombo.



A participação da comunidade nesta pesquisa deu-se desde a etapa de definição do tema, que foi motivada por conversa informal com presidente da Associação de Moradores da comunidade, quando foi apontada a demanda pelo equipamento cultural. Nessa oportunidade, foi destacado o potencial turístico do quilombo e a necessidade dos moradores de ter um espaço voltado para a realização de atividades culturais, possibilitando a formação profissional em atividades voltadas à cultura, realização de oficinas, exposição dos trabalhos artísticos e da história do quilombo, realização de danças e rodas de conversas.

Percebeu-se, então, que o centro cultural poderia ser um espaço onde ocorreriam debates e onde a história da comunidade fosse preservada e sua cultura fosse valorizada, fazendo com que os próprios moradores pudessem conhecer mais sobre a sua história e compreender o seu valor, além de permitir a geração de emprego e renda, evitando a evasão de sua população para os centros urbanos.

De maio até novembro de 2021, enquanto a pesquisa aguardava aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, foram realizadas atividades de caracterização física e histórica do ambiente construído do quilombo.

Em agosto de 2021, foi feita a primeira visita à comunidade, quando foi possível participar de uma reunião da Associação dos Moradores e, nessa ocasião, expor coletivamente à comunidade o desenvolvimento desta pesquisa. Foi, então, realizado passeio informal de reconhecimento da comunidade junto com Cida, presidente da Associação e representante do grupo cultural Desencosta da Parede, e com Elza, agente de saúde da comunidade e representante do grupo cultural Edite do Coco. Ao longo do trajeto, foi possível mapear edificações significativas, observar a organização espacial da comunidade, os elementos que dão identidade para esses espaços, conhecer um pouco sobre as plantas medicinais cultivadas na comunidade, além de observar o terreno em que se realiza o evento Vivenciando Caiana e ouvir sobre os desejos dos moradores sobre a ocupação desse espaço.

Na segunda visita à comunidade, em setembro de 2021, o passeio acompanhado foi realizado junto com Nalva, representante do Coletivo Cultural Caiana dos Crioulos

e dona do restaurante Rita de Chicó. No passeio, foi possível conhecer a história de diversas edificações, como a capela de Santa Luzia, a Casa de Farinha, a Associação de Moradores, a escola Firmo Santino da Silva, entre outras. Também pôde-se observar diversas técnicas de autoconstrução desenvolvidas pelos moradores, além de conhecer a história de pessoas ilustres da comunidade como o mestre João Maria e Dona Bina, que estão representados em pintura na Casa de Farinha. No dia, foi possível encontrar com a própria Dona Bina e conhecer histórias da comunidade, como a história da Pedra do Reino Encantado.

Após aprovação, em novembro de 2021, do TCC pelo Comitê de Ética em Pesquisa, passou-se a realizar coleta de dados mais sistemáticas e abrangentes sobre as percepções e desejos da comunidade local.

Em dezembro do mesmo ano, foi realizada entrevista semiestruturada com grupo focal, envolvendo os representantes dos grupos culturais da comunidade, conforme roteiro no Apêndice 1. A partir da entrevista, foi possível conhecer mais sobre a história da comunidade, suas tradições, compreender a importância das atividades culturais para os moradores de Caiana, além de identificar suas necessidades arquitetônicas. Foi possível identificar os usos necessários para esse equipamento cultural, definir o local de intervenção, além de discutir questões construtivas e de identidade para o conjunto, como a possibilidade de autoconstrução e a retomada de tradições, como a fabricação de tijolos de terra com material local.

Já em janeiro de 2022, foram aplicados os questionários *on-line* através da plataforma Google Forms (Apêndice 2), devido ao aumento de casos do COVID-19. Os questionários foram respondidos pelos moradores e obteve-se o total de 14 respostas do universo de 650 moradores. Embora a escala da amostra pesquisada seja pequena, foi possível, a partir das respostas ao questionário, obter a opinião da população de Caiana a respeito da proposição de um espaço coletivo voltado à realização de atividades culturais dentro do quilombo, identificar quais atividades eles gostariam de realizar nesse espaço, além de poder identificar aspectos formais da edificação mais significativos aos desejos da comunidade. Também foi possível observar demanda não arquitetônica: grande anseio

dos participantes por união e diálogo, que deve ser considerado na concepção do equipamento cultural.

Após a realização dessa primeira etapa da APO, foi desenvolvida uma proposta preliminar de projeto e, em 05 de abril de 2022, foi realizada a pré-banca de TCC. Após as considerações dos avaliadores na pré-banca, observou-se a necessidade de reforçar a análise física do ambiente construído, a fim de rever a delimitação do terreno escolhido para implantação do centro cultural. Para isso, foi feita nova visita ao local de intervenção, junto com alguns representantes dos grupos culturais e moradores. Nessa oportunidade, foi feita nova delimitação do terreno e levantamento de dados sobre seu espaço físico, como topografia, vegetação e a edificação existente. Também foi possível obter a opinião dos moradores sobre o estudo preliminar do centro cultural (mesma versão apresentada na pré-banca), podendo ser revistas questões de organização espacial e da materialidade da edificação.

E, em maio de 2022, foi possível participar da primeira edição do evento Vivenciando Caiana após a pandemia do COVID-19. Para a realização do evento, os moradores construíram um palhoço efêmero com estrutura de madeira colhida localmente e coberto com lonas e palha de coqueiro (Figura 40). No dia do evento, choveu na região, dificultando o acesso dos turistas à comunidade, já que as estradas são de terra. A chuva também impossibilitou a utilização do palhoço, já que sua cobertura não teve a estanqueidade necessária. Sendo assim, o evento foi realizado, de forma improvisada no restaurante de Elza, localizado em frente ao terreno do Vivenciando Caiana.

Figura 40 - Palhoço e danças no Vivenciando Caiana.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Devido à mudança inesperada de localização do evento, também foi possível observar quais elementos foram utilizados para trazer identidade ao novo espaço. No restaurante, utilizou-se tecidos estampados e coloridos, a palha, esteiras feitas da fibra de bananeira, instrumentos e artesanatos, além de um painel de tecido com pintura representativa da comunidade (Figura 41). No evento, os moradores puderam compartilhar histórias do quilombo com os turistas, que participavam tirando todas as dúvidas e fazendo perguntas acerca da cultura quilombola. Os moradores também fizeram diversas apresentações culturais, com músicas e danças tradicionais. Após a chegada do sol, foi possível ir para o terreno do Vivenciando, onde os turistas e moradores puderam dançar em conjunto. Os turistas também puderam degustar da típica culinária quilombola, por meio do almoço que foi servido, afora a barraquinha com lanches e água.

Figura 41 - Elementos utilizados no restaurante para trazer identidade.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Ao participar do Vivenciando, observou-se o esforço coletivo da comunidade para realizar o evento e, em contrapartida, constatou-se a limitação da infraestrutura local para acomodá-lo.

3.3. Demandas para o Centro Cultural

Após a coleta de dados através das técnicas de APO, esses foram sistematizados em Quadro de Diagnóstico e Recomendações (Quadro 1), que sintetiza as avaliações obtidas em cada instrumento de pesquisa utilizado, em função de cada enfoque pesquisado: local para o centro cultural, infraestrutura necessária para as atividades culturais, identidade do centro cultural e problemas observados.

FOCO DA QUESTÃO	RESULTADOS DOS MÉTODOS E TÉCNICAS APLICADAS - APO				RECOMENDAÇÕES
	INSTRUMENTOS UTILIZADOS				
	Observação	Passeio acompanhado	Grupo focal	Questionário	
Local para o centro cultural	Local em que se realiza o evento Vivenciando Caiana, ou possibilidade de reforma do ginásio da escola.	Local onde se realiza o Vivenciando Caiana	Local onde se realiza o Vivenciando Caiana, no centro da comunidade.	-	Construção do centro cultural no terreno em que se realiza o Vivenciando Caiana e atentar-se para a identidade do ginásio, tido como um “elefante branco” dentro da comunidade.
Infraestrutura necessária para as atividades culturais	Falta um espaço coletivo na comunidade (praças, locais para danças), melhorar acesso à Caiana (atualmente: estradas de terra).	Espaço para danças e apresentações, barraquinhas, estacionamento, banheiros e cozinha.	Salão, banheiros, vestiários, cozinha, barraquinhas, pequeno posto para funcionários da saúde, espaço para realização de oficina e local para armazenamento de instrumentos.	Salão, cozinha, banheiros, vestiário/camarim, barraquinhas, oficinas, armazenamento de instrumentos, sala de exposições, coordenação do centro cultural e local para um técnico de enfermagem.	PN do centro cultural: Área de eventos + praça, sala de exposições, sala de oficinas, depósito, barraquinhas, restaurante, coordenação e almoxarifado, enfermaria, cozinha, vestiário, baterias sanitárias, estacionamento.
Identidade do centro cultural	Retomada das tradições construtivas (fabricação dos tijolos), pinturas feitas pelos moradores, autoconstrução, presença da palha, tecidos estampados e cores vibrantes.	Importância das pinturas nas paredes, representando a comunidade, utilização da madeira, tijolos maciços e pisos de cimento queimado ou de barro.	Desenhos feitos pela comunidade, espaço “rústico”, cores vivas, cipós, palha, madeira, cor do barro e tijolo aparente.	Cores vibrantes, pinturas e desenhos nas paredes, estampas, instrumentos, artesanato, fotografias das pessoas ilustres da comunidade e alvenaria.	Utilizar elementos que gerem um sentimento de pertencimento e envolver a comunidade também no processo construtivo para que todos se sintam confortáveis para utilizar e fazer parte desse espaço.
Problemas observados	Descaracterização das edificações, falta de infraestrutura (rede de esgoto, água e coleta de lixo), dificuldade de acesso à Caiana (estradas de terra), evasão dos moradores, desunião.	Perda de tradições como o cultivo de plantas medicinais, falta d’água, estigmatização das religiões de matrizes africanas.	Evasão dos jovens, perda de identidade das edificações, perda de tradições como fabricação dos tijolos.	Desunião, falta de um lugar fixo para realizar as atividades culturais e necessidade de resgate da cultura e valorização das tradições.	Criar um espaço coletivo de valorização do patrimônio histórico e cultural do quilombo de Caiana, permitindo geração de renda, retomada das tradições e união entre os moradores.

Quadro 1 - Resultados e métodos da APO.
Fonte: AUTORA, 2022.

Em seguida, essas informações foram organizadas no Mapa de Diagnóstico e Recomendações da APO (Mapa 7), que torna mais ilustrativas as percepções locais sobre o ambiente construído de Caiana dos Crioulos. Sendo assim, nos cinco trechos identificados no mapa foram diagnosticadas as seguintes questões:

Trecho 01:

Diagnóstico: A Estrada para Caiana dos Crioulos é uma estrada de terra e a única via de acesso ao local. Existe grande dificuldade de acesso à comunidade em períodos chuvosos e o trânsito dos moradores de Caiana às cidades vizinhas é crucial, principalmente em casos de emergências médicas. Muitos jovens da comunidade também precisam se deslocar diariamente para Alagoa Grande para estudar.

Recomendações: Pavimentar as vias de acesso à comunidade.

Trecho 02:

Diagnóstico: O conjunto formado por Restaurante, Palhoção e hospedagem fica muito escondido e isolado do restante da comunidade.

Recomendações: Integrar esses equipamentos com as demais edificações do entorno, convidando a população e os turistas a desfrutarem desses espaços.



MAPA DE DIAGNÓSTICO E RECOMENDAÇÕES - APO

Mapa 7 -
Diagnóstico e recomendações da APO.
Fonte: AUTORA, 2022. Produzido a partir de imagens do Google Earth, 2018.

Trecho 03:

Diagnóstico: É nesse terreno que é realizado, desde 2016, o evento Vivenciando Caiana. Para realizar cada evento, os moradores constroem um palhoção, geralmente com estrutura de madeira e cobertura de palha ou lonas, que posteriormente é desmontado. Em cada evento, o palhoção toma uma forma distinta, mas sempre fica localizado no mesmo lugar. No evento mais recente, o palhoção foi construído em formato circular, propício para as danças de roda. Observou-se que, por não estar vedado o suficiente da chuva, com cobertura sem inclinação adequada, além do piso ser de chão batido, não foi possível sua utilização no dia chuvoso do evento. Também foi possível observar que esse local possui vista privilegiada para a paisagem montanhosa do entorno da comunidade e é rodeado por vegetação e árvores significativas, como um pé de mangueira e um pé de cajá suntuoso. No terreno, também se encontra casa construída em 1986 pelos próprios moradores (e atualmente desocupada), que ainda preserva a utilização de tijolos e telhas fabricados na comunidade. Essa edificação possui grande valor sentimental e também histórico à comunidade.

Recomendações: Valorizar esse trecho do sítio de Caiana dos Crioulos, que tem apropriação intensa pela comunidade e tem sido o escolhido para realização de atividades culturais coletivas. Preservar as qualidades naturais do terreno, como vegetação existente e visão favorável do entorno, e a memória do ambiente construído, como a casa pré-existente. Essa, por sua vez, deve ter sua estabilidade estrutural verificada, em especial o madeiramento do telhado, sem descaracterizar a identidade das alvenarias e telhados construídos pelos moradores. E qualificar a infraestrutura existente para os eventos culturais da comunidade, a exemplo do Vivenciando Caiana.

Trecho 04:

Diagnóstico: Nesse trecho, estão presentes duas edificações muito significativas para a comunidade, a Casa de Farinha comunitária, construída pelos moradores em mutirão, e a Casa de Mãe Joana, uma das primeiras casas de alvenaria da comunidade. Para construir a casa, os moradores fabricaram os próprios tijolos maciços e as telhas cerâmicas. Mãe

Joana era artesã e costumava fazer artesanatos com a fibra de bananeira, além de fazer panelas e louças.

Recomendações: Verificar a estabilidade estrutural das duas edificações e o estado dos telhados, para evitar infiltrações. Preservar as duas edificações e integrá-las aos demais equipamentos culturais da comunidade, para potencializar seu valor como patrimônio cultural de Caiana.

Trecho 05:

Diagnóstico: A escola e o ginásio possuem grande valor e importância para os moradores de Caiana, mas foram mencionados na pesquisa por faltar elementos que o povo de Caiana possa se identificar. As edificações foram descritas como modelos “importados” que não remetem à cultura caianense. Também é necessário destacar que o ginásio possui grande potencial de captação de água, mas as calhas estão se degradando. E, devido à falta d’água, os banheiros do ginásio estão desativados e não são utilizados. Atrás da quadra, também existe uma obra inacabada, que seria destinada a academia de ginástica.

Recomendações: Adequar a arquitetura do equipamento à identidade da comunidade, a exemplo de permitir que os moradores pudessem realizar pinturas, artesanatos, tecidos ou painéis, como comum aos demais edifícios locais. Realizar a manutenção das calhas, para que assim possa haver a captação de água, que pode servir para abastecer os banheiros do ginásio e também para os moradores. Tornar o uso desse equipamento mais aberto à comunidade local.

4

CAPÍTULO QUATRO

PROJETOS CORRELATOS

De forma complementar à realização da APO, foram realizadas análises de projetos correlatos com o intuito de identificar estratégias de projetos em arquiteturas similares ao centro cultural a ser projetado. Os projetos foram selecionados conforme os seguintes critérios: relação com a cultura quilombola e/ou africana; uso como equipamento cultural ou comunitário; uso de técnicas construtivas tradicionais e baseadas em materiais naturais ou locais. Sendo assim, foram selecionados: Parque Memorial Quilombo dos Palmares (Brasil), Palenque Cultural Tambillo (Equador) e Pavilhão da Nuvem Flutuante (China).

4.1. Parque Memorial Quilombo dos Palmares

Realização: Instituto Magna Mater e Fundação Cultural Palmares

Projeto arquitetônico: Alex Barbosa

Localização: Serra da Barriga, União dos Palmares, Alagoas. Brasil

Tipologia: Parque memorial

Ano: 2007

Área: 6 hectares

Figura 42 - Eldificação Muxima de Palmares.



Fonte: <https://opopular.com.br/>.

O Parque Memorial Quilombo dos Palmares foi inaugurado em 2007, com o intuito de reconstituir o modo de vida na República dos Palmares, o maior e mais conhecido quilombo das Américas. O Parque está situado na Serra da Barriga, local tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1985.

No parque, foram reconstituídas algumas das edificações mais significativas do Quilombo dos Palmares. Entre elas estão presentes a casa de farinha, casa de campo santo, terreiro das ervas, ocas indígenas, o coração de Palmares, mirantes, restaurante e o palco de manifestações artístico-culturais (Figura 43).

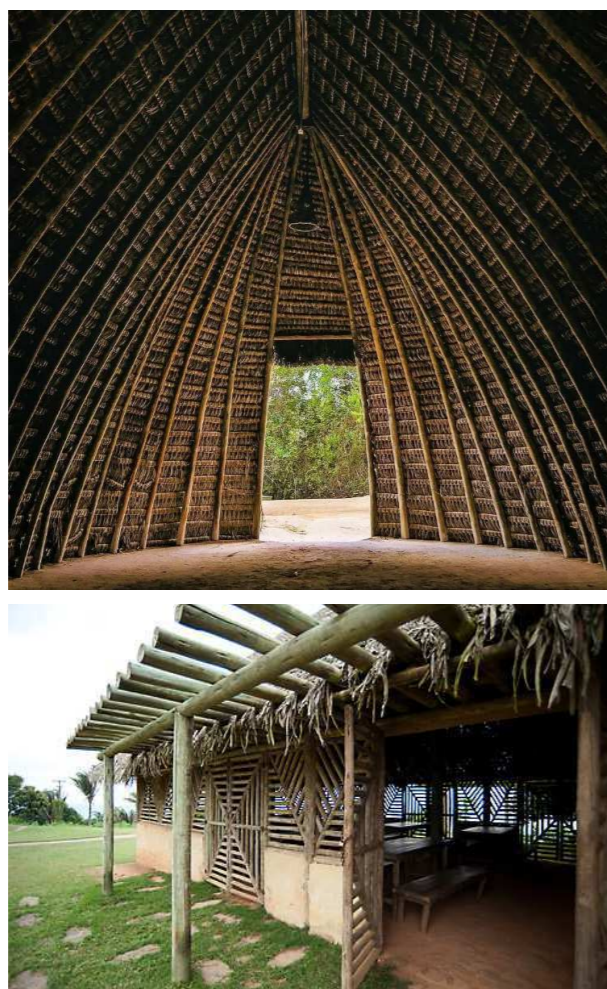
Figura 43 - Implantação e perspectiva do projeto.



Fonte: <https://serradabarriga.palmares.gov.br/>.

As réplicas construídas buscam reproduzir o modo de vida dos mocambos de Palmares. Suas edificações possuíam influências da arquitetura africana, em especial a arquitetura banta, e a arquitetura indígena. O parque possui ocas indígenas e edificações construídas com paredes de pau-a-pique e cobertas de palha com estrutura de madeira, além de possuírem inscrições em banto e iorubá (Figura 44).

Figura 44 - Oca indígena e restaurante Kùuku-Wàana (Banquete de Família).



Fonte: Max Levay Reis e <https://www.palmares.gov.br/>.

Esse correlato tem como principal contribuição ao TCC exemplificar a estratégia arquitetônica de criar espaço de respeito, memória e valorização da cultura e da história do lugar, com base na reutilização de formas e técnicas construtivas tradicionais aos antigos palmarinos. Também cabe destacar a forma de implantação dos edifícios entre si, de modo a gerar um espaço comum de vivência coletiva. Dentre os correlatos analisados, esse projeto é o que mais se aproxima da realidade de Caiana dos Crioulos.

4.2. Palenque Cultural Tambillo

Projeto: Caá Porá Arquitectura + Siete86 Arquitectos

Localização: Tambillo, Província de Esmeraldas, Equador

Tipologia: Centro Cultural

Ano (projeto): 2017

Área construída: 625 m²

Figura 45 - Perspectiva ilustrada do projeto.



Fonte: Caá Porá Arquitectura + Siete86 Arquitectos.

O Palenque Cultural Tambillo é um espaço criado para celebrar a cultura afro-equatoriana, o ritmo musical marimba e a dança tradicional. O centro cultural busca trazer para a comunidade de Tambillo, no Equador, um local para que seus membros possam expressar a cultura deles e transmitir suas tradições musicais para a próximas gerações.

A cidade equatoriana de Tambillo está localizada na “região da marimba”, um tipo de música folclórica percursionista considerada patrimônio imaterial da humanidade pela UNESCO. A região é composta por uma dezena de comunidades pequenas e economicamente empobrecidas (Figura 46), mas com uma cultura vivaz. Devido à uma lacuna de aprendizado e falta de espaços para realização das atividades culturais as tradições celebradas estão em risco.

Figura 46 - Implantação.



Fonte: Caá Porá Arquitectura + Siete86 Arquitectos.

O projeto tem como objetivo manter viva a cultura local, trazer união entre as diversas comunidades da região e gerar emprego e renda para um desenvolvimento sustentável das comunidades locais. Para isso, utiliza como ponto de partida a participação comunitária no processo projetual, através de workshops para determinar as necessidades do conjunto, e a utilização e aperfeiçoamento de materiais e técnicas construtivas tradicionais da região.

O terreno fica localizado em uma reserva ecológica protegida e em uma floresta de mangue. Como essa é uma região sujeita a fortes chuvas e terremotos, as edificações propostas devem resistir a tais adversidades. Para isso, os projetistas buscaram aprender com as técnicas construtivas locais, resultando em soluções como a reutilização de conchas de ostras, descartadas pela indústria pesqueira, para fortalecer as paredes de adobe e as fundações de concreto.

A relação com a natureza também se dá por meio da valorização da vista para o mangue e o aproveitamento da iluminação e ventilação naturais (Figura 47).

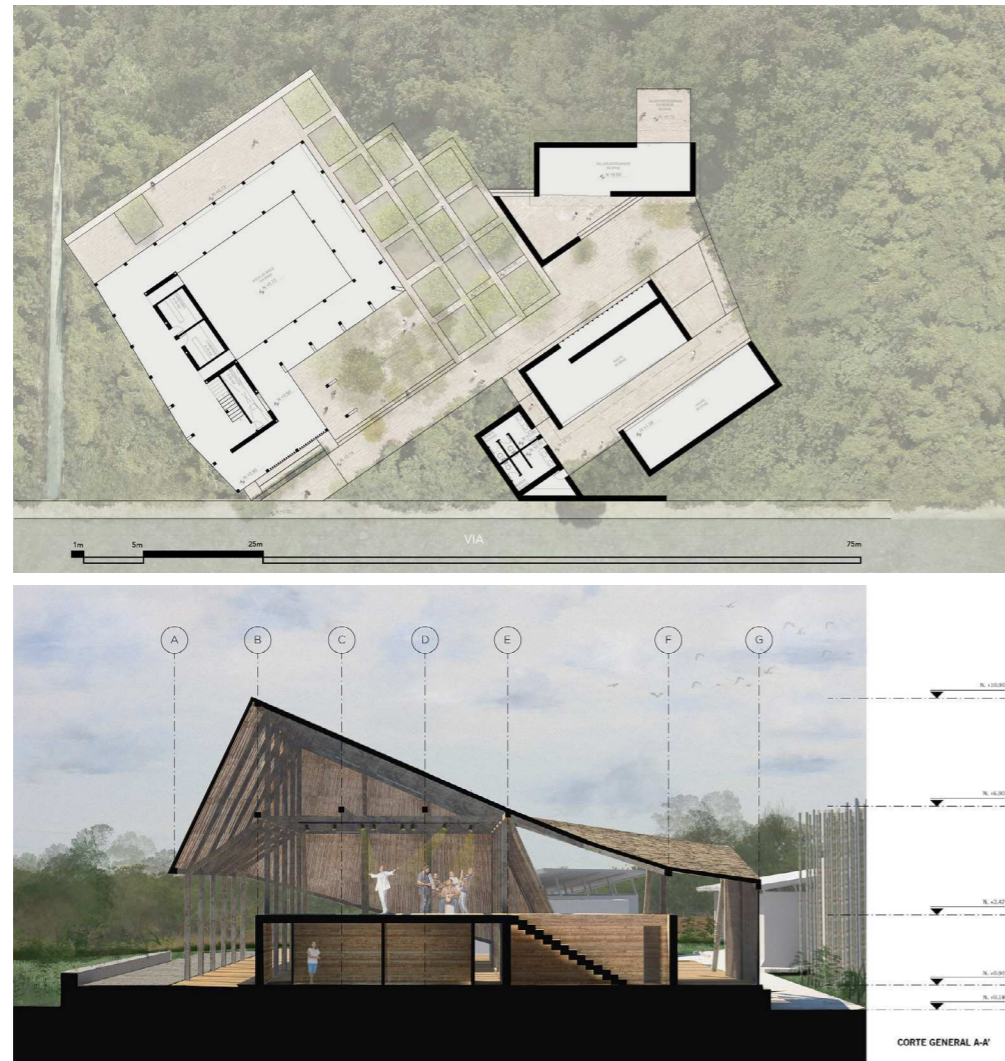
Figura 47 - Perspectiva ilustrada do projeto.



Fonte: Caá Porá Arquitectura + Siete86 Arquitectos.

O centro cultural é composto por vários edifícios. No edifício principal, estão localizados ambientes para danças e apresentações, camarins, recepção e mezanino (acima do palco) para os instrumentistas. Os demais edifícios, que são menores e localizado ao lado do anterior, são destinados a oficinas para confecção de instrumentos, salas para a formação de músicos e dançarinos e banheiros públicos ecologicamente corretos (Figura 48).

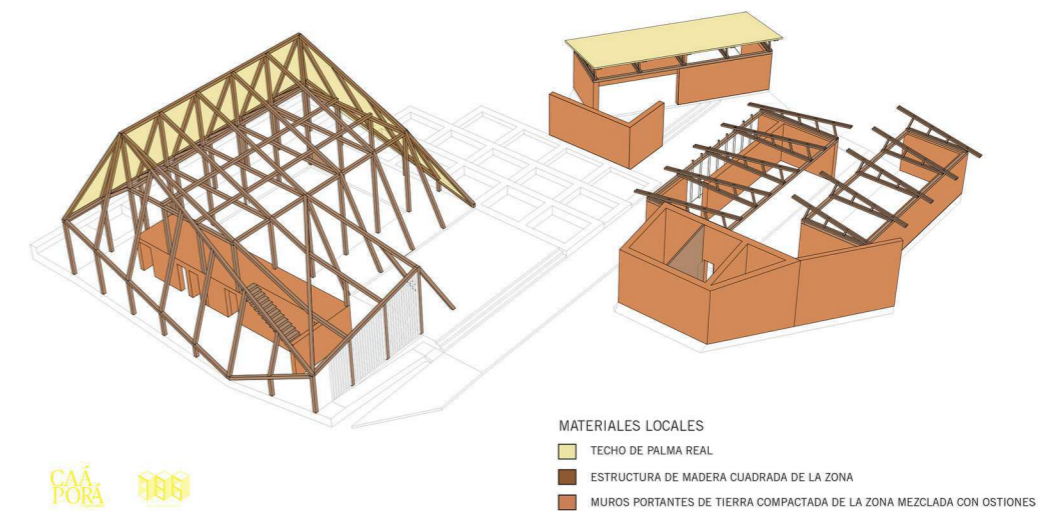
Figura 48 - Planta baixa e corte.



Fonte: Caá Porá Arquitectura + Siete86 Arquitectos.

Na construção dos edifícios, buscou-se a utilização de materiais e técnicas construtivas locais, a fim de reduzir os custos da construção, valorizar a cultura local e reduzir o impacto ecológico da edificação. A estrutura portante é formada por peças de madeira extraída da própria região. O telhado da edificação principal é coberto por palha de coqueiro, embora os edifícios de salas de aula e oficinas sejam cobertos por telha de zinco com isolamento termoacústico. As paredes são autoportantes e utilizam a técnica da taipa de pilão reforçada com conchas. O piso proposto ao espaço de danças é em terra batida, como utilizado tradicionalmente nas cerimônias locais (Figura 49).

Figura 49 - Esquema construtivo.



Fonte: Caá Porá Arquitectura + Siete86 Arquitectos.

O projeto do Palenque Cultural Tambillo traz como principal contribuição ao TCC o aproveitamento de técnicas construtivas locais e baseadas em materiais naturais e a implantação de edifícios soltos entre si e conectados por praça em comum. Diferentemente do Parque dos Palmares, explora-se nesse projeto um conjunto mais compacto, com menor ocupação de terreno, e com maior autonomia plástica, sem a pretensão de reproduzir formas de construções preexistentes. Também é importante ressaltar seu desenvolvimento por meio da participação da comunidade no processo de projeto.

4.3. Pavilhão da Nuvem Flutuante

Projeto: Sou Fujimoto Architects

Localização: Hangzhou, China

Tipologia: Centro Cultural

Ano (construção): 2022

Área construída: 500 m²

Figura 50 - Imagem aérea do conjunto.



Fonte: Jizhi Studio e Fengyuzhu Camera Team.

O projeto fica localizado na Vila histórica de Qinglongwu, Tonglu, condado com a reputação de ser o mais bonito da China, e faz parte de um complexo de resorts culturais e criativos que combina hospedagem, serviços de lazer e turismo cultural.

Dentro os objetivos desse complexo está a revitalização e valorização da vila através da arte e do turismo rural, abrigando festivais e atividades culturais e atraindo

turistas para a região. Seu programa funcional é composto por um edifício principal com espaço multifuncional, mirante e hospedagens, além de diversos espaços abertos que podem ser utilizados para exposições, conferências ou como galeria de arte.

O projeto adota como partido a valorização do lugar onde se insere, caracterizado em especial pela constante neblina presente nas montanhas e na vila, que une os prédios com a paisagem. Por isso, foi proposta uma cobertura leve e irregular, que conecta os diversos usos do complexo e que aparenta flutuar na paisagem como uma nuvem. De forma equivalente, uma marquise em formato de anel integra os diferentes espaços do complexo, ao começar no edifício principal e percorrer todo o terreno. Essa é coberta por um tecido de palha natural e possui estrutura de aço, trazendo leveza e integrando o projeto à paisagem, além de criar espaços sombreados de convivência e guiar os visitantes por um percurso coberto (Figura 51).

Figura 51 - Implantação do conjunto.

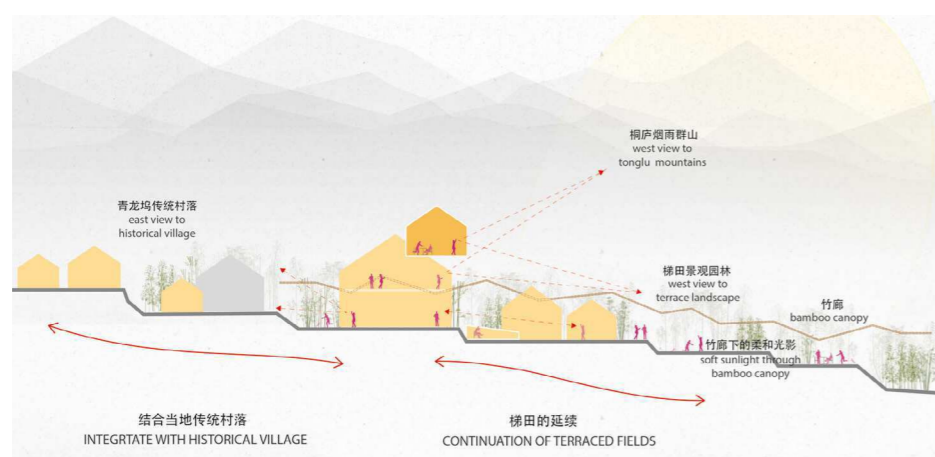


Fonte: Sou Fujimoto Architects.

As decisões projetuais também foram guiadas pelos seguintes aspectos: a integração do novo edifício com as edificações do entorno e com a natureza e a valorização da paisagem (Figura 52). Dessa forma, inserido em meio à natureza, rodeado por montanhas e adjacente à vila histórica, o centro cultural busca criar uma relação com o entorno,

mantendo escala e volumetrias similares às edificações vizinhas, com edificações de até dois pavimentos e telhados de duas águas. Por outro lado, se distingue das edificações históricas através de materiais utilizados e da presença da marquise que se integra com a paisagem e gera identidade e coesão para o conjunto.

Figura 52 - Conceito do projeto.



Fonte: Sou Fujimoto Architects.

Um dos grandes desafios do projeto foi o aproveitamento do espaço com a topografia acidentada do terreno, que possui desnível de 10 metros. A solução adotada foi criar edificações soltas, que possam se adequar aos desníveis, além da adoção de jardins escalonados e a criação de um percurso coberto atravessando toda a extremidade do terreno. Esse percurso faz com que o visitante descubra os diversos usos do complexo ao longo do caminho, enquanto aprecia a paisagem (Figura 53).

Figura 53 - Jardins escalonados no projeto.



Fonte: Jizhi Studio e Fengyuzhu Camera Team.

O projeto do Pavilhão da Nuvem Flutuante traz como contribuição ao TCC a adaptação do edifício à topografia irregular do terreno e a relação entre espaços cobertos e descobertos e entre espaço natural e construído, a exemplo de potencializar as vistas da paisagem circundante ou da implantação do edifício conformar uma praça central.

5

CAPÍTULO CINCO

**O CENTRO
CULTURAL**

5.1. Programa de necessidades e pré-dimensionamento

Com base na APO e nas análises dos projetos correlatos, foi desenvolvido o programa de necessidades e o pré-dimensionamento do Centro Cultural para Caiana dos Crioulos (Quadro 2).

O programa do centro foi organizado nos seguintes setores: Cultural, Administração, Comercial, Serviço e Estacionamento. O Setor Cultural é composto por novo “Palhoção”, Praça de Eventos, Sala Multiuso e Depósito. O Setor de Administração é composto por Sala de Reuniões, Bilheteria e Informações e Enfermaria. O Setor Comercial é composto por “barraquinhas” e Restaurante. O Setor de Serviço é composto por Sanitários, Cozinha, Despensa, Vestiários, Depósitos e Reservatórios de Água. E setor de estacionamento composto por vagas de veículos de passeio, inclusive vagas reservadas para idosos e pessoas com deficiência.

Quanto ao pré-dimensionamento dos espaços, o projeto foi planejado de forma a atender uma capacidade máxima de 500 pessoas, que corresponde ao público máximo de participantes nos eventos locais, conforme estimado por seus organizadores. E, como o centro cultural proposto complementa a infraestrutura pré-existentes na comunidade, seu dimensionamento foi realizado em função da capacidade dos equipamentos já instalados e em uso, a fim de evitar essa se tornar uma construção muito onerosa ou superdimensionada ao contexto da comunidade. Para isso, foram levados em consideração a capacidade dos restaurantes atualmente em funcionamento e a disponibilidade de sanitários públicos.

Para dimensionar o estacionamento, levou-se em conta que a maioria dos visitantes vêm para os eventos em ônibus e vans que estacionam no terreno livre entre a Escola Firmo Santino e o ginásio. Estima-se que o terreno comporta cerca de 5 ônibus e 4 vans, atendendo a uma população de aproximadamente 285 pessoas. Nos eventos, os visitantes também estacionam no terreno do restaurante Rita de Chicó.

SETOR	AMBIENTE	FUNÇÃO	USUÁRIOS	PRÉ-DIM.	FONTE
CULTURAL	Área de Eventos + Praças	Realização de danças e apresentações culturais	Moradores e visitantes/turistas (até 500 pessoas)	500 m ²	Neufert + Correlatos
	Sala multiuso (Oficinas e exposições)	Realização de oficinas culturais e artísticas + contar e expor a história do quilombo	Moradores e visitantes/turistas	50 m ²	Neufert + Correlatos + APO
	Depósito	Depósito de instrumentos para a oficina e depósito para a administração	Moradores	15m ²	Correlatos + Código de Obras CG
ADMINISTRAÇÃO	Varanda/ sala de reuniões	Realização de reuniões para coordenar o centro cultural e servir como uma extensão da sala de exposições	Moradores e visitantes/turistas	Mesa redonda 8 lugares	Estudos em planta + APO
	CAT / Bilheteria	Atendimento aos turistas e venda de ingressos para participação nas atividades do evento	Visitantes/turistas	10m ²	Estudos em planta
	Enfermaria	Atendimentos assistenciais ou de primeiros socorros durante os eventos	Moradores e visitantes/turistas	20m ²	Estudos em planta
ESTACIONAMENTO	Estacionamento rotativo	15 vagas de estacionamento	Moradores e visitantes/turistas	190 m ²	Código de Obras CG
COMERCIAL	Barraquinhas	Venda de artesanatos, comidas, realização de tranças, etc.	Moradores e visitantes/turistas	6m ² cada (8 barraquinhas)	Estudos em planta + APO
	Refeitório	Local para refeições (almoço)	Moradores e visitantes/turistas	Mínimo: 57 lugares (possibilidade de expansão)	Sant'Ana, 2012 + APO
SERVIÇO	Baterias sanitárias	4 sanitários fem. + 2 sanitários masc. e 3 mictórios. (Pois já existe 1 sanitário fem. e 1 masc. no restaurante)	Moradores e visitantes/turistas	60m ²	Código de Obras CG + ABNT NBR 9050
	Cozinha	Cozinha de apoio para eventos	Funcionários	40m ²	FNDE
	Despensa	Armazenamento de alimentos	Funcionários	8m ²	FNDE
	Vestiários	Vestiários de apoio para artistas e funcionários	Artistas e funcionários	5m ²	Código de Obras CG + ABNT NBR 9050
	Antecâmara + DML	Triagem e lavagem de alimentos + depósito para materiais de limpeza	Funcionários	6 m ²	Correlatos + Código de Obras CG
	Depósito de lixo	Coleta de resíduos sólidos	Funcionários	2m ²	FNDE
	Depósito de gás	Depósito de gás	Funcionários	2m ²	FNDE
Reservatórios de água	Caixas d'água e cisterna	Funcionários e moradores	Caixa d'água.: 9000l Cisterna.: 25000l	ABNT NBR 5626/98; ABNT NBR 15527/2019	

Quadro 2 - Programa de necessidades e pré-dimensionamento. Fonte: AUTORA, 2022.

A partir de imagens aéreas tiradas em um dos eventos, foi possível observar o número de veículos presentes e estacionados no terreno do restaurante. Nesse dia, aproximadamente 50% das pessoas foram de van, 33,3% de carro e 16,7% foram de moto, havendo 2 vans, 4 carros e 5 motos.

A partir das vagas pré-existentes, dimensionou-se o estacionamento do centro cultural, que conta com 15 vagas de carros, sendo uma delas para idosos e pessoas com deficiência, e 4 vagas de motos.

O dimensionamento das baterias sanitárias teve como base o Código de Obras de Campina Grande, pois a cidade de Alagoa Grande não possui semelhante documentação. Para 500 usuários, chegou-se ao valor de cinco bacias sanitárias e cinco lavatórios no banheiro feminino e três bacias sanitárias, três mictórios no banheiro e cinco lavatórios masculino. Para o projeto, subtraiu-se uma bacia sanitária em cada banheiro, pois levou-se em consideração a presença de um sanitário feminino e um masculino no restaurante Rita de Chicó.

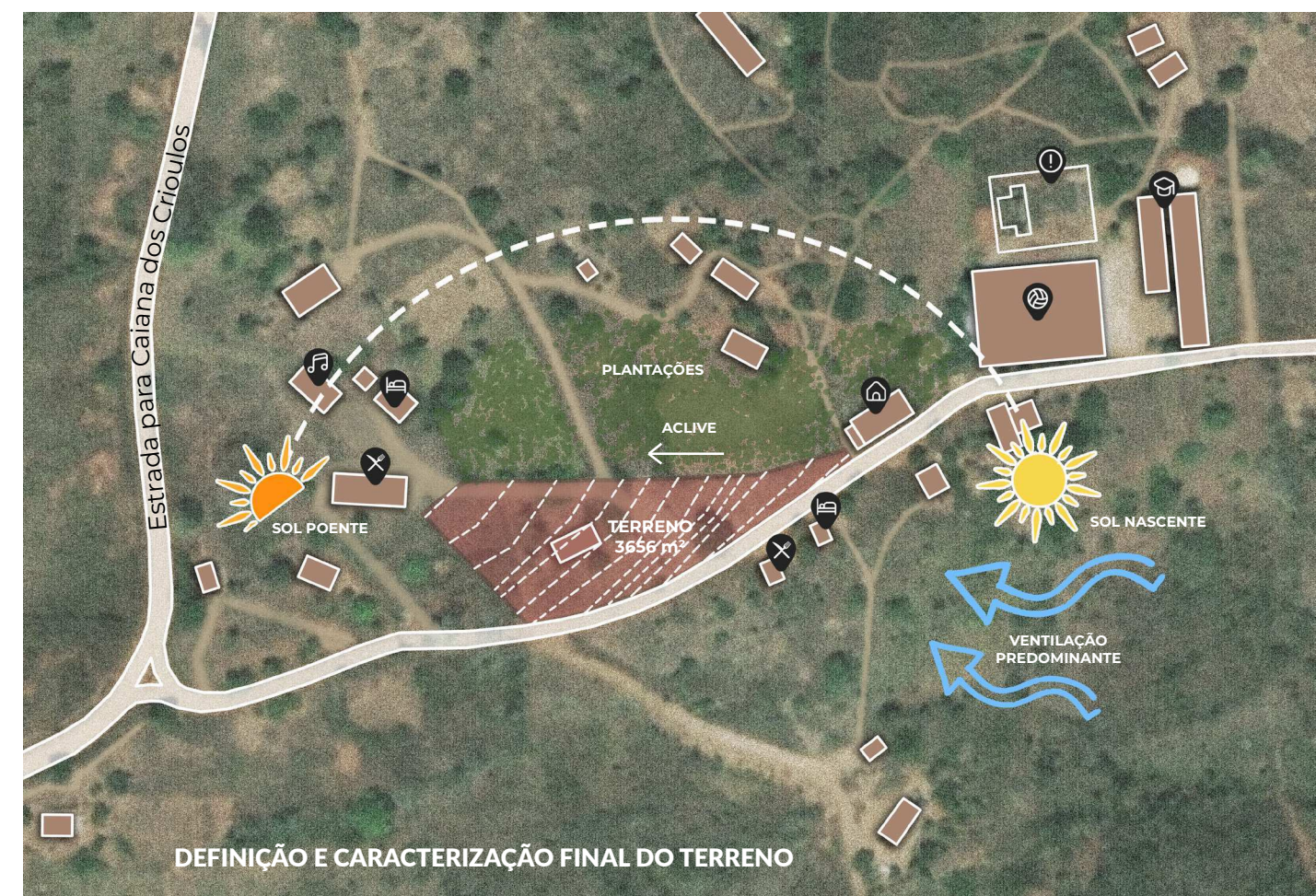
Para dimensionar o novo restaurante, também se levou em consideração a capacidade dos dois restaurantes já instalados na comunidade, na proximidade do centro cultural projetado. No dimensionamento, foi estimado ciclo de 30 minutos de refeição por pessoa e período de duas horas de funcionamento do refeitório (o que corresponde a quatro ciclos de refeição). Sendo assim, o público de 500 pessoas necessita de no mínimo 125 lugares disponíveis em cada ciclo de refeição ($500 \div 4 = 125$). Como nos restaurantes próximos já existe capacidade instalada para 68 lugares, estimou-se para o novo restaurante suprir a demanda complementar, de modo a possuir no mínimo 57 lugares ($125 - 68 = 57$ lugares). De toda forma, como é natural que o evento pode expandir sua quantidade de público ao longo do tempo, considerou-se a possibilidade de expansão do número de mesas.

Já a cozinha e os ambientes de apoio, como vestiários, foram dimensionados em função da quantidade de lugares atendidos e de recomendações da vigilância sanitária, a exemplo do pé direito mínimo de 3,0m.

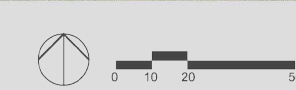
5.2. Definição e caracterização do terreno

O terreno escolhido para implantação do Centro Cultural foi definido a partir da APO e com base nas opiniões e percepções dos membros da comunidade, os quais demonstraram preferência em utilizar o local onde já é realizado o evento Vivenciando Caiana. Esse fica localizado em área central à comunidade, possui fácil acesso e usufrui de vistas privilegiadas do entorno, além de estar rodeado de edificações significativas para a comunidade, como a Casa de Farinha, a casa de mãe Joana, o restaurante Rita de Chicó, o Palhoção do Coco Mestre João Maria, além da residência localizada dentro do terreno.

Para delimitar o espaço físico requerido ao Centro Cultural, inicialmente foi pensado em utilizar dois terrenos distintos, os quais eram separados entre si por via de automóveis. Essa proposta inicial foi, após realização da pré-banca de TCC e nova visita ao local, abandonada. E, com a participação da comunidade local, constatou-se ser mais oportuno o aproveitamento de terreno único e contínuo, o qual é capaz de criar maior coesão entre as edificações que compõem o Centro Cultural e dessas edificações com seu entorno (Mapa 8), afora favorecer a demarcação de uma grande praça exclusiva aos pedestres.



Mapa 8 -
Delimitação inicial do terreno e delimitação final.
Fonte: AUTORA, 2022. Produzido a partir de imagens do Google Earth, 2018.

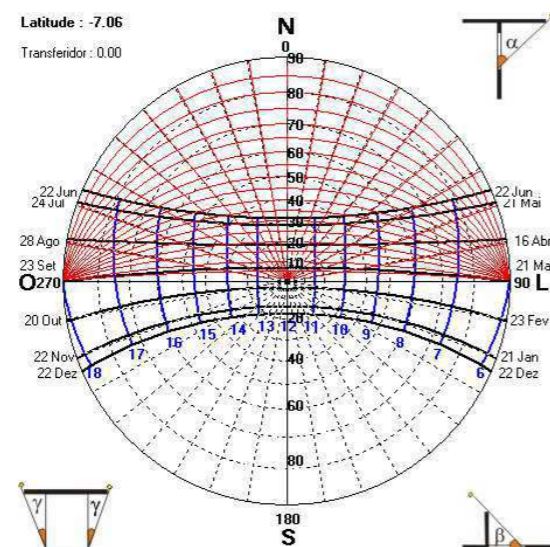
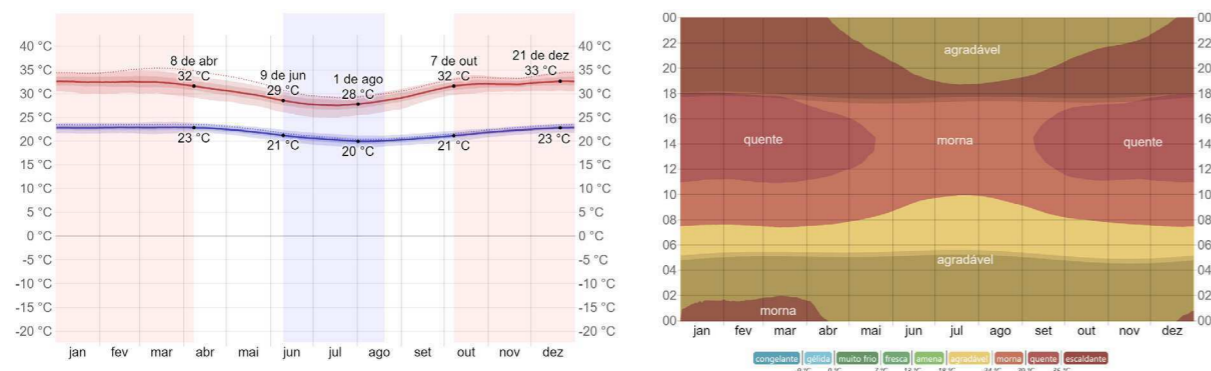


- Palhoção
- Casa de Farinha
- Obra inacabada
- Restaurantes
- Ginásio da escola
- Ruas com calçamento
- Hospedagem
- Escola Firmo Santino da Silva
- Caminhos de terra

O terreno escolhido possui desnível de 12m, com altitudes variando de 348m até 410m do nível do mar. Por estar localizado no topo de colina, possui vista privilegiada do entorno, composto por pastos, árvores, arbustos e terra fértil. Atualmente, é possível identificar diversas espécies de vegetação no terreno e em seu entorno imediato, como: bananeiras, palmeiras (em especial a macaíba, utilizada tradicionalmente na comunidade para a confecção de instrumentos), coqueiros, um gigante pé de cajá, uma mangueira significativa no terreno, jenipapo (árvore histórica da comunidade), agave e milho.

Em Alagoa Grande, o clima da região durante todo o ano é opressivo e possui fortes ventos. As temperaturas variam entre 20°C e 33°C. Durante a madrugada e início da manhã, a temperatura costuma ser amena, mas torna-se morna ou quente ao longo do dia (Figura 54).

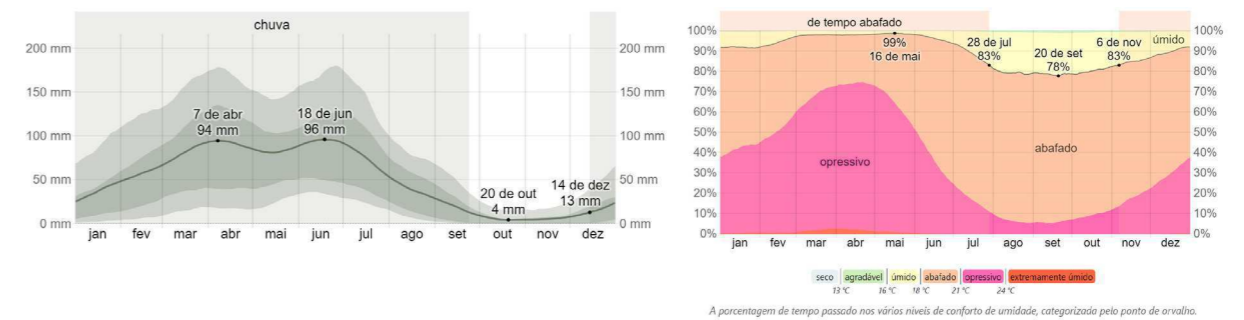
Figura 54 - Gráfico de temperaturas máximas e mínimas, gráfico de temperatura média horária e carta solar de Alagoa Grande.



Fonte: © WeatherSpark.com e <https://labeee.ufsc.br/>

Ao longo de 8,7 meses do ano, o nível de conforto de umidade na região é abafado, opressivo ou extremamente úmido, causando maior sensação de umidade e calor. O período chuvoso também dura boa parte do ano, ao longo de 9,3 meses, entre 14 de dezembro e 23 de setembro, sendo o mês de junho o mais chuvoso (Figura 55).

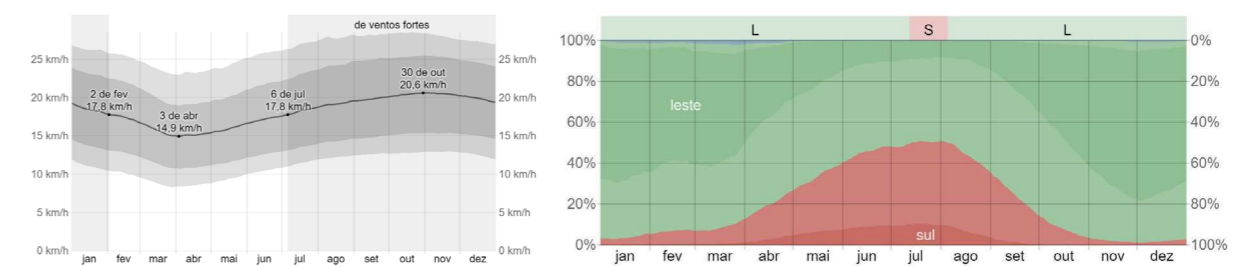
Figura 55 - Gráfico de níveis de conforto e gráfico de chuva mensal em Alagoa Grande.



Fonte: © WeatherSpark.com.

Os fortes ventos são característicos da região. Os moradores relatam grande intensidade de ventilação no terreno do Vivenciando, o que impedia a permanência dos palhoções por muito tempo. Após a realização dos eventos, o vento levava embora os resquícios de cobertura quando se utilizava a palha e eventualmente a estrutura tinha que ser desmontada. A direção média dos ventos na região varia durante o ano. O vento mais frequente vem do Sudeste no inverno e no Leste nas demais estações do ano (Figura 56).

Figura 56 - Gráfico de velocidade média do e gráfico de direção do vento em Alagoa Grande.



Fonte: © WeatherSpark.com.

5.3. Proposta

Após as análises realizadas através das visitas em campo, pesquisa documental e bibliográfica e Avaliação Pós-Ocupação (APO), definiu-se as diretrizes para o projeto. Para cada diretriz, também foram definidas suas ações:

Diretriz 01. Valorização da cultura local

- 1.1. Abrigar atividades culturais e criar espaços de convívio;
- 1.2. Envolver a comunidade no processo de projeto e na construção do Centro Cultural;
- 1.3. Utilizar materiais e técnicas construtivas locais e elementos que gerem identidade para o conjunto.

Diretriz 02. Relação com o entorno

- 2.1. Conectar os diversos equipamentos do entorno e valorizar as edificações históricas;
- 2.2. Valorizar a paisagem e a vegetação;
- 2.3. Manter escala similar às edificações de Caiana.

Diretriz 03. Flexibilidade arquitetônica

- 3.1. Permitir a personalização do espaço pelos moradores;
- 3.2. Possibilitar a variedade de usos em um mesmo ambiente;

Diretriz 04. Sustentabilidade

- 4.1. Incentivar o turismo rural na comunidade e a realização de atividades profissionalizantes, possibilitando a geração de emprego e renda;
- 4.2. Possibilitar a captação da água da chuva, economia de água e reaproveitamento dos resíduos gerados.
- 4.3. Utilizar materiais disponíveis localmente e adotar a autoconstrução.
- 4.4. Projetar ambientes bem ventilados e abrigados da chuva e da incidência solar direta.

Diretriz 05. Adequação à topografia

- 5.1. Adequar o projeto à topografia acidentada do terreno;
- 5.2. Respeitar a acessibilidade;
- 5.3. Evitar demasiada movimentação de terra.

Para o projeto, adotou-se os conceitos de união e memória:

UNIÃO

- entre os moradores do quilombo;
- entre os moradores de Caiana e os turistas;
- entre os diversos equipamentos do entorno;
- entre os diversos edifícios do Centro Cultural;
- do espaço construído com a natureza.

+

MEMÓRIA

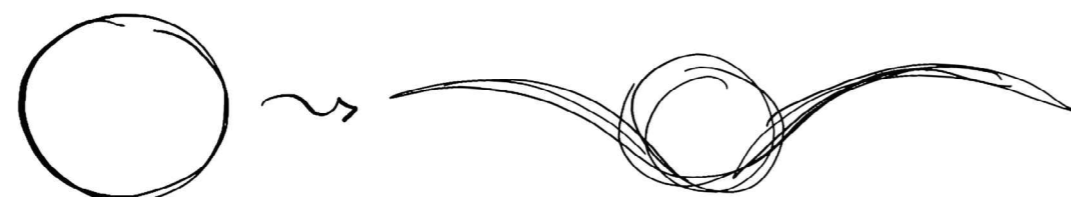
- Manutenção e valorização da memória coletiva do povo de Caiana, utilizando o conceito de **SANKOFA**, derivado da África Ocidental. Representa a busca da sabedoria em aprender com o passado para entender o presente e moldar o futuro.

Figura 57 - Pintura na comunidade Caiana dos Crioulos.



Fonte: <https://www.instagram.com/ritadechico/>.

O projeto tomou como partido a forma circular do palhoção e os caminhos que se conectam por ele:



Círculo:

Sem hierarquia;
Formato necessário
para as danças de roda;
Ponto central do conjunto.

Círculo + asas:

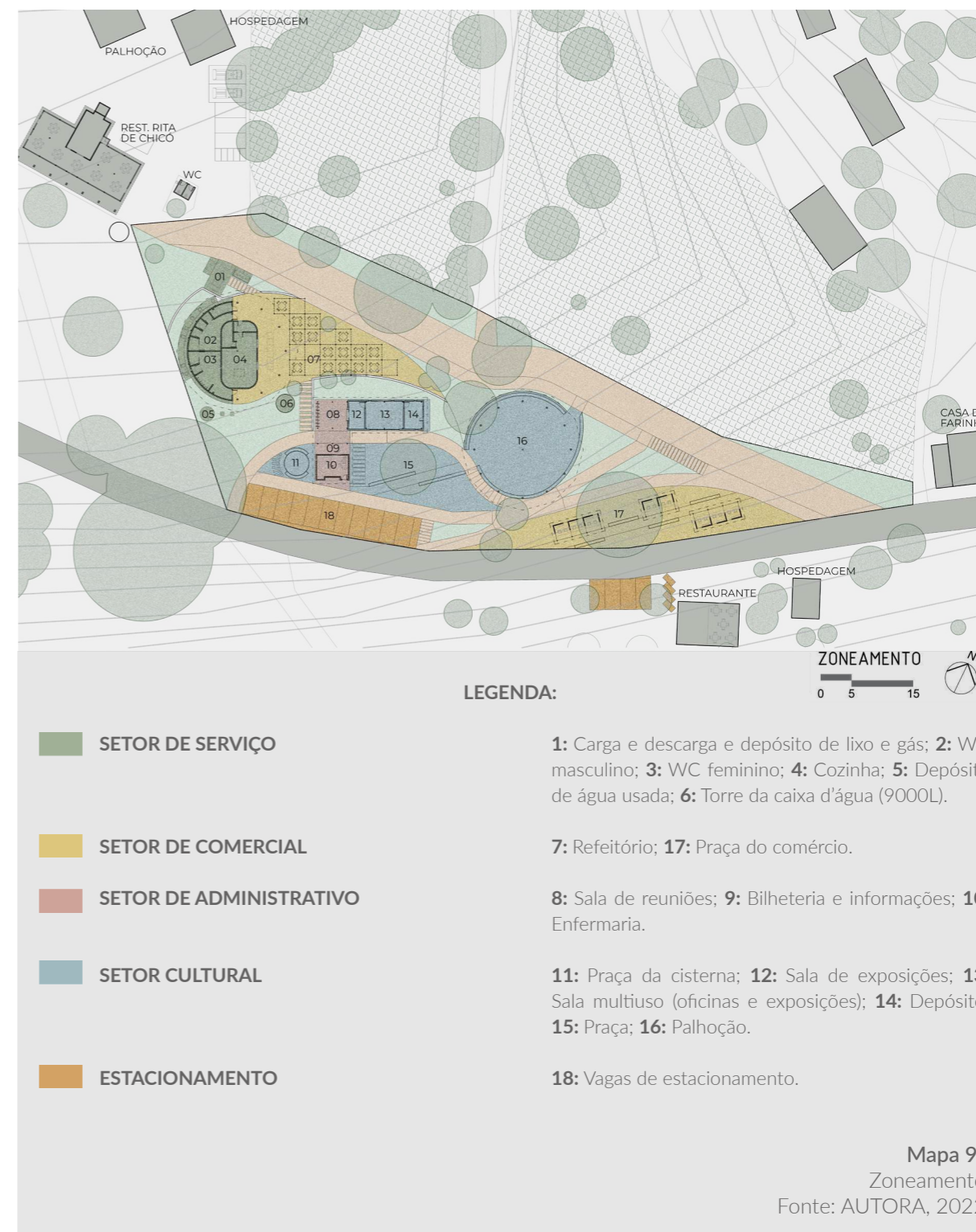
Conexão entre os diferen-
tes espaços do centro cultural;
Conexão entre os diferentes
equipamentos do entorno



Abraço, conexão, abrigo

Para realizar o zoneamento do projeto (Mapa 9), inicialmente foi feita uma setorização de acordo com o que foi indicado pelos moradores como o local desejado para cada uso. Os moradores indicaram onde eles planejavam que ficasse localizado o palhoção, as barraquinhas do comércio e as vagas para estacionamento. Também foi mencionado o formato desejado para o local de danças, que deveria ter forma circular.

O centro cultural tem o palhoção como ponto central, em forma circular, não possuindo hierarquia. É o formato ideal para a realização das danças de roda, como o coco de roda, a ciranda e as rodas de capoeira. Esse espaço de danças e apresentações conecta todos os caminhos do centro cultural, como um ponto de encontro, de união.



O projeto foi pensado de forma a valorizar a paisagem, permitindo a visualização de diversos pontos da comunidade a partir dos percursos definidos. Para os caminhos, buscou-se adequá-los à topografia do terreno, evitando assim muita movimentação de terra e gastos desnecessários. Com o mesmo intuito, adotou-se edificações soltas no conjunto, a partir da observação das estratégias construtivas das edificações da comunidade. A relação com o entorno também se deu a partir da escala das edificações, sendo todas térreas, e a partir da utilização dos materiais utilizados tradicionalmente em Caiana, como os tijolos de barro, estruturas de madeira, telhas cerâmicas, pisos de cimento queimado e utilização de cores vibrantes e pinturas com ilustrações representando a comunidade.

Como forma de destaque, nas duas edificações propostas mais significativas, o restaurante e o palhoção, utilizou-se o formato circular. Já para o bloco administrativo, o intuito foi deixá-lo mais camuflado, utilizando o tipo de cobertura mais usual em Caiana, a cobertura de duas águas. Para diferenciá-lo da edificação pré-existente, foi utilizada outra inclinação e pé-direito mais alto.

A questão hídrica também foi ponto de destaque no projeto. Devido à importância da água para a subsistência da comunidade, buscou-se adotar estratégias para economia desse recurso, como: utilização de banheiros secos e reciclagem das águas utilizadas, além da captação da água da chuva através de cisterna, que pode se tornar um ponto de encontro para os moradores. A caixa d'água também ganha destaque, sendo criada uma torre que pode ser personalizada com pinturas além de possuir a função de mirante.

As decisões projetuais também foram guiadas pela presença das vegetações e da casa dentro do terreno. Nos pontos com as árvores mais significativas, foram propostas praças, para assim aproveitar a sombra proporcionada por elas e no projeto não houve a proposta de derrubada de nenhuma árvore no terreno. Também buscou-se valorizar e dar novos usos para a casa pré-existente, que atualmente encontra-se sem utilização, mas possui grande valor histórico e sentimental para os moradores do quilombo (Figuras 58 e 59).

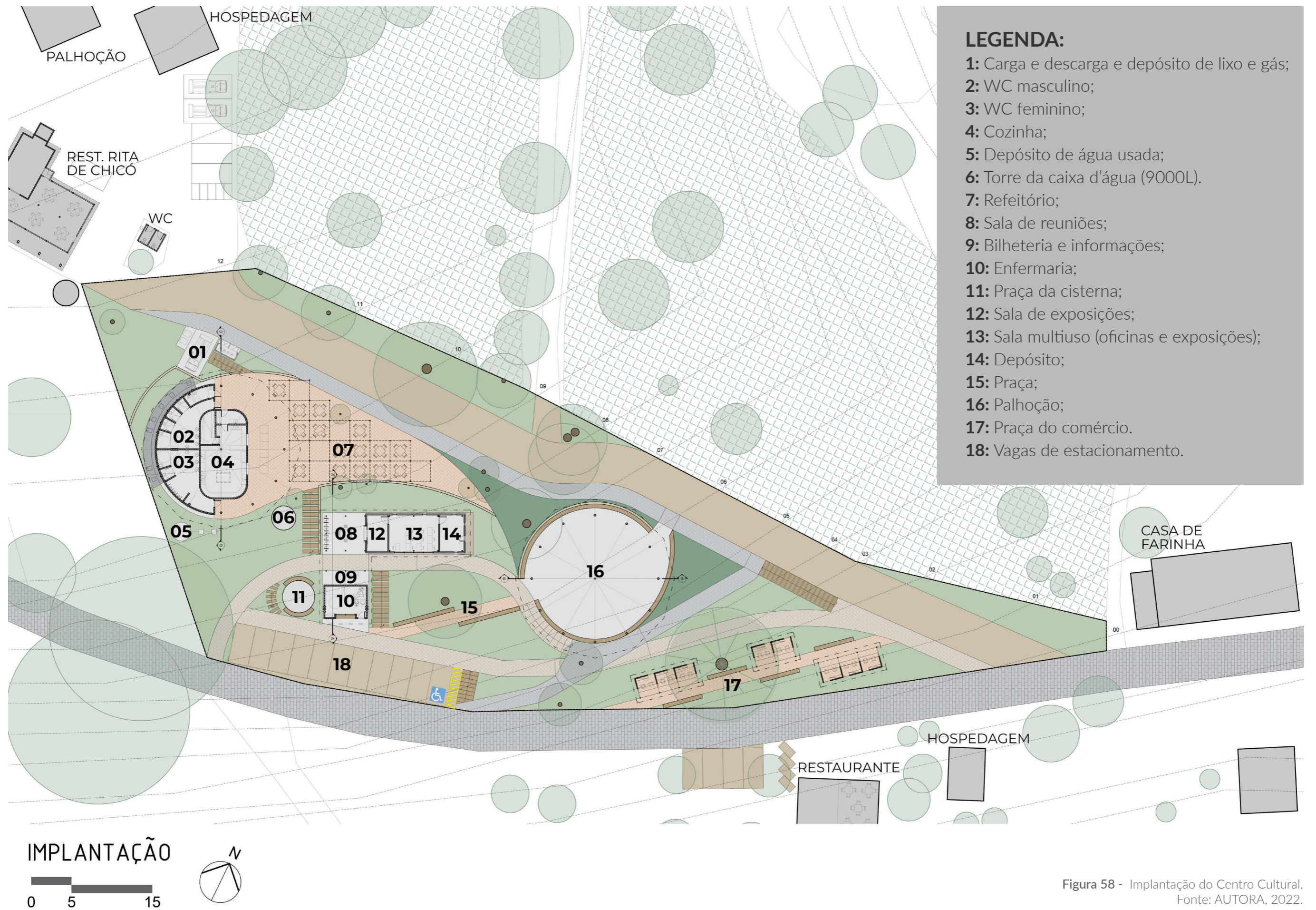


Figura 58 - Implantação do Centro Cultural.
Fonte: AUTORA, 2022.

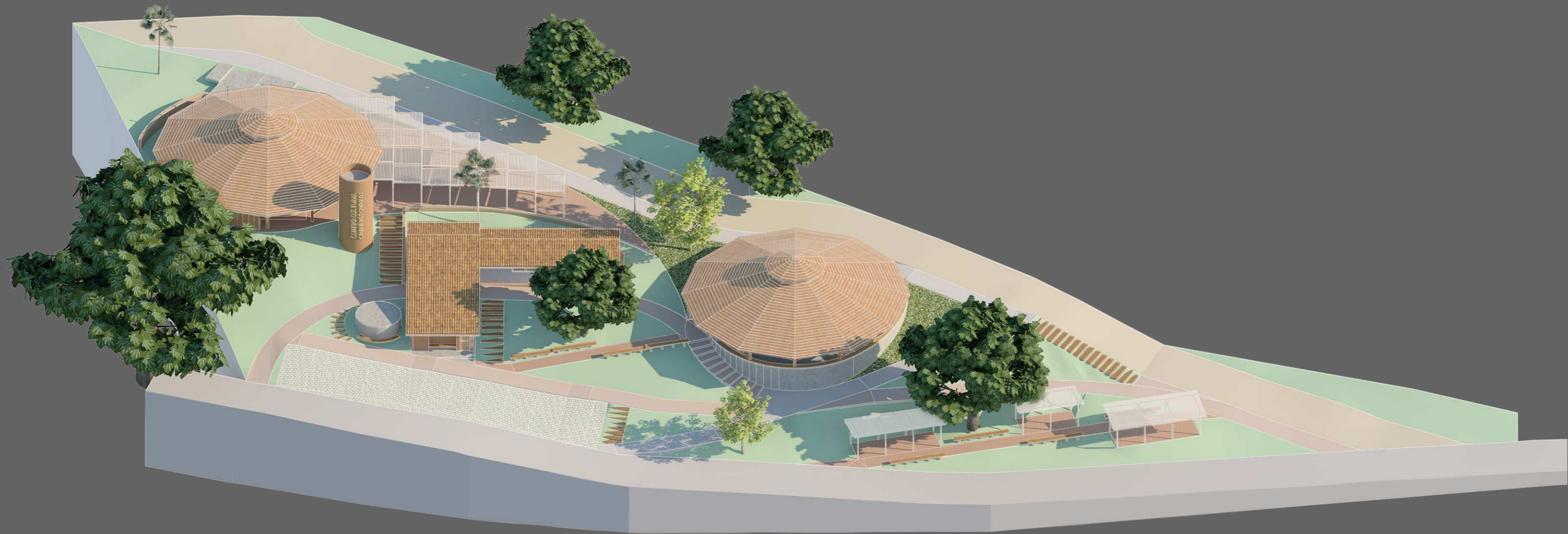


Figura 59 - Perspectiva do conjunto.
Fonte: AUTORA, 2022.

5.4. Aspectos construtivos e identidade

O projeto do centro cultural foi pensado de forma a possibilitar a participação da comunidade também no processo de construção desse espaço, por meio da utilização de técnicas construtivas já dominadas pelos moradores, como a utilização de estruturas de madeira, telhas cerâmicas e a possibilidade de utilização de blocos de terra crua, que podem ser construídos pelos próprios moradores com matéria-prima existente no local, garantindo mais economia, sustentabilidade e o resgate das tradições construtivas da comunidade. As esquadrias propostas também podem ser produzidas por artesãos locais, sendo compostas por marco e moldura das folhas em madeira maciça e fechamento em palha de bananeira (material utilizado tradicionalmente na comunidade para fazer painéis, esteiras e artesanatos). Os moradores também podem participar da construção desse espaço através da realização de pinturas nas paredes, organização espacial dos ambientes, customização das barraquinhas e decoração dos ambientes, adotando-se artesanatos, quadros e mobiliários produzidos por artesãos locais.

PALHOÇÃO:

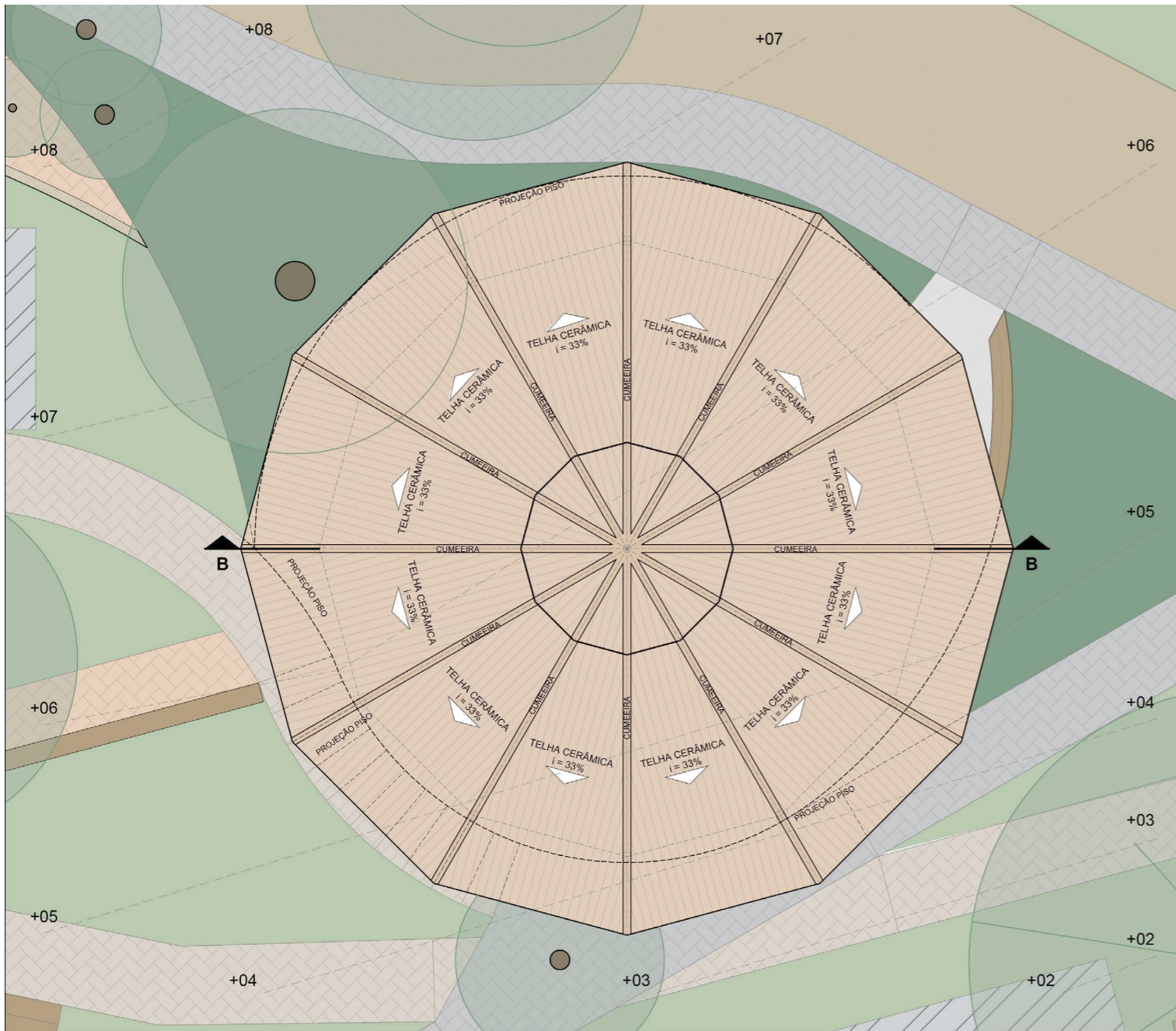
O palhoção projetado possui diâmetro de 15,70m (de pilar a pilar) e beiral de 2m. A estrutura foi pensada de forma a vencer um vão de 7,85m utilizando uma estrutura leve de madeira com peças de seção máxima de 6x15cm (com exceção do pilar central, no qual se pode utilizar um tronco de palmeira como já foi feito pela comunidade em outros palhoções). A cumeeira está localizada a 6,7m do piso e possui saída para ar quente e a telha adotada é a cerâmica do tipo colonial com inclinação de 33%. Esse tipo de telha é a mais utilizada nas edificações de caiana atualmente, o que faz com que o palhoção não destoe das edificações do entorno.

O dimensionamento das peças de madeira e a escolha do tipo de madeira foram feitos de acordo com o que é comercializado na região. Para isso, entrou-se em contato com madeireiras da cidade de Alagoa Grande.

Para permitir uma estrutura mais esbelta, foi necessário utilizar diversos apoios nos pilares. Para não sobrecarregar os pilares das extremidades, utilizou-se pilares de concreto até a altura de 2m. Com isso, também é possível obter uma escala mais humana e utilizar pinturas nos pilares, trazendo as cores vivas características de Caiana para esse espaço.

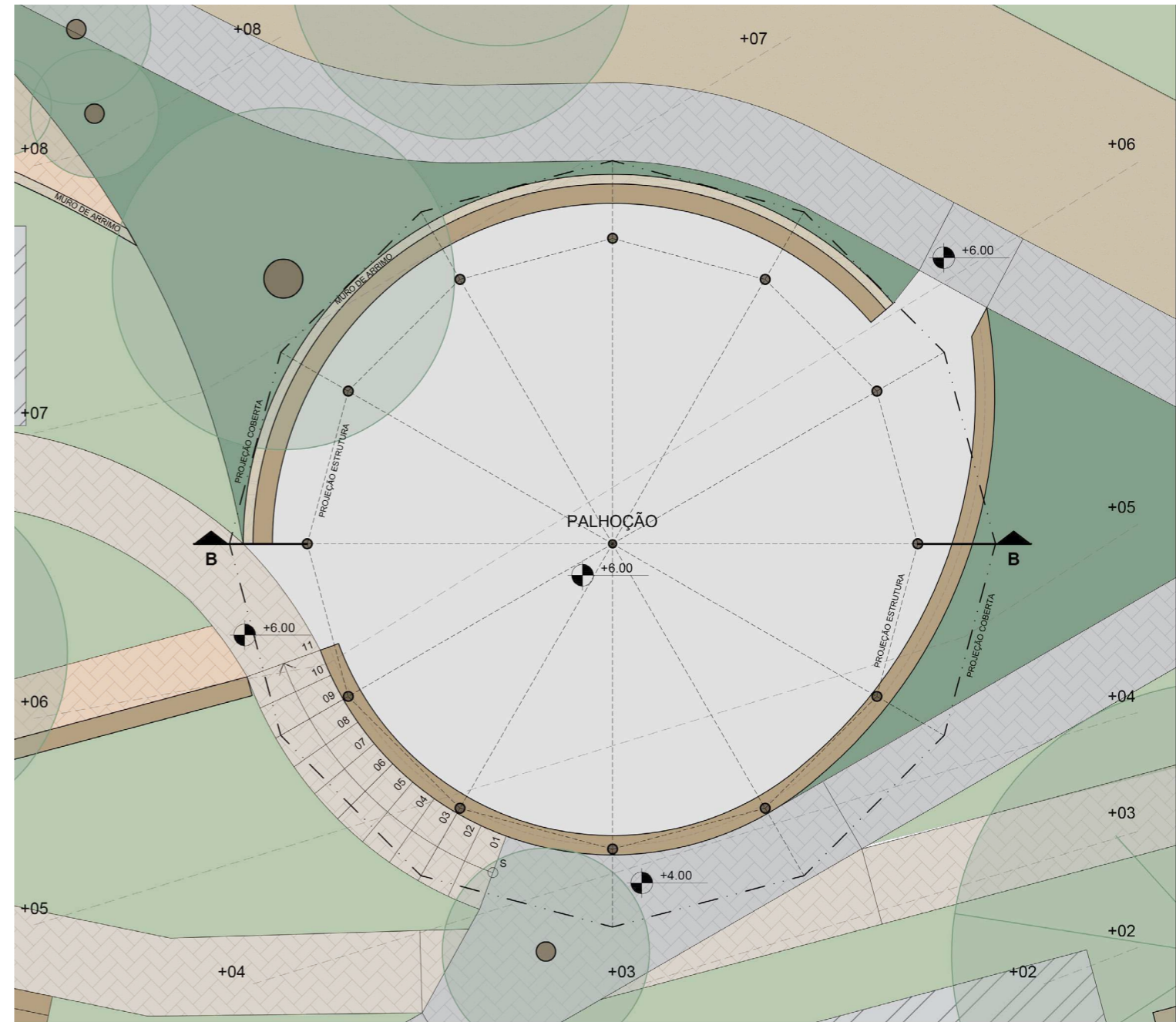
Os beirais foram pensados com o intuito de facilitar a captação de água da chuva, de forma que o condutor vertical possa descer paralelamente à mão-francesa, ficando mais integrado. A cobertura foi pensada de modo a não exigir a presença de calhas (como ocorre em um telhado borboleta), mas permitindo a sua instalação de acordo com o orçamento disponível e a necessidade do local.

Com relação à topografia, a edificação fica posicionada entre três curvas de nível e adota o nível da curva central, de modo que é realizado o corte em parte do piso e aterro na outra metade, utilizando a terra que foi retirada no processo. Devido à diferença de níveis, é necessária a presença de muro de arrimo, que é utilizado também como apoio para os bancos da plateia. Na parte frontal do palhoção, o muro de arrimo também se torna uma área de destaque, que pode ser personalizada pelos moradores para trazer a identidade de Caiana para o conjunto (Figuras 60 a 64).



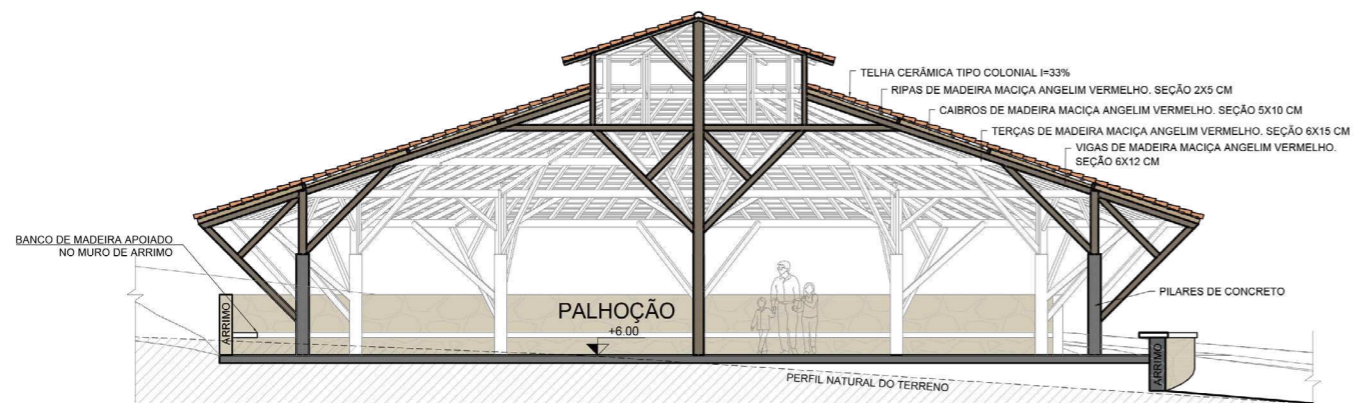
PLANTA DE COBERTA - PALHOÇÃO
 ESCALA (METROS) 0 1 2

Figura 60 - Planta de cobertura Palhoção.
 Fonte: AUTORA, 2022.



PLANTA BAIXA - PALHOÇÃO
 ESCALA (METROS) 0 1 2

Figura 62 - Planta baixa Palhoção.



CORTE BB - PALHOÇÃO
 ESCALA (METROS) 0 1 2

Figura 61 - Corte BB Palhoção.
 Fonte: AUTORA, 2022.



Figura 63 - Perspectiva externa Palhoção.
Fonte: AUTORA, 2022.



Figura 64 - Perspectiva interna Palhoção.
Fonte: AUTORA, 2022.

SERVIÇO:

O bloco de serviço utiliza a mesma estrutura de cobertura do palhoção, se diferenciando apenas pela presença de manta impermeabilizante e forro de OSB entre as terças e os caibros. Essa edificação foi pensada de forma a poder ser construída em etapas. Inicialmente, constrói-se a estrutura da cobertura, que pode ser utilizada pelos moradores como um espaço livre e coberto.

Quando houver verba suficiente, podem ser construídas as vedações e instalações sanitárias. Para as vedações, sugere-se a utilização de blocos prensados de terra crua, que podem ser construídos pelos próprios moradores com o barro disponível no local, ou a utilização dos tijolos de barro cozido que já vinham sendo fabricados pelos moradores de Caiana. Caso haja a utilização dos blocos de terra crua, é necessária a capacitação da população, como vem ocorrendo em comunidades com a assistência do professor Normando Perazzo Barbosa (UFPB).

Devido ao grande problema de falta d'água em Caiana, foi projetada uma cisterna de forma a captar águas pluviais das cobertas do setor de serviço e da edificação que consiste no bloco da administração com a edificação pré-existente. A cisterna poderá ser utilizada tanto para abastecer o centro cultural como para uso dos moradores da comunidade, tornando-se um ponto de encontro.

Também foi proposta uma torre para as caixas d'água, que se torna um marco visual, podendo trazer identidade para esse espaço, além de haver a possibilidade de ser utilizada como um mirante, para apreciação da paisagem. Nos quilombos, os mirantes possuíam papel fundamental de segurança, tornando possível avistar possíveis invasores.

Para economizar água e devido à falta de rede de esgoto na comunidade, foi previsto um sistema de banheiros secos, chamado Bason, desenvolvido por Johan Van Lengen. Nesse tipo de sanitário, não há a utilização de água e os dejetos humanos e lixos orgânicos da cozinha são transformados, após um ano, em adubo. Em seu funcionamento, é previsto um sistema de ventilação natural e um separador de urina (opcional) que evitam maus odores. Esse tipo de sanitário foi pensado, principalmente, pois no ginásio existente na comunidade, os sanitários estão desativados devido à falta d'água, ficando obsoletos.

Visando o reaproveitamento das águas usadas, também foi prevista a utilização de um sistema de filtragem, com caixa de gordura, filtro de areia e o depósito de água usada, que pode ser utilizada para regar as plantações. Com a presença dos sanitários secos e do sistema de filtragem da água usada, a edificação dispensa a presença de fossas (Figuras 65 a 73).

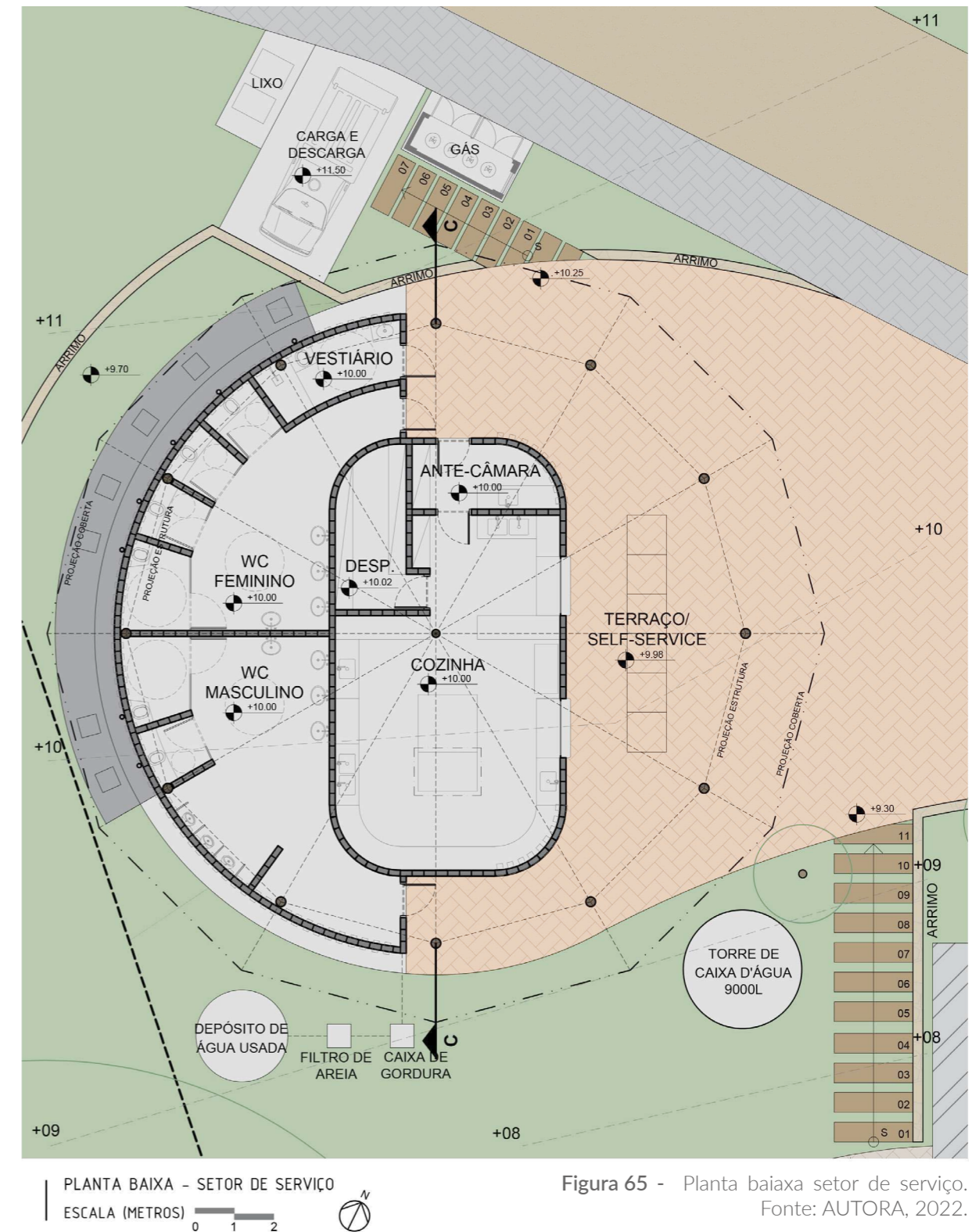


Figura 65 - Planta baixa setor de serviço. Fonte: AUTORA, 2022.

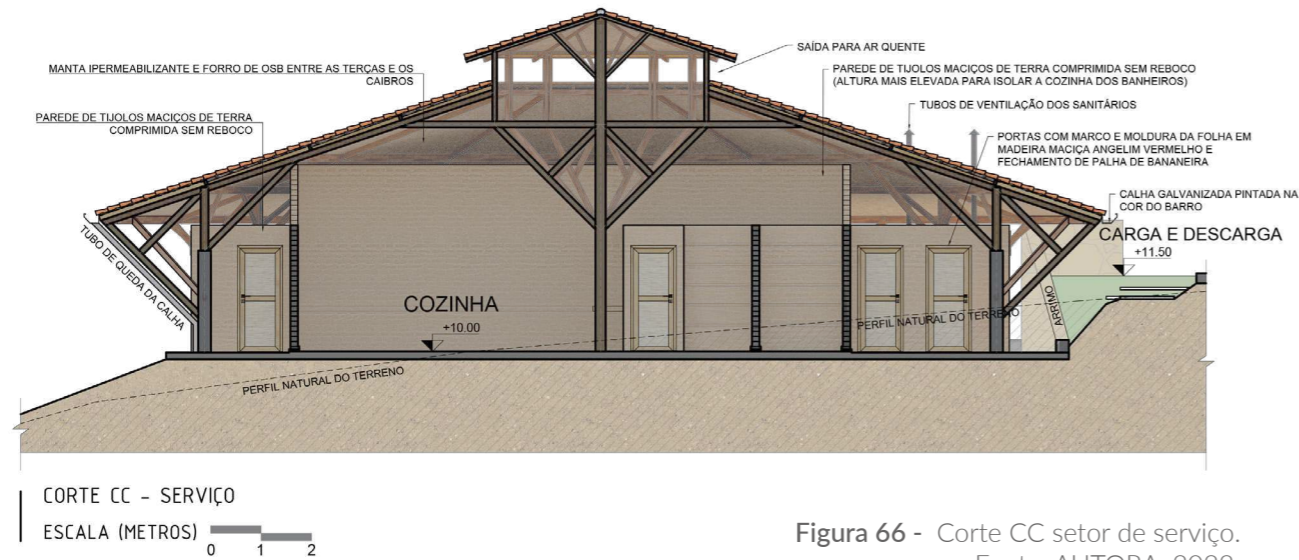


Figura 66 - Corte CC setor de serviço.
Fonte: AUTORA, 2022.

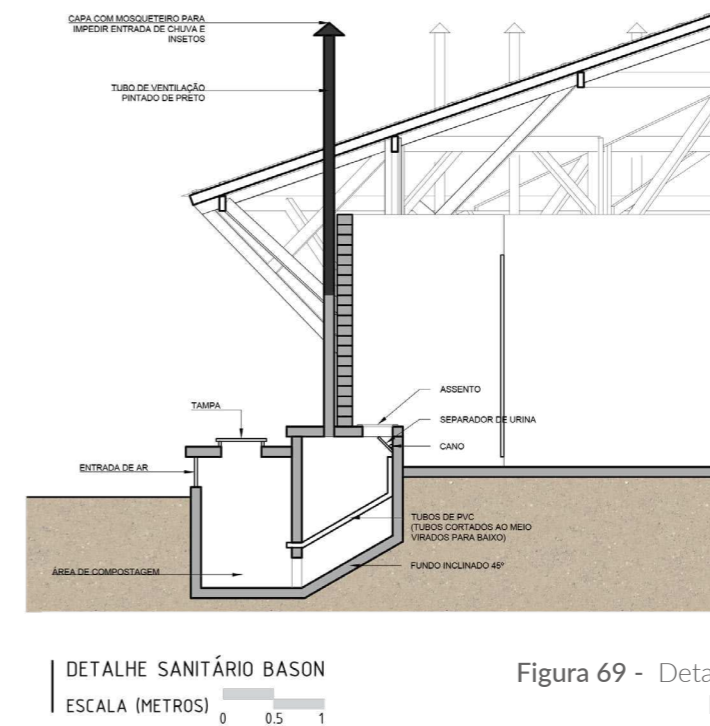


Figura 69 - Detalhe do sanitário Bason.
Fonte: AUTORA, 2022.

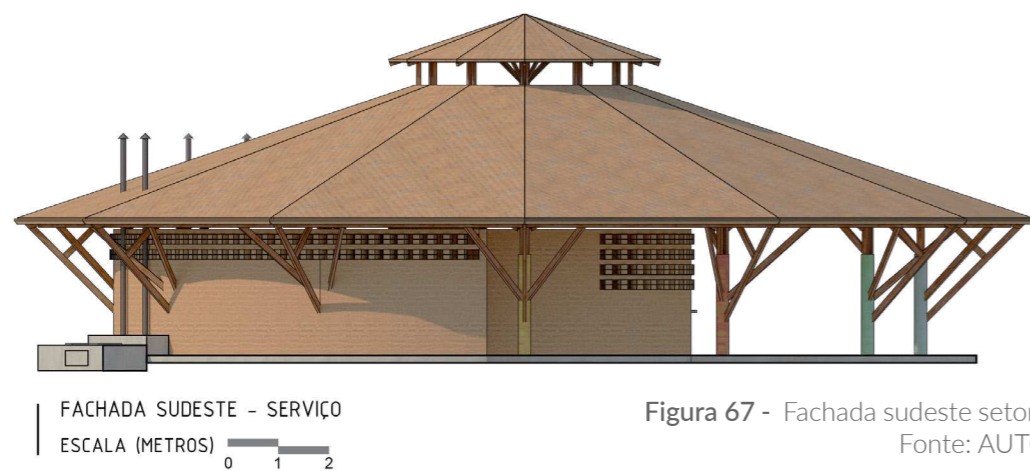


Figura 67 - Fachada sudeste setor de serviço.
Fonte: AUTORA, 2022.

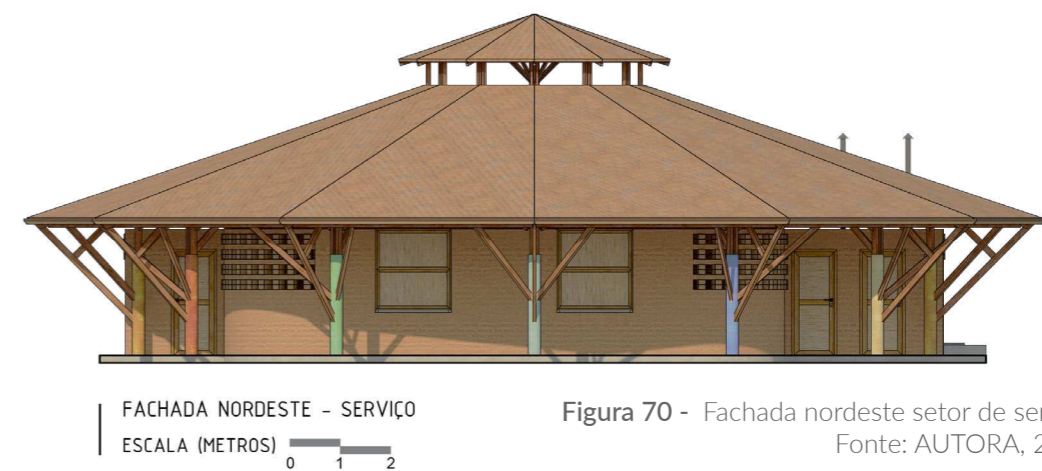


Figura 70 - Fachada nordeste setor de serviço.
Fonte: AUTORA, 2022.

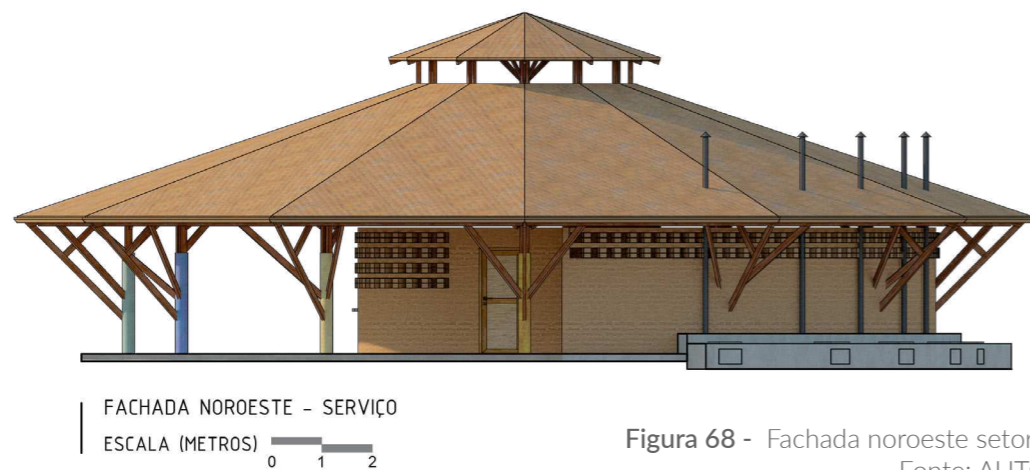


Figura 68 - Fachada noroeste setor de serviço.
Fonte: AUTORA, 2022.

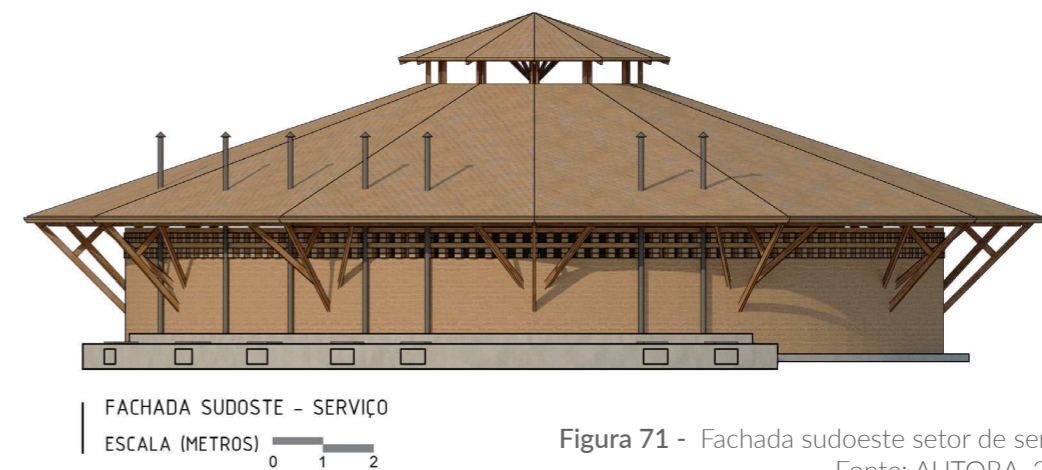


Figura 71 - Fachada sudoeste setor de serviço.
Fonte: AUTORA, 2022.



Figura 72 - Perspectiva externa do conjunto.
Fonte: AUTORA, 2022.



Figura 73 - Perspectiva externa do conjunto.
Fonte: AUTORA, 2022.

ADMINISTRAÇÃO + EDIFICAÇÃO PRÉ-EXISTENTE:

Nesse bloco, propõe-se a preservação da edificação pré-existente (Figura 74), fazendo algumas modificações por questões de acessibilidade, salubridade e flexibilidade dos espaços. Projetou-se uma nova cobertura para a edificação, a fim de obter um pé direito mais acessível e confortável para os usuários e garantir a estabilidade do sistema estrutural através da proposta de um novo madeiramento com uma estrutura independente das alvenarias. No projeto, foi respeitada a identidade da edificação original, criando uma coberta solta das paredes, mas mantendo a forma original de duas águas.

Figura 74 - Edificação pré-existente.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Os tijolos, telhas e esquadrias da casa foram fabricados pela própria comunidade em mutirão. Ciente disso, foi proposta a utilização das telhas pré-existentes, além de preservação das esquadrias e valorização das paredes de barro. Para fazer o reaproveitamento das telhas, viu-se necessária a utilização de manta impermeabilizante e forro de OSB, além de realizar a limpeza das telhas.

No bloco administrativo, propõe-se uma cobertura com inclinação de 25%, cobrindo a sala de reuniões, bilheteria e enfermaria. A cobertura da administração destaca-se da cobertura da edificação pré-existente, permitindo uma distinguibilidade do que era a edificação originalmente e do que é a nova edificação proposta de bloco administrativo, ao mesmo tempo que cria uma edificação coesa e integrada, mantendo uma mesma linguagem.

Com relação à organização espacial, a edificação pré-existente passou a ter uso cultural, abrigando uma sala multiuso que pode ser utilizada tanto para a realização de oficinas culturais e profissionalizantes (como a confecção de instrumentos e aulas de música), como para a realização de exposições da história do quilombo, de trabalhos artísticos, como também exposição de filmes para que os jovens de Caiana conheçam e tenham orgulho de sua história. Como espaço de apoio para guardar os instrumentos e mobiliários utilizados na oficina, propôs-se um depósito no local onde antes era a sala de estar da residência. Também foi proposta uma antessala, que pode ser utilizada para exposições mais fixas, para que possa ser utilizada em eventos menores, no dia a dia, enquanto ocorrem as oficinas.

Ao lado da antessala, na área externa, está o terraço da administração, que pode servir tanto como uma sala de reuniões, como uma extensão da antessala de exposições em dias de eventos. Junto com o terraço, está a bilheteria e centro de atendimento ao turista, que como o próprio nome sugere, é um local que pode ser utilizado para sanar dúvidas e realizar a compra de ingressos para participação nas atividades dos eventos, como as trilhas, exposições e almoço. Um metro e meio abaixo do nível do terraço, em ponto mais baixo do terreno, está localizada a enfermaria, permitindo o acesso com mais facilidade de pessoas que necessitem de atendimentos assistenciais ou de primeiros socorros durante os eventos (Figuras 75 a 85).

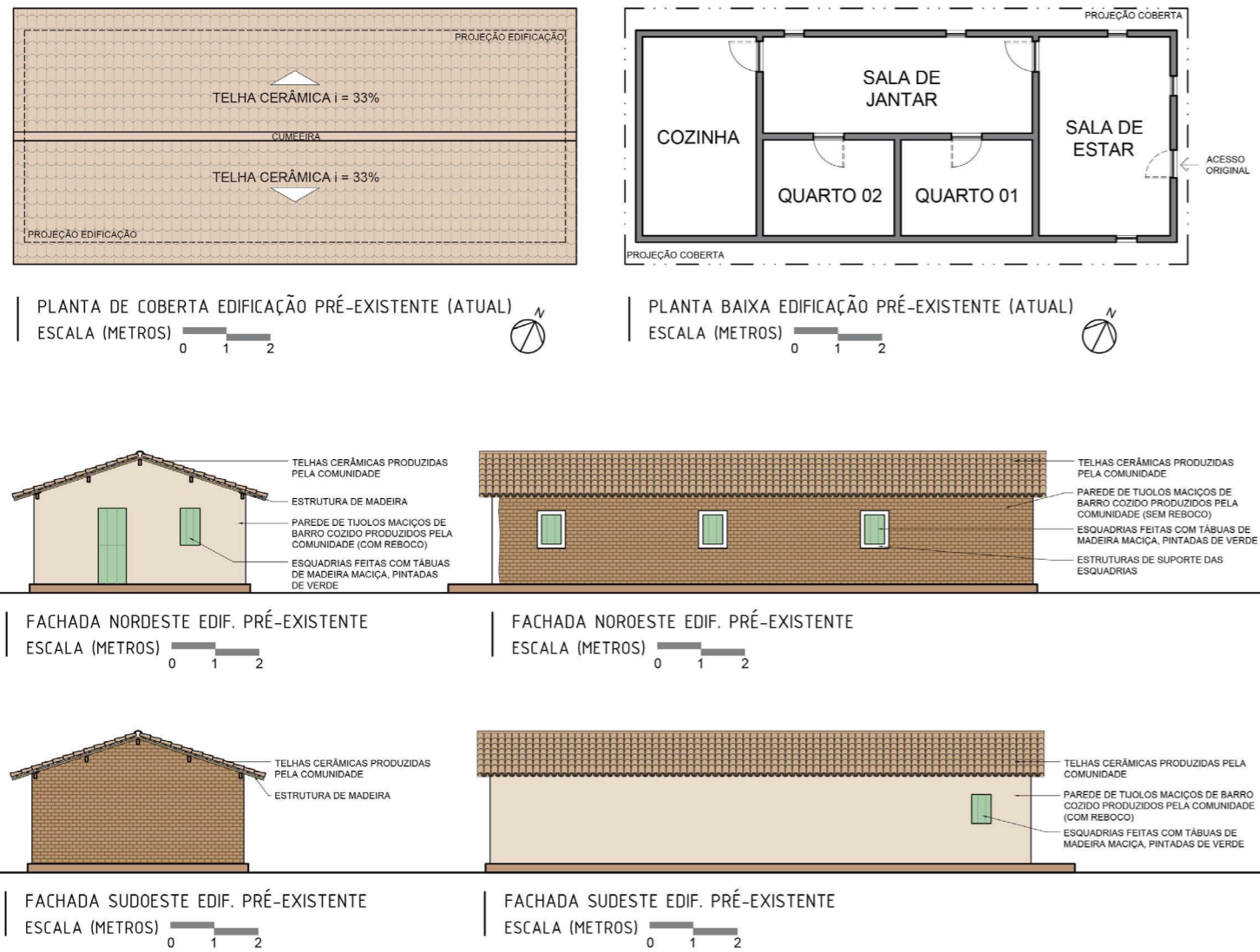


Figura 75 - Levantamento arquitetônico da edificação pré-existente.
 Fonte: AUTORA, 2022.

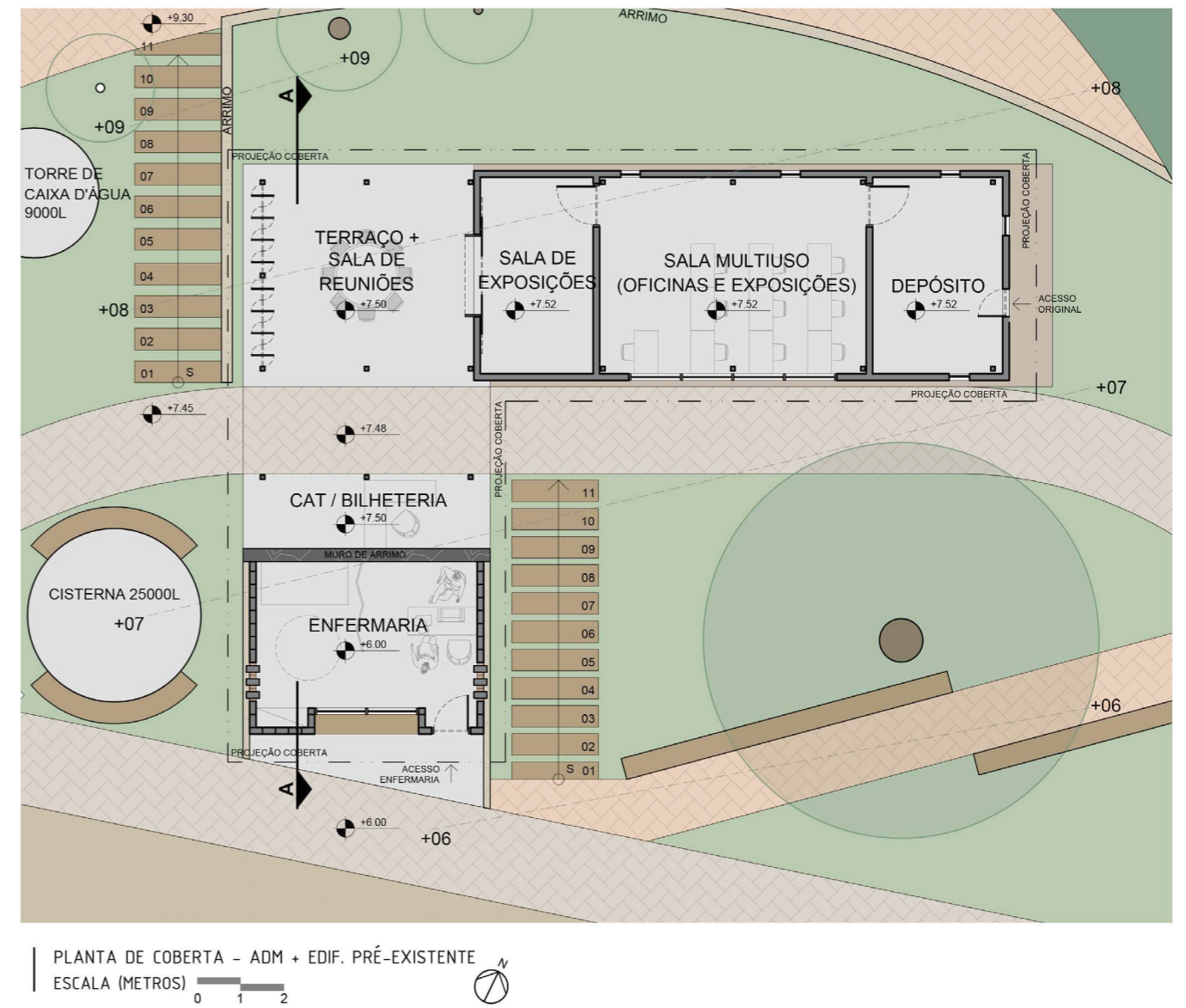
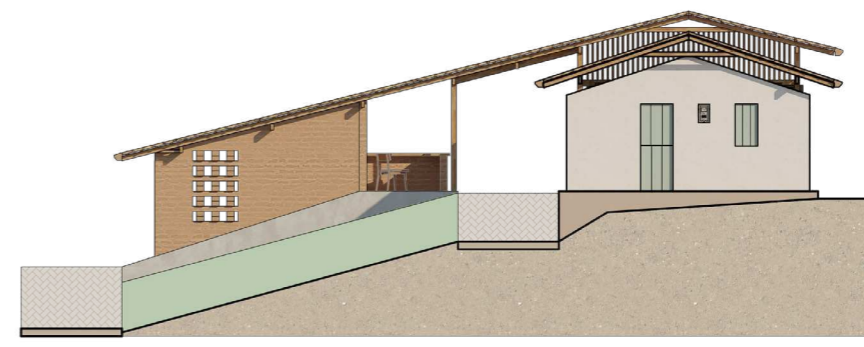


Figura 76 - Planta baixa adm. + edificação pré-existente.
 Fonte: AUTORA, 2022.



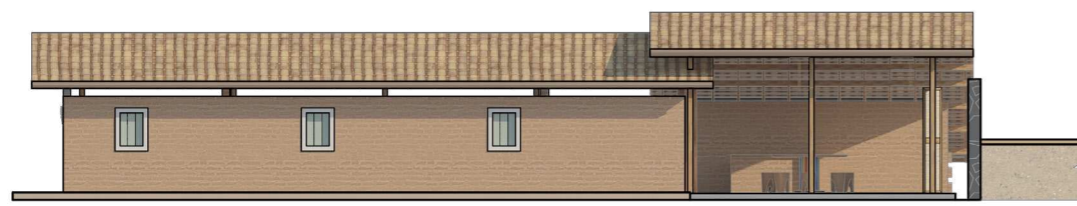
FACHADA SUDESTE
ESCALA (METROS) 0 1 2

Figura 77 - Fachada sudeste adm. + edificação pré-existente.
Fonte: AUTORA, 2022.



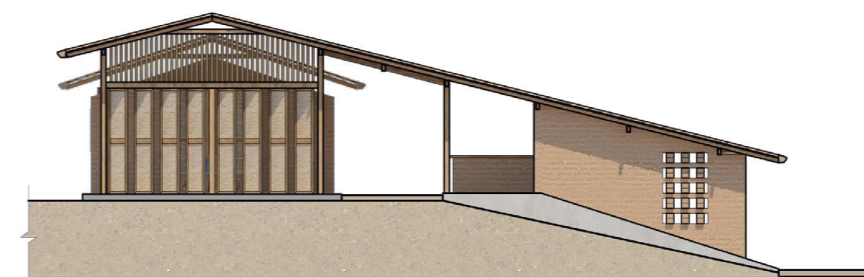
FACHADA NORDESTE
ESCALA (METROS) 0 1 2

Figura 80 - Fachada nordeste adm. + edificação pré-existente.
Fonte: AUTORA, 2022.



FACHADA NOROESTE
ESCALA (METROS) 0 1 2

Figura 78 - Fachada noroeste adm. + edificação pré-existente.
Fonte: AUTORA, 2022.



FACHADA SUDOESTE
ESCALA (METROS) 0 1 2

Figura 81 - Fachada sudoeste adm. + edificação pré-existente.
Fonte: AUTORA, 2022.



CORTE AA - ADM + EDIF. PRÉ-EXISTENTE
ESCALA (METROS) 0 1 2

Figura 79 - Corte AA adm. + edificação pré-existente.
Fonte: AUTORA, 2022.



Figura 82 - Perspectiva externa adm. + edificação pré-existente.
Fonte: AUTORA, 2022.



Figura 83 - Perspectiva externa adm. + edificação pré-existente.
Fonte: AUTORA, 2022.

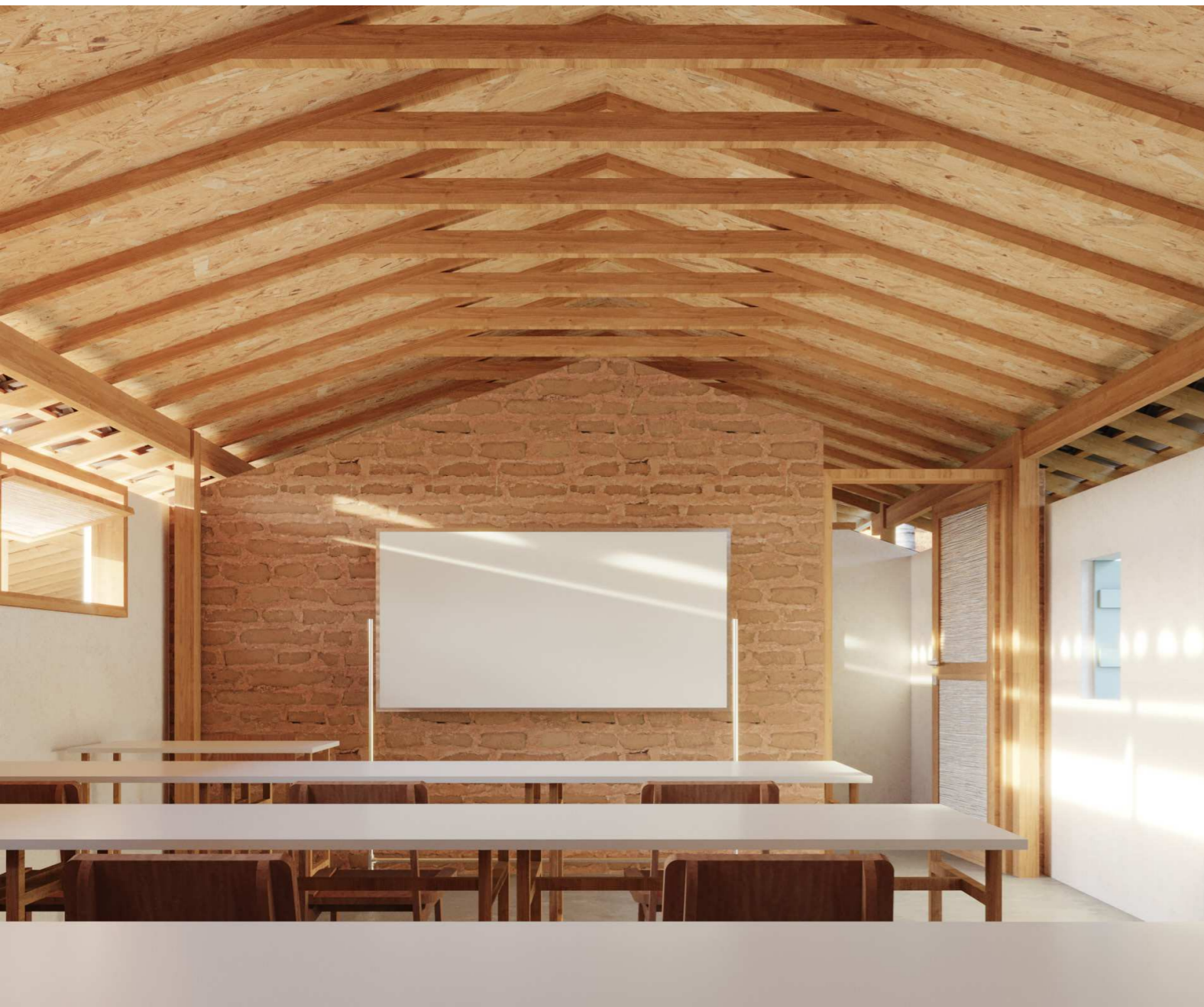


Figura 84 - Perspectiva sala multiuso (oficinas e exposições).
Fonte: AUTORA, 2022.



Figura 85 - Perspectiva sala de exposições.
Fonte: AUTORA, 2022.

COMÉRCIO:

Ao elaborar a estrutura base das pérgolas das barraquinhas e do refeitório, tomou-se como base estruturas que já vinham sendo feitas pela comunidade, como um espaço coberto para descanso construído no restaurante Rita de Chicó e o palhoção construído pelos moradores no Vivenciando Caiana (Figura 86).

Figura 86 - Estruturas efêmeras produzidas pelos moradores de Caiana.



Fonte: <https://www.instagram.com/ritadechico/> e acervo pessoal da autora, 2022.

Na construção do projeto, propõe-se que seja construída a estrutura com madeiras roliças colhidas localmente, possibilitando a construção pelos próprios moradores com os recursos disponíveis no local. Na cobertura das pérgolas, propõe-se utilizar palha de coqueiro para proteção solar e, em dias de chuva, pode-se utilizar as lonas que já vêm sendo utilizadas nos eventos.

Como forma de permitir que os moradores tragam sua própria identidade para cada barraquinha, é projetado que se construa somente a estrutura e cobertura das pérgolas. Dessa forma, em dias que não houver a necessidade de utilização das barracas, o espaço pode ser utilizado como uma praça coberta. Para as barraquinhas, é projetada apenas uma organização sugerida do seu interior e de suas vedações, que pode ser alterada a depender da necessidade e desejo de cada usuário.

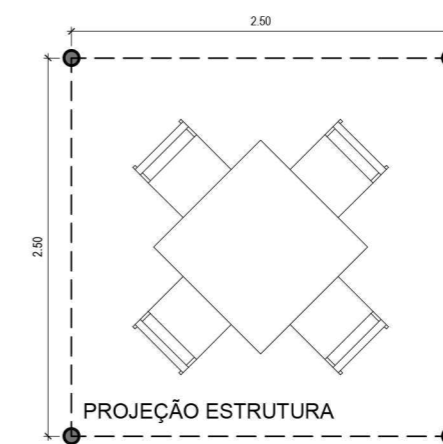
Já o refeitório foi projetado de forma a abrigar pelo menos 60 lugares, com alguns módulos livres, possibilitando sua expansão conforme a demanda de visitantes (Figuras 87 a 89).

Figura 87 - Planta baixa dos módulos para o comércio.



PLANTA BAIXA - MÓDULO BARRAQUINHAS

0 0.5m 1m



PLANTA BAIXA - MÓDULO REFEITÓRIO

0 0.5m 1m



Fonte: AUTORA, 2022.

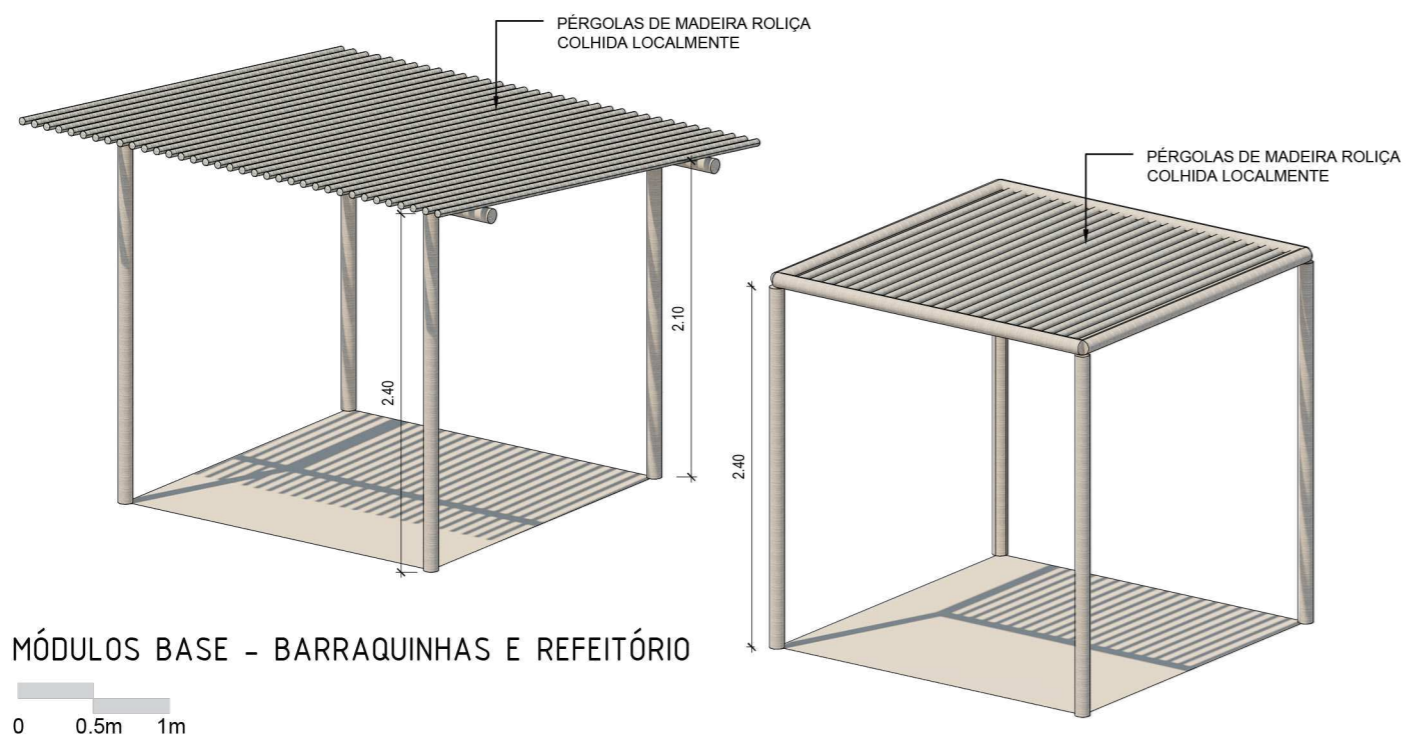


Figura 88 - Esquemas isométricos dos módulos para o comércio.
Fonte: AUTORA, 2022.



Figura 89 - Perspectiva da praça do comércio com o entorno.
Fonte: AUTORA, 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

FUNÇÃO:

Através da participação dos moradores no processo de projeto, foi possível identificar os desejos e necessidades da comunidade e assim realizar um projeto adequado às demandas locais. O centro cultural projetado é um espaço de convívio, união, memória e valorização do patrimônio histórico e cultural do quilombo de Caiana, contribuindo também para o desenvolvimento social e econômico da comunidade, gerando maior independência financeira para os moradores locais e evitando o êxodo de sua população.

FORMA:

De forma a integrar o projeto ao espaço físico local, buscou-se adequar a escala das edificações do Centro Cultural às demais edificações em Caiana, utilizando apenas edificações térreas e espaçadas entre si, a fim de criar volumes que se integram à paisagem local. Também foram utilizados materiais integrados à identidade da comunidade, como a madeira, tijolos de barro, telhas cerâmicas e a utilização de cores. Os moradores também podem personalizar esses espaços, trazendo sua identidade para o Centro Cultural, através da realização de pinturas, confecção dos mobiliários e artesanatos, organização espacial e apropriação das barraquinhas.

TÉCNICA:

Adotou-se no projeto as técnicas construtivas já dominadas pelos moradores locais, além de haver a possibilidade da autoconstrução e utilização da matéria prima presente no local, retomando assim as tradições construtivas de Caiana e garantindo maior economia e sustentabilidade ao processo construtivo. Também buscou-se adequar o projeto à topografia, utilizando edificações espaçadas entre si, assim como é feito em Caiana, evitando muita movimentação de terra e gastos desnecessários. O projeto também se adequa à infraestrutura presente no local, de modo a economizar os recursos hídricos e reaproveitar os resíduos gerados.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Flávia Marcarine. A participação do usuário na arquitetura e em intervenção urbana. **Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, [S.L.], v. 9, n. 3, p. 500-512, 10 ago. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3369.009.003.ao09>.

BRANDÃO, Joseane Paiva Macedo. Quilombos, política federal de patrimônio e reparação. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S.L.], v. 28, p. 1-29, dez. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672020v28d2e57>.

CUNHA JUNIOR, Henrique Antunes. Quilombo: patrimônio histórico e cultural. **Revista Espaço Acadêmico**, [S.L.], v. 129, p. 158-167, fev. 2012.

DEL RIO, Vicente; IWATA, Nara; SANOFF, Henry. Programação e Métodos Participativos Para o Projeto de Arquitetura: o caso do colégio de aplicação da UFRJ. In: NUTAU'2000 - TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO, São Paulo. **Seminário**. São Paulo: 2000. v. 1, p. 105-113.

DELIBERADOR, Marcella Savioli; KOWALTOWSKI, Doris Catharine Cornelie Knatz. Importância dos agentes para a arquitetura escolar: aplicação de jogo de apoio ao processo participativo. **Ambiente Construído**, [S.L.], v. 18, n. 2, p. 273-288, abr. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-86212018000200254>

FALCONI, Ivaldo. Um quilombo esquecido. **A União**. João Pessoa, 25 set. 1949. Correio das Artes, Suplemento 27, p. 8-10. Disponível em: <https://auniaio.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/correio-das-artes/1949/19490925.pdf/view>. Acesso em: 14 out. 2021.

FURTADO, Marcella Brasil; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; ALVES, Cândida Beatriz. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 106-115, 2014.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015. 143 p. (Coleção Agenda Brasileira).

GOMES, Laurentino. **Escravidão volume 1**: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de zumbi dos palmares. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. (Uma história da escravidão no Brasil).

GOMES, Laurentino. **Escravidão volume 2**: da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021. (Uma história da escravidão no Brasil).

LIMA, Hezrom Vieira Costa. **Já veio tudo dos antepassados**. 2015. 179 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8374/2/arquivo%20total.pdf>. Acesso em: 14 out. 2021.

MALARD, Maria Lúcia et al. Avaliação pós-ocupação, participação de usuários e melhoria de qualidade de projetos habitacionais: uma abordagem fenomenológica. In: ABIKO, Alex Kenya; ORNSTEIN, Sheila Walbe (ed.). **Avaliação Pós-ocupação**: métodos e técnicas aplicados à habitação social. São Paulo: Finep, 2002. Cap. 9. p. 242-267. Disponível em: http://www.habitare.org.br/publicacao_coletanea1.aspx. Acesso em: 14 out. 2021.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno**: arquitetura da segunda metade do século xx. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

NASCIMENTO, Abdias, 1914-2011. **O Quilombismo**: documentos de uma Militância Pan-Africanista; com prefácio de Kabengele Munanga e texto de Elisa Larkin Nascimento e Valdecir Nascimento. 3. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

ONO, Rosaria et al (org.). **Avaliação pós-ocupação**: da teoria à prática. São Paulo: Oficina de Textos, 2018.

PRADO, Luis Otavio Cunha; MÁXIMO, Dayane; DE OLIVEIRA CARNEIRO, Leonardo. Trajetórias da sobrevivência da arquitetura e do patrimônio cultural quilombola: memórias e interferências. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 6, n. 3, 2020

SANOFF, Henry. Community Participation Methods in Design and Planning. **Landscape And Urban Planning**, [S.L.], v. 50, n. 4, p. 270-271, ago. 2000. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0169-2046\(00\)00063-3](http://dx.doi.org/10.1016/s0169-2046(00)00063-3).

SANOFF, Henry. Special issue on participatory design. **Design Studies**, [S.L.], v. 28, n. 3, p. 213-215, maio 2007. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.destud.2007.02.001>.

WEIMER, Günter. **Inter-relações afro-brasileiras na arquitetura**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2014.

WEIMER, Günter. Inter-relações arquitetônicas Brasil-África. Rio Grande do Sul: **Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, 2008.

WEIMER, Günter. Arquitetura popular afro-brasileira. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 26, p. 291-316, Edição Especial Dossiê Patrimônio e Culturas Tradicionais, 2020. <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245260.291-316>.

Apêndice 1 - Roteiro da entrevista com grupo focal

EIXO: História e tradições

1. Para vocês, o que é ser Quilombola?
2. O que se sabe sobre a origem/formação de Caiana?
3. Quais são as principais manifestações culturais de Caiana? (Principais festejos, atividades de artesanato e de arte, as principais atividades musicais, instrumentos musicais típicos da comunidade, pratos culinários característicos)?
4. Onde essas atividades são realizadas? Em quais espaços? Por quê?
5. A infraestrutura atual da comunidade é suficiente para a realização dessas atividades? O que pode ser melhorado? De que forma?

EIXO: Atividades culturais e o turismo

1. Como foi iniciado o turismo na comunidade?
2. Quais contribuições positivas o turismo pode trazer para a comunidade?
3. Quais podem ser as consequências negativas do turismo para Caiana?
4. Como o turismo tem influenciado a cultura da comunidade?
5. Como vocês gostariam de ver a comunidade daqui a 5 anos?

EIXO: Centro Cultural (Programa de Necessidades)

1. Como vocês imaginam o projeto do centro cultural? Quais usos/ambientes vocês gostariam que tivesse? Quais atividades poderiam ser realizadas nesse centro?
2. Quais os materiais construtivos mais utilizados nas construções em Caiana?
3. Quais materiais construtivos vocês considerariam mais adequados para a construção do centro cultural?
4. Em qual local poderia ficar localizado o centro cultural? Por quê?

Apêndice 2 - Questionário

Centro cultural quilombola: arquitetura participativa na comunidade Caiana dos Crioulos

Este questionário tem como objetivo identificar as opiniões dos moradores de Caiana dos Crioulos bem como as principais características desejadas pelos moradores para auxiliar na elaboração de um anteprojeto arquitetônico de Centro Cultural para a comunidade. O anteprojeto faz parte do trabalho de conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFCG, da aluna Cibele Medeiros de Medeiros, sob orientação do professor Fúlvio Teixeira de Barros Pereira (UFCG).

O trabalho tem por finalidade desenvolver anteprojeto arquitetônico de Centro Cultural para a comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, projetando um espaço de memória e valorização do patrimônio histórico da comunidade, além de contribuir para realização de atividades culturais e para o desenvolvimento social e econômico da comunidade, gerando maior independência financeira para os moradores do quilombo.

Não haverá qualquer risco para os participantes da pesquisa e a identidade dos participantes do questionário será anônima. A graduanda estará disponível para esclarecimento de quaisquer dúvidas sobre o projeto e sobre o questionário.

Responsável pelo projeto: Cibele Medeiros de Medeiros
Celular – (83)981316583
e-mail – cibelemedeiros22@gmail.com

*Obrigatório

1. Você faz parte da comunidade quilombola Caiana dos Crioulos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

2. Você participa de algum grupo cultural da comunidade? Se sim, de qual/quais grupo(s) você participa? *

Marque todas que se aplicam.

- Grupo Edite do Coco
 Grupo Desencosta da Parede
 Grupo Cor da Terra
 Grupo de Capoeira e Maculelê
 Coletivo Cultural Caiana dos Crioulos
 Não participo

Outro: _____

3. O que você acha da proposição de um espaço coletivo voltado para a realização de atividades culturais em Caiana? Na sua opinião, quais benefícios ou malefícios esse projeto poderia trazer para a comunidade? *

4. Que tipo de atividades você espera poder realizar em um espaço cultural? Quem seriam os envolvidos nessas atividades (turistas, moradores, ambos etc.)? *

5. Quais espaços devem estar presentes no projeto? (Selecione todas as alternativas que desejar) *

Marque todas que se aplicam.

- Espaço para danças e apresentações
 Cozinha
 Banheiros
 Barraquinhas
 Espaço para realização de oficinas
 Local para armazenar instrumentos
 Local para expor e contar a história de Caiana

Outro: _____

6. Na sua opinião, quais características em um local fazem você lembrar de Caiana dos Crioulos? (ex.: cores específicas, materiais, texturas, pinturas) *

7. O que você NÃO quer que esteja presente nesse espaço cultural? *

8. Alguma observação que você considera importante para o projeto?

Identidade da edificação

Para entendermos melhor os gostos dos moradores de Caiana, gostaríamos que comentasse sua opinião sobre as imagens abaixo:

9. Comente na imagem abaixo sua opinião sobre a edificação (se você gosta ou não, o que te agrada ou desagrada na imagem). *



10. Comente na imagem abaixo sua opinião sobre a edificação (se você gosta ou não, o que te agrada ou desagrada na imagem). *



11. Comente na imagem abaixo sua opinião sobre a edificação (se você gosta ou não, o que te agrada ou desagrada na imagem). *



12. Comente na imagem abaixo sua opinião sobre a edificação (se você gosta ou não, o que te agrada ou desagrada na imagem). *



13. Comente na imagem abaixo sua opinião sobre a edificação (se você gosta ou não, o que te agrada ou desagrada na imagem). *

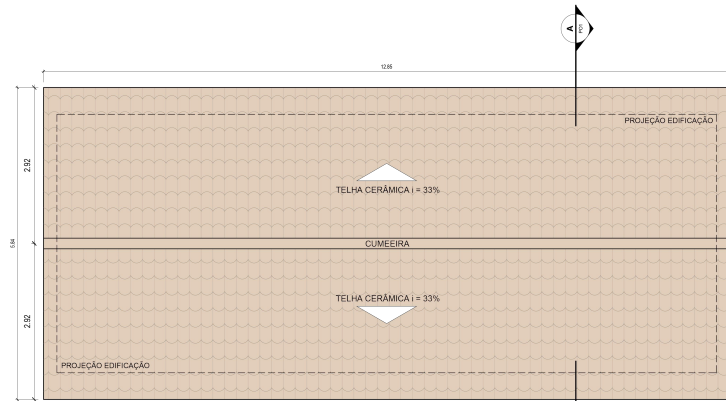


14. Comente na imagem abaixo sua opinião sobre a edificação (se você gosta ou não, o que te agrada ou desagrada na imagem). *

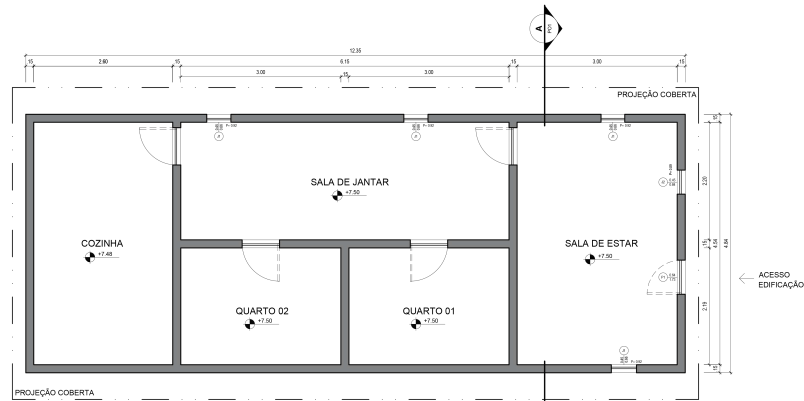


15. Comente na imagem abaixo sua opinião sobre a edificação (se você gosta ou não, o que te agrada ou desagrada na imagem). *



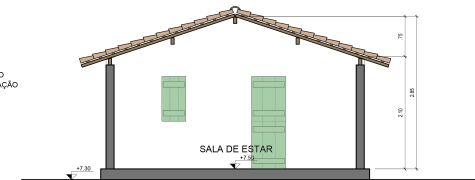


03 PLANTA DE COBERTA - EDIFICAÇÃO PRÉ-EXISTENTE
ESCALA 1/50

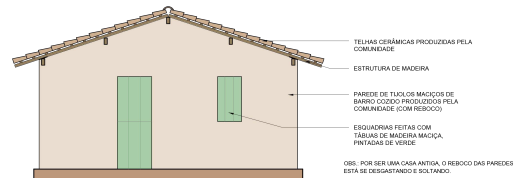


04 PLANTA BAIXA (ATUAL) - EDIFICAÇÃO PRÉ-EXISTENTE
ESCALA 1/50

*OBS: Conferir o dimensionamento interno da edificação. O desenho foi feito com base em medição interna da casa e descrição e desenho da dona da casa sobre o interior da edificação.

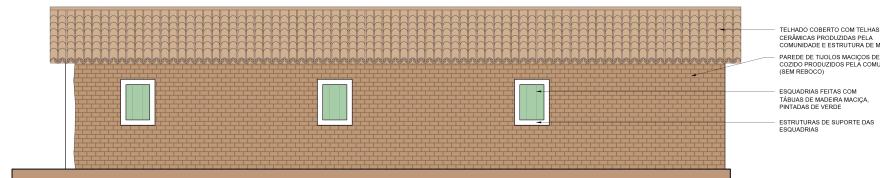


05 CORTE AA - EDIFICAÇÃO PRÉ-EXISTENTE
ESCALA 1/50



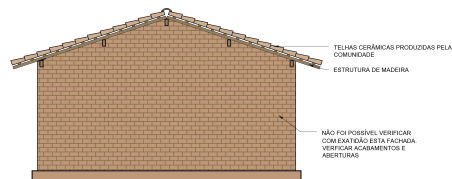
06 FACHADA NORDESTE - EDIFICAÇÃO PRÉ-EXISTENTE
ESCALA 1/50

TELHADO CERÂMICO PRODUZIDAS PELA COMUNIDADE
ESTRUTURA DE MADEIRA
PAREDE DE TIJOLOS MACIÇOS DE BARRO COZIDO PRODUZIDOS PELA COMUNIDADE (COM REBOCO)
ESQUADRIAS FEITAS COM TABUAS DE MADEIRA MACIÇA, PINTADAS DE VERDE
OBS: POR SER UMA CASA ANTIGA, O REBOCO DAS PAREDES ESTÁ SE DESGASTANDO E SOLTANDO



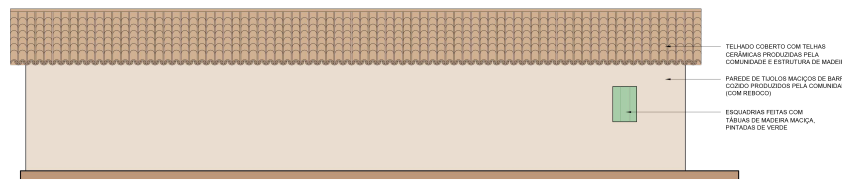
07 FACHADA NOROESTE - EDIFICAÇÃO PRÉ-EXISTENTE
ESCALA 1/50

TELHADO COBERTO COM TELHAS CERÂMICO PRODUZIDAS PELA COMUNIDADE E ESTRUTURA DE MADEIRA
PAREDE DE TIJOLOS MACIÇOS DE BARRO COZIDO PRODUZIDOS PELA COMUNIDADE (SEM REBOCO)
ESQUADRIAS FEITAS COM TABUAS DE MADEIRA MACIÇA, PINTADAS DE VERDE
ESTRUTURAS DE SUPORTE DAS ESQUADRIAS



08 FACHADA SUDESTE - EDIFICAÇÃO PRÉ-EXISTENTE
ESCALA 1/50

TELHADO CERÂMICO PRODUZIDAS PELA COMUNIDADE
ESTRUTURA DE MADEIRA
NÃO FOI POSSÍVEL VERIFICAR COMO ESTÁ SENDO ESTA FACHADA VERIFICAR ACABAMENTOS E ABERTURAS



09 FACHADA SUDESTE - EDIFICAÇÃO PRÉ-EXISTENTE
ESCALA 1/50

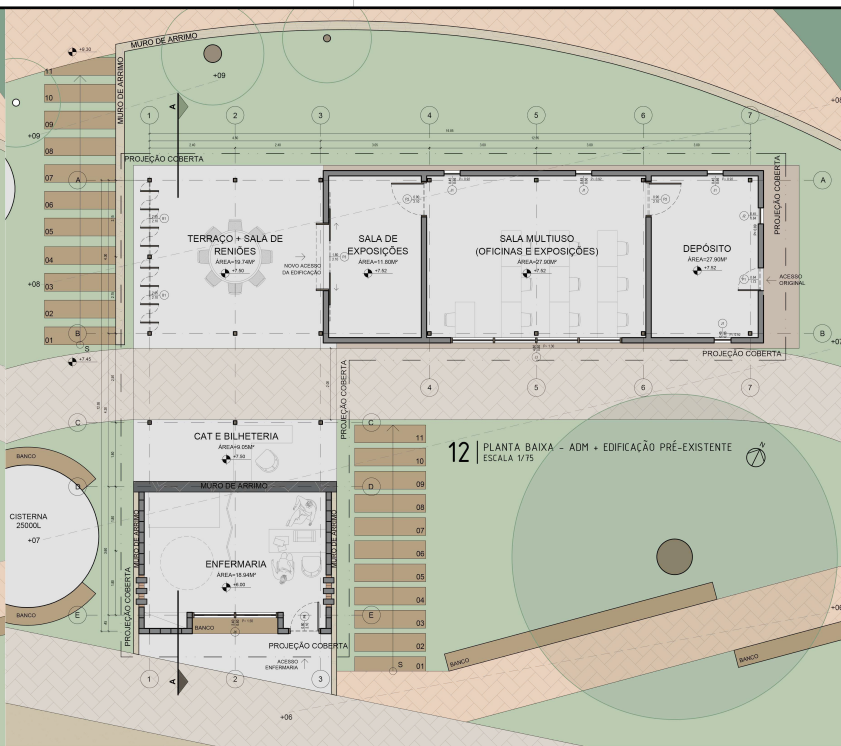
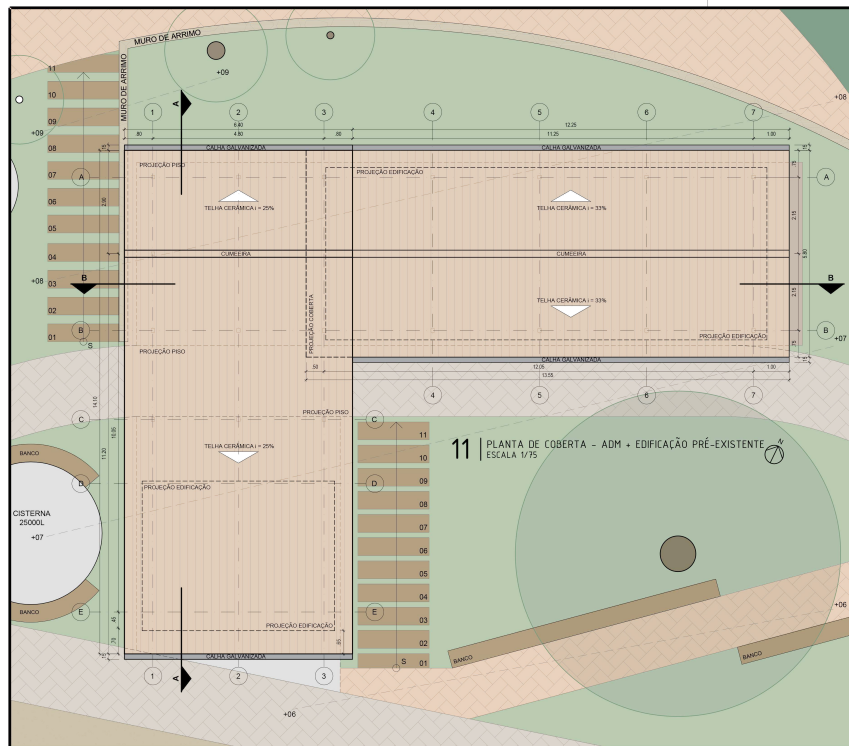
TELHADO COBERTO COM TELHAS CERÂMICO PRODUZIDAS PELA COMUNIDADE E ESTRUTURA DE MADEIRA
PAREDE DE TIJOLOS MACIÇOS DE BARRO COZIDO PRODUZIDOS PELA COMUNIDADE (COM REBOCO)
ESQUADRIAS FEITAS COM TABUAS DE MADEIRA MACIÇA, PINTADAS DE VERDE

CÓDIGO	ALTURA	LARGURA	PÉTIMO	QUADRO DE ESQUADRIAS		
				MATERIAL	ABERTURA	FOLHAS
P1	1,70	0,64	-	FOLHA COBERTURA COM TABUAS DE MADEIRA MACIÇA NATURAL, PINTADA NA COR VERDE	de abrir	1 folha
J1	0,66	0,45	0,92	JANELA COBERTURA COM TABUAS DE MADEIRA MACIÇA NATURAL, PINTADA NA COR VERDE	de abrir	1 folha
J2	0,84	0,45	0,89	JANELA COBERTURA COM TABUAS DE MADEIRA MACIÇA NATURAL, PINTADA NA COR VERDE	de abrir	1 folha

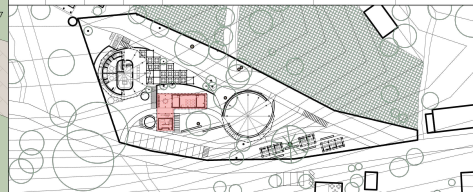


02 PLANTA DE LOCAÇÃO - EDIFICAÇÃO PRÉ-EXISTENTE
ESCALA 1/1000

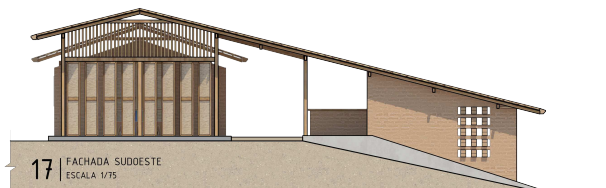
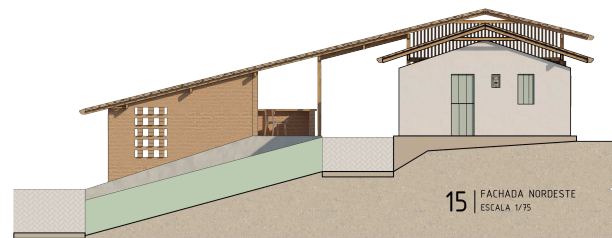
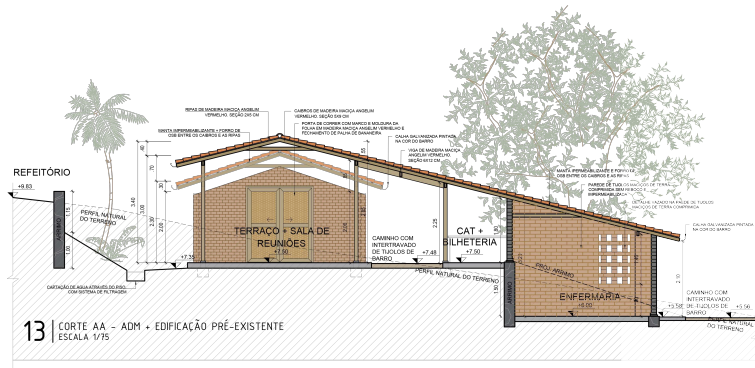
FOLHA	DISCIPLINA	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
02/	ASSUNTO	DETALHAMENTO DE EDIFICAÇÃO PRÉ-EXISTENTE
07	LOCALIZAÇÃO	CAIANA DOS CRIoulos, ZONA RURAL DE ALAGOA GRANDE - PB.
ESCALAS:	DESENHOS:	ALUNO:
INDICADAS	PLANTA DE LOCAÇÃO	CIBELE MEDEIROS DE MEDEIROS
	PLANTA DE COBERTA	DOCENTE:
	PLANTA BAIXA	FELIJO TEIXEIRA DE BARROS PEREIRA
	CORTE A-A	DATA:
	FACHADAS	19/08/22



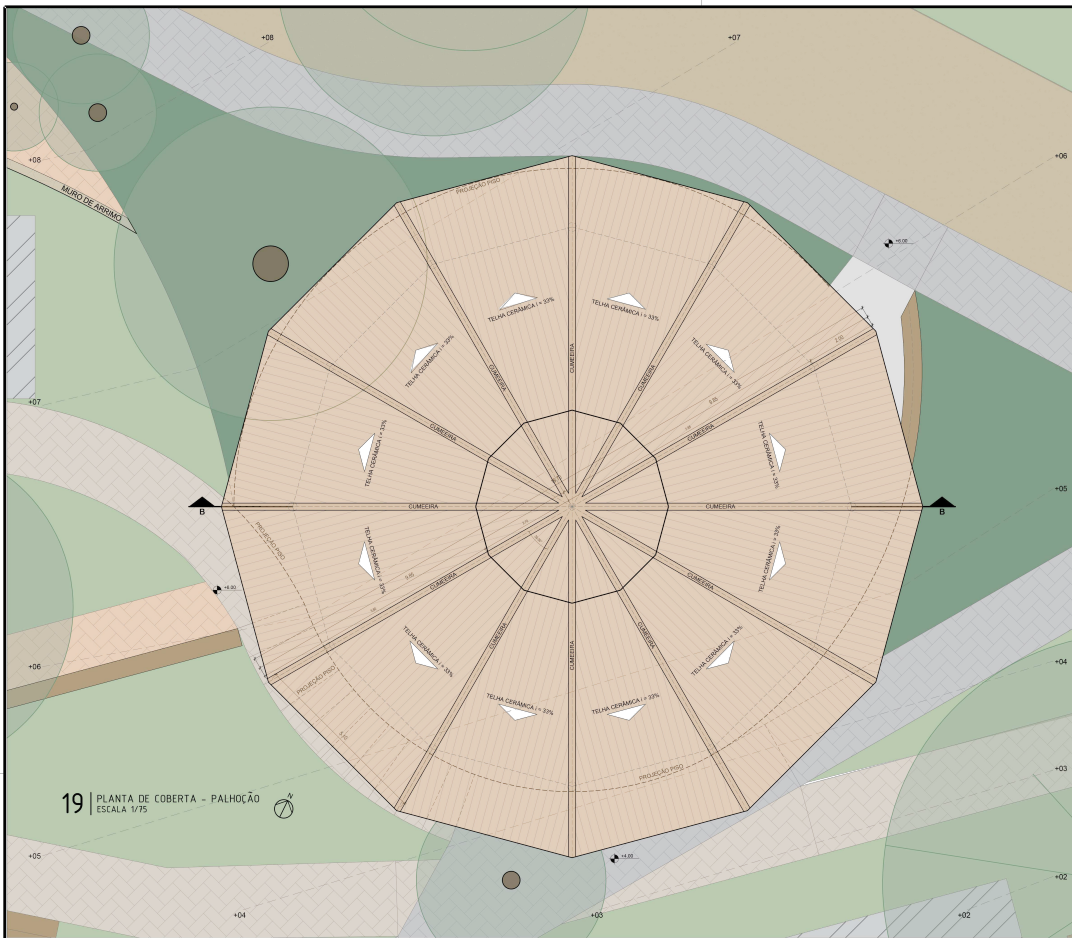
CÓDIGO	ALTURA	LARGURA	PEITORIL	QUADRO DE ESQUADRIAS		FOLHAS
				MATERIAL	ABERTURA	
P1	1.70	0.64	-	PORTA ORIGINAL DA EDIFICAÇÃO	de abrir	1 folha
P2	2.30	0.90	-	MARCO E MOLZURA DA FOLHA EM MADEIRA MACIÇA ANGELIM VERMELHO E FECHAMENTO EM PALHA DE BANANEIRA	de abrir	1 folha
P3	2.30	1.80	-	MARCO E MOLZURA DA FOLHA EM MADEIRA MACIÇA ANGELIM VERMELHO E FECHAMENTO EM PALHA DE BANANEIRA	de correr	2 folhas
P4	2.30	0.8	-	MARCO E MOLZURA DA FOLHA EM MADEIRA MACIÇA ANGELIM VERMELHO E FECHAMENTO EM PALHA DE BANANEIRA	de abrir	1 folha
J1	0.66	0.45	0.92	JANELA ORIGINAL DA EDIFICAÇÃO	de abrir	1 folha
J2	0.84	0.45	0.89	JANELA ORIGINAL DA EDIFICAÇÃO	de abrir	1 folha
J3	0.60	4.80	1.30	MARCO E MOLZURA DA FOLHA EM MADEIRA MACIÇA ANGELIM VERMELHO E FECHAMENTO EM PALHA DE BANANEIRA	basculante	4 folhas
J3	0.60	2.40	1.50	MARCO E MOLZURA DA FOLHA EM MADEIRA MACIÇA ANGELIM VERMELHO E FECHAMENTO EM PALHA DE BANANEIRA	basculante	2 folhas
B1	2.30	2.05	-	BRISAS COM MOLZURA DA FOLHA EM MADEIRA MACIÇA ANGELIM VERMELHO E FECHAMENTO EM PALHA DE BANANEIRA	pivotante	4 folhas



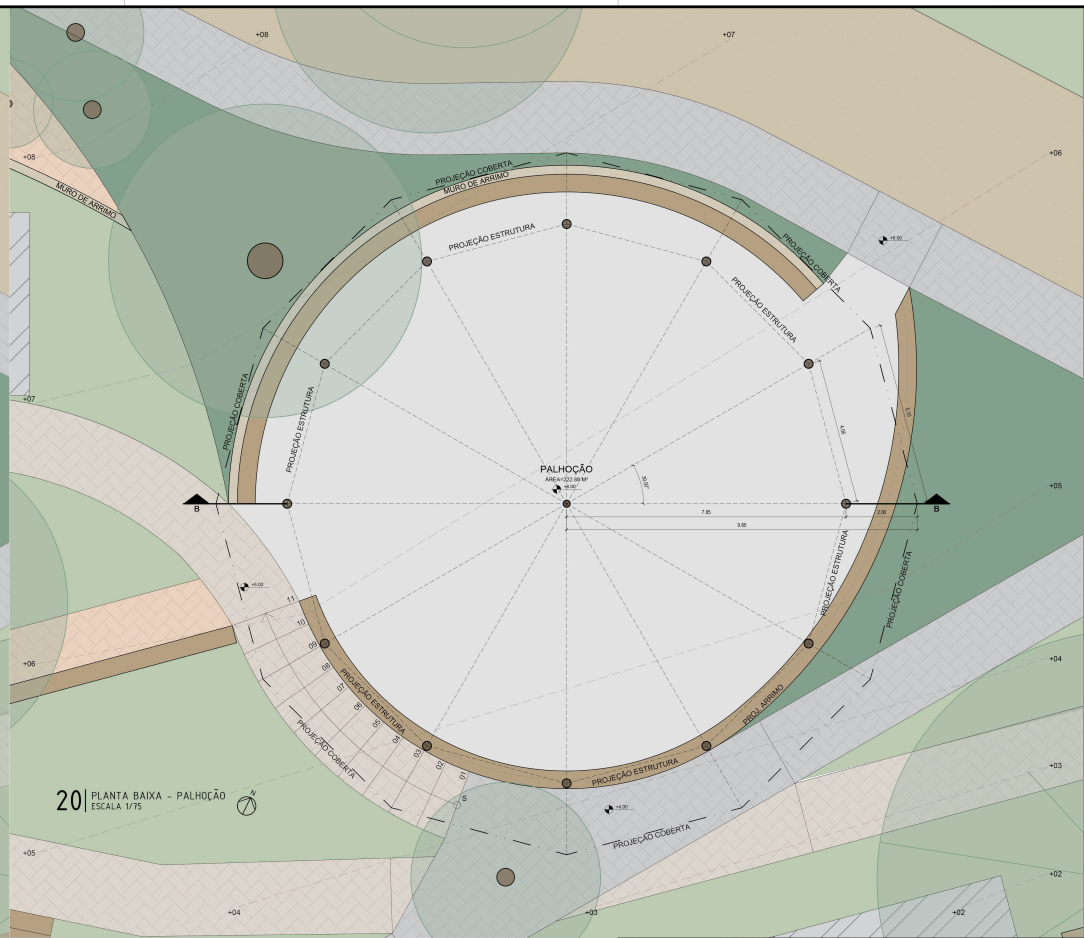
FOLHA	DISCIPLINA : TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	ALUNO(A): CIBELE MEDEIROS DE MEDEIROS
03/ 07	ASSUNTO : PROPOSTA PARA BLOCO ADMINISTRATIVO E EDIFICAÇÃO PRÉ-EXISTENTE	DOCENTE: FULVIO TEIXEIRA DE BARROS PEREIRA
ESCALAS: INDICADAS	DESENHOS: PLANTA DE LOCAÇÃO PLANTA DE COBERTA PLANTA BAIXA	DATA: 19/08/22



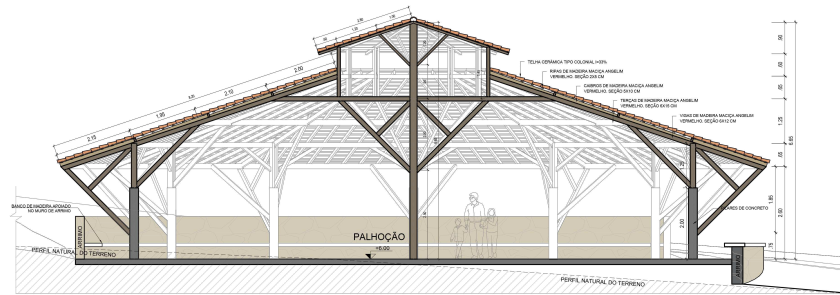
FOLHA	DISCIPLINA : TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	
04/ 07	ASSUNTO : PROPOSTA PARA BLOCO ADMINISTRATIVO E EDIFICAÇÃO PRÉ-EXISTENTE	
	LOCALIZAÇÃO : CAIANA DOS CRIoulos, ZONA RURAL DE ALAGOA GRANDE - PB	
ESCALAS: INDICADAS	DESENHOS: CORTE A-A FACHADAS	ALUNO(A): CIBELE MEDEIROS DE MEDEIROS DOCENTE: FULVIO TEIXEIRA DE BARROS PEREIRA DATA: 19/08/22



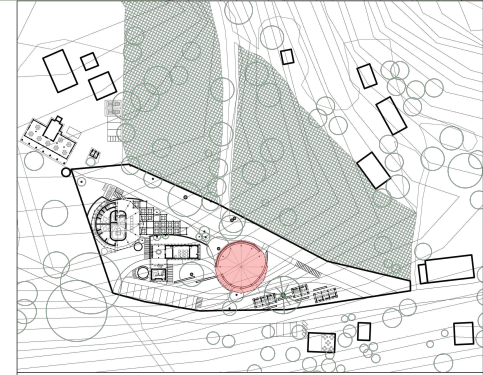
19 | PLANTA DE COBERTA - PALHOÇÃO
ESCALA 1/75



20 | PLANTA BAIXA - PALHOÇÃO
ESCALA 1/75

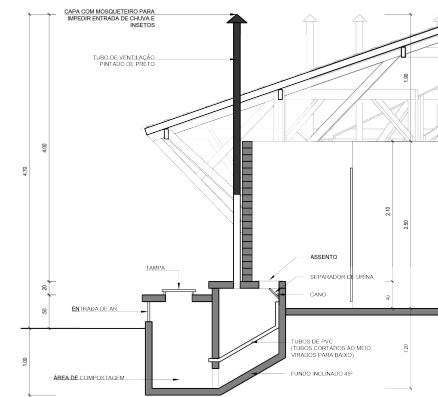
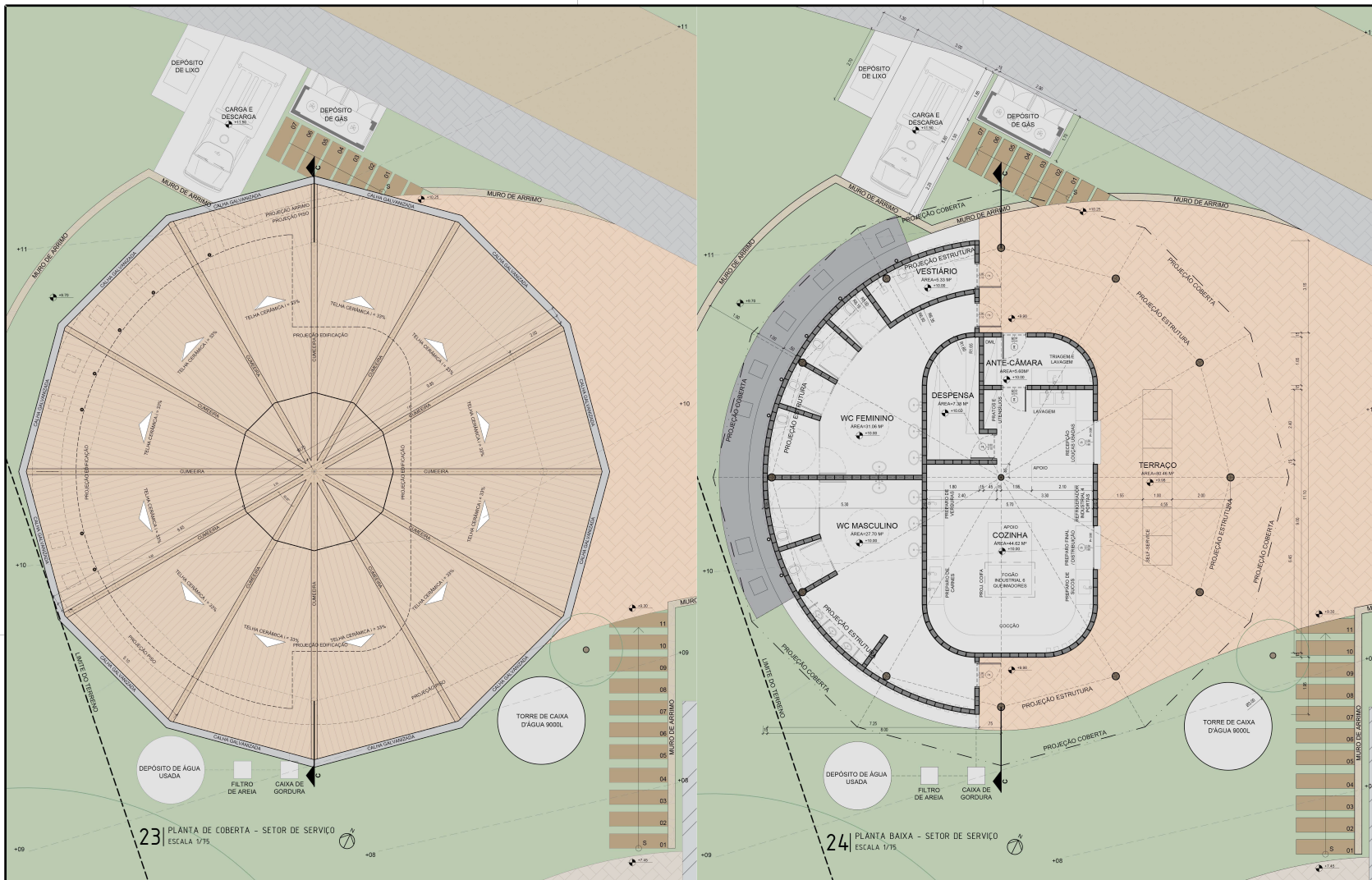


21 | CORTE BB - PALHOÇÃO
ESCALA 1/75



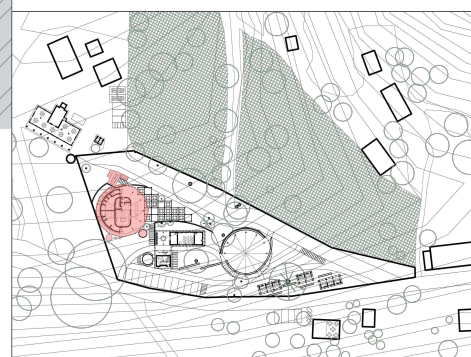
18 | PLANTA DE LOCAÇÃO - PALHOÇÃO
ESCALA 1/500

FOLHA	DISCIPLINA : TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	ALUNO(A): CIBELE MEDEIROS DE MEDEIROS
05/ 07	ASSUNTO : PROPOSTA PARA O PALHOÇÃO	DOCENTE:
ESCALAS:	LOCALIZAÇÃO : CAIANA DOS CRIoulos, ZONA RURAL DE ALAGOA GRANDE - PB.	PROFESSOR: FELIPE TEIXEIRA DE BARROS PEREIRA
INDICADAS	DESENHOS: PLANTA DE LOCAÇÃO PLANTA DE COBERTA PLANTA BAIXA CORTE BB	DATA: 19/08/22

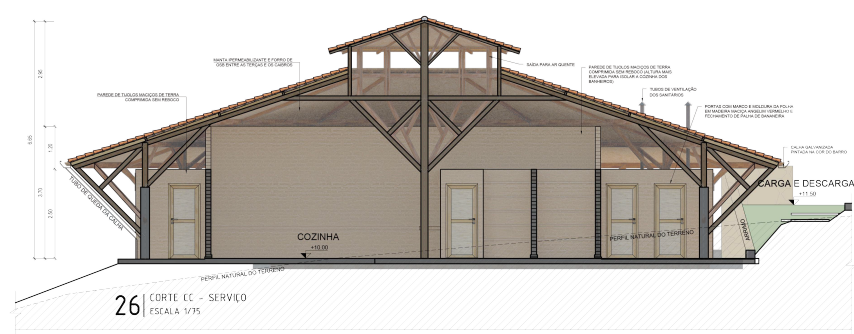


25 DETALHE SANITÁRIO BASON
ESCALA 1/40

CÓDIGO	ALTURA	LARGURA	PITORIL	QUADRO DE ESQUADRIAS		
				MATERIAL	ABERTURA	FOLHAS
P4	2,30	0,8	-	MARCO E MOZEDA DA FOLHA EM MADEIRA MACÍCA ANGULUM VERMELHO E FECHAMENTO EM PAUSA DE BANDEIRA	de abrir	1 folha
J5	3,60	2,50	0,90	MARCO E MOZEDA DAS FOLHAS EM MADEIRA MACÍCA ANGULUM VERMELHO E FECHAMENTO EM PAUSA DE BANDEIRA	gullitina	2 folhas



22 PLANTA DE LOCAÇÃO - SETOR DE SERVIÇO
ESCALA 1/100



26 CORTE CC - SERVIÇO
ESCALA 1/75

FOLHA	DISCIPLINA	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	ALUNO(A)	CIBELE MEDEIROS DE MEDEIROS
06/07	ASSUNTO	PLANTA DE LOCAÇÃO PLANTA DE COBERTURA PLANTA BAIXA DETALHE BASON CORTE CC	ORIENTE	FILIZO TEIXEIRA DE BARROS PEREIRA
ESCALAS:	INDICADAS		DATA:	19/08/22



27 | FACHADA SUDESTE - SERVIÇO
ESCALA 1/75



28 | FACHADA NORDESTE - SERVIÇO
ESCALA 1/75



29 | FACHADA NORDESTE - SERVIÇO
ESCALA 1/75



30 | FACHADA SUOESTE - SERVIÇO
ESCALA 1/75

FOLHA	DISCIPLINA : TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	
07/ 07	ASSUNTO : PROPOSTA PARA O SETOR DE SERVIÇO	
	LOCALIZAÇÃO : CAIANA DOS CRIoulos, ZONA RURAL DE ALAGOA GRANDE - PB.	
ESCALAS: INDICADAS	DESENHOS: FACHADAS	ALUNOVA: CIBELE MEDEIROS DE MEDEIROS DOCENTE: FULVIO TEIXEIRA DE BARROS PEREIRA DATA: 18/08/22